

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO**

**PUC-SP**

**CINTHIA APARECIDA LEMES**

**A LÍNGUA PORTUGUESA DE ANGOLA: DESCRIÇÃO DOS  
PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS COM BASE EM  
TEXTOS LITERÁRIOS**

**MESTRADO EM LÍNGUA PORTUGUESA**

**SÃO PAULO  
2013**

CINTHIA APARECIDA LEMES

**A LÍNGUA PORTUGUESA DE ANGOLA: DESCRIÇÃO DOS  
PROCESSOS DE FORMAÇÃO DE PALAVRAS COM BASE EM  
TEXTOS LITERÁRIOS**

Dissertação apresentada à Banca Examinadora da  
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo,  
como exigência parcial para obtenção do Título de  
Mestre em Língua Portuguesa, sob a  
orientação da Prof. Dr. Dieli Vesaro de Palma.

SÃO PAULO  
2013

**BANCA EXAMINADORA**

---

---

---

---

---

---

---

---

---

---

## DEDICATÓRIA

*À minha mãe, por me apoiar e sempre sonhar comigo;*

*Ao meu pai, por me esperar chegar tarde depois de dias de longos estudos;*

*À minha irmã, por me incentivar a ir longe e não me deixar desistir;*

*Ao João Henrique, por estar sempre ao meu lado mesmo com as oscilações de humor.*

*A todos que não me deixaram desistir.*

## AGRADECIMENTOS

*A Deus, por permitir que eu realizasse este trabalho e por me dado forças para  
terminá-lo;*

*À minha família e a todos os que me encorajaram a ir cada vez mais longe;*

*À professora Dieli Vesaro de Palma, por suas palavras orientadoras, pela paciência  
desempenhada, pela compreensão e por tudo o que ela me ensinou;*

*À professora Neusa Maria Barbosa Bastos e à professora Regina Helena Pires Brito  
por todas as considerações que ambas fizeram do meu trabalho;*

*À Adriana Souza por compartilhar de meus sofrimentos e aflições como boa ouvinte e  
conselheira;*

*Aos meus amigos que de algum modo me ajudaram e torceram por mim.*

*À Pontifícia Universidade Católica pela oferta do curso pelo Programa de Língua  
Portuguesa.*



## RESUMO

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa de História e Descrição de Língua Portuguesa do grupo de pesquisa da PUCSP. Seu tema são os processos de criação de palavras e os neologismos no português angolano com base em textos literários de escritores do país, a saber: Luandino Vieira (1963), João Melo (2002), Ondjaki (2002). Esses escritores escrevem uma literatura engajada e suas histórias estão atreladas ao contexto social do país narrando como foi para o povo angolano passar pelo processo de independência do jugo de Portugal (1961-1975), pelo período de pós-colonização e pela guerra civil (1975-2002) e como os angolanos fizeram para buscar a sua identidade nacional e começar a construir uma nova história para eles, desta vez sem guerra ou disputa pelo poder.

Neste trabalho, discute-se a questão do multilinguismo angolano e a quantidade de etnias com suas línguas que existem no país e convivem, algumas pacificamente, outras nem tanto. A discussão desse tema se mostra relevante porque busca identificar em quais aspectos a língua portuguesa angolana possui marcas próprias que a diferenciam da língua portuguesa de Portugal.

Muitas das transformações na língua portuguesa de Angola foram condicionadas pela resistência ao modelo de cultura e de língua que até a independência os angolanos haviam recebido de seu colonizador. Então, inserir palavras, estruturas gramaticais e/ou a entonação das línguas nacionais à língua portuguesa era tornar mais nacional a imposição de uma língua oficial. O fato de os angolanos concordarem com a oficialidade da língua como objetivo de se manter a paz entre as etnias, não queria dizer que cada um não pudesse deixar a língua do seu jeito, mais angolana. O que se vê nesta dissertação são descrições e reflexões mescladas a análise da variante angolana. Os resultados da análise constaram que a grande parte dos processos derivacionais da língua angolana foram baseados na língua nacional quimbundo, havendo acréscimos de sufixos e desinências (como plural) da língua portuguesa; houve também um grande número de ocorrências de neologismos de forma.

**PALAVRAS-CHAVE:** língua portuguesa de Angola; formação de palavras, história de Angola; neologismos.

## **ABSTRACT**

This present assignment is insert on a Research Line of History and Description of Portuguese Language of the research group of PUC-SP. It has as theme the creation process of the words and the neologisms in Angolan Portuguese based on literary texts from the own country, to know: Luandino Vieira (1963), João Melo (2002), Ondjaki (2002). These writers work on a engaged literature and their stories are connected with social context of the country, telling how people passed through the process of Independence from Portugal (1961 -1975), the period after colonization and the Civil War (1975-2002) and how angolans looked for their national identity and started to build a new story for themselves, this time with no war or power competition.

In this assignment, it's discussed the question of multilingualism in Angola and number of ethnic groups with own languages existing in the country and living together, some pacifically and others not that much. The discussion about this theme is relevant because it tries to identify in which aspects the Angolan Portuguese language has its own marks that differentiate it of Portuguese language from Portugal.

Many transformations in Portuguese language of Angola were enabled by the resistance to the culture and language model that, until the Independence, Angolans had received from their colonizing. So, insert words, grammatical structures and/or intonation of national languages to Portuguese language meant to turn more national the imposition of an official language. The fact that Angolans agreed with the official language as a goal to keep peace between ethnic groups had not meant each Angolan could not give typical characteristics to the language, turning it more Angolan. What is seen in this paper are descriptions and reflections mixed to analysis about the Angolan variation. The results of the analysis say that a big part of the derivational process of Angolan language were based in the national language quimbundo, with increase of suffixes and desinences (like plural) from Portuguese language; there was also a large number of neologisms of form incidents.

Keywords: Portuguese Language of Angola; formation of words; history of Angola; neologisms

## Sumário

INTRODUÇÃO .....	12
CAPÍTULO I – ANGOLA, que país é esse?.....	17
1.1 Redescoberta de um continente .....	17
1.2 Disputas de territórios.....	19
1.3 Da formação de Angola até metade do século XX .....	21
1.4 A Revolta Armada de 1961 – A Revolução dos Cravos .....	27
1.5 Tratados de cessar-fogo .....	32
1.6 Ponte Aérea Emergencial .....	33
1.7 Pós-independência e a internacionalização da luta de Angola .....	34
1.8 Reflexões sobre a economia angolana.....	36
1.9 Educação em Angola de 1961 até os dias de hoje .....	38
CAPÍTULO II – MORFOLOGIA .....	44
2.1 – Reflexões sobre a língua portuguesa de Angola .....	44
2.2 - As línguas e os grupos étnicos de Angola.....	48
2.2.1 - Multilinguismo em Angola.....	53
2.3 Morfologia da língua portuguesa .....	57
2.3.1 Conceito de morfema e seus tipos.....	59
2.4 O conceito de léxico e a morfologia lexical – formação de palavras.....	62
2.5 Outros processos de formação de palavras .....	66

2.5.1 Neologismo .....	67
2.5.2 Empréstimos linguísticos.....	69
CAPÍTULO III – LITERATURA ANGOLANA E SEUS AUTORES .....	70
3.1 Conceitos da literatura africana e da literatura angola .....	71
3.2 Autores, biografia e análise .....	79
3.2.1 José Luandino Vieira – vida e obra.....	79
3.2.1.2 – Análise de Luuanda de Luandino Vieira .....	84
3.2.2. João Melo – vida e obra.....	92
3.2.2.1 – Análise Tio mi dá só cem de Filhos da Pátria.....	93
3.2.3 Ondjaki – vida e obra .....	99
3.2.3.1 - Análise de Ynari de Ondjaki.....	100
3.5 Quadro -síntese da análise .....	102
CONCLUSÃO .....	105
Referências bibliográficas .....	108
ANEXOS A - Luandino Vieira.....	111
ANEXOS B – João Melo .....	115
ANEXO C - Ondjaki.....	116

## INTRODUÇÃO

O presente trabalho insere-se na linha de pesquisa História e Descrição da Língua Portuguesa e tem como tema a descrição dos processos de formação de palavras e os neologismos da língua portuguesa angolana na morfologia derivacional. Nele, se analisam três autores inseridos historicamente em épocas diferentes na literatura de Angola com o objetivo de verificar como a variante do português angolano se concretiza em seus textos escritos e, em especial, nos aspectos da morfologia derivacional o que foi mais comum acontecer no processo de formação de palavras. Para tanto, será necessário refletir sobre a história de Angola, abordar o período de colonização e pós-colonização, a guerra civil e a disputa pelo poder pelos principais partidos. Também, será importante construir um aporte teórico para a análise das obras, abordando os principais pontos dos estudos morfológicos e sua forma de identificação dos morfemas.

Inicialmente, o projeto desta pesquisa era abordar uma gramática angolana e a língua portuguesa sob a perspectiva da historiografia linguística. Também se objetivava refletir sobre a criação de novas escolas para todos, sobre a preocupação com o ensino da língua portuguesa em Angola demonstrada através dos documentos governamentais. No entanto, nenhuma gramática foi encontrada com as pesquisas linguísticas modernas, o que se encontrou foi um material escrito por um jurista angolano com ideias linguísticas ultrapassadas, ou seja, o que ele expunha em seu material, que ele chamava de manual de estilo e de falar bem, eram ideias combatidas no Brasil e no mundo com as recentes publicações, por não aceitarem a diversidade linguística presente em uma língua nacional. Então, fizemos a opção por não utilizar o material encontrado ficando sem corpus para a realização do trabalho.

Buscas nos consulados e conversas com angolanos foram feitas com o objetivo de se encontrar uma nova gramática para servir de *corpus*, mas os contatos se mostraram muito simpáticos e prestativos a ajudar, mas nenhuma ação nesse sentido foi realizada e respostas às tentativas de contatos posteriores aos pedidos não foram dadas.

Um dos objetivos de pesquisa era verificar se existia, atualmente, uma Língua Portuguesa angolana, com marcas próprias que a diferenciem do Português Europeu e do Português Brasileiro. Para atingir esse objetivo, o foco do trabalho foi alterado e se buscaram obras literárias para se desenvolver uma descrição da língua portuguesa, no

campo da morfologia, mais especificamente em relação aos processos de formação de palavras. Como consequência desse redirecionamento, as perguntas que orientam a investigação são: existe uma língua portuguesa com características próprias no país? Existe um português angolano (PA)? A história de Angola motivou a modificação da língua portuguesa do país? Quais são as características do português de Angola? Quais são as línguas nacionais que mais influenciaram a língua portuguesa? Como é a educação da língua portuguesa?

Sendo assim, esse trabalho busca a descrição da Língua, tendo como *corpus* a obra de José Luandino Vieira (1962), *Luuanda*; a de Ondjaki (2001), *Ynari*; e a de João Melo (2001), *Filhos da Pátria*. A justificativa da escolha desses autores foi fundamentada por sua participação em uma literatura chamada de literatura engajada de reflexão sobre a história e a sociedade angolana. Esses autores não ficaram alheios às discussões e registraram em seus textos o sofrimento das pessoas. A chamada literatura engajada reflete sobre vários problemas sociais e os períodos de dificuldades econômicas, políticas ou de guerra pelos quais um país ou pessoas experimentam. No caso deste trabalho, seus autores são considerados engajados já que seus temas denunciam os problemas sociais existentes e são participativos, levando em consideração aquilo que o homem angolano quer, deseja e precisa para conseguir uma vida digna e justa.

Abordando aspectos comuns entre os autores escolhidos, tem-se que Luandino Vieira escreve suas impressões e as situações de um povo que se envolveu na luta da Revolução dos Cravos em 1961 e a confusão em que ficaram os *musseques* com a perseguição, a falta de emprego e a fome até o estabelecimento da calma. Em *Luuanda* (1962), seu autor traz um conjunto de contos descrevendo o período colonial tardio, o mundo dos *musseques*, as condições precárias das pessoas e o papel dos anciãos na sociedade. Os habitantes dos *musseques* eram perseguidos constantemente por *cipaios* (policiais) por causa de um episódio que marcou muito a história do país. Por vezes, quem vinha defender um morador era uma idosa que tinha o poder de negociação com os policiais. No livro, o autor coloca a questão dos idosos como pessoas sábias e de defensoras da tradição.

João Melo, em *Filhos da Pátria*, aborda o tema da conformação de Angola após a assinatura do tratado de paz entre o MPLA e a UNITA. Para Kelm, *Filhos da Pátria* “flagra o cerne das questões identitárias em Angola: o jogo de diferenças e semelhanças

onde diversos elementos culturais se mesclam e, por vezes, disputam supremacia” (KELM, 2011 apud LIMA, 2013, p. 53). Nos contos de Melo, é possível ver a luta de grupos étnicos na pós-independência bem como as disparidades sociais. Um de seus personagens não encontra a sua identidade no país onde vive e nem quando está em outro país porque quando ele está em Angola não pode ser considerado angolano e quando ele está em outro país ele afirma ser angolano, mas as pessoas não acreditam nele por causa da cor de sua pele. A situação da personagem de Melo é muito comum entre os angolanos brancos no geral que acabam não tendo uma identidade em lugar nenhum.

Já na obra *Ynari* de Ondjaki (2002), o autor por meio de sua personagem, dá a voz à população angolana que estava sofrendo com a guerra civil. Ele aborda em sua história a confusão entre as tribos que não se entendiam e estavam em plena guerra civil. É uma alegoria da história do país oferecendo soluções de como poderia se alcançar a paz.

Como esta pesquisa trabalha com textos escritos, temos aqui algo que é uma representação escrita da língua portuguesa angolana, mas não é de toda a língua portuguesa falada em Angola, pois as palavras escritas nos contos, de certo modo, acabaram passando pelo crivo do autor que selecionou apenas as mais usuais e já “cristalizadas” pelo uso para dar voz às suas personagens, mas isso não tira a importância dela já que as palavras de uso frequentam mostram uma descrição que tenta ser fiel à linguagem cotidiana ou popular.

Contextualizando Angola histórica e socialmente, temos que o país conquistou a independência de Portugal tardiamente, em 1975 sob a liderança de Agostinho Neto, após quinze anos de luta armada contra o regime colonial e o início de uma nação independente. Esse período é o que o autor literário Luandino Vieira representa com a sua obra. Após esse período, o país passou a lutar fervorosamente por sua identidade nacional, um testemunho heroico e corajoso que conta a história de um povo na busca pela soberania do país, representada pelas obras de João Melo e Ondjaki. Este aborda questões sobre as consequências das etnias não se entenderem, que podem ser drásticas e matar muita gente.

Apesar dos flagelos deixados com anos de exploração, os angolanos não desistiram de sonhar e buscar construir a sua história. Atualmente, Angola é dividida em 18 províncias e é um mosaico de línguas, etnias e tradições. É um país construído na

multiplicidade, uma nação jovem, rica em reservas naturais. Tanto nos contos de Luandino Vieira e de João Melo, aparece a questão do multilinguismo de Angola. O país possui desde 1975 a língua portuguesa como oficial, no entanto, as línguas nacionais coexistem com a língua portuguesa. As sete línguas nacionais mais faladas são: o fyote, o tchôkwe, o ngangela, o kikongo, o quimbundu, o umbundu, o kwanyama e o nyaneka-humbi — e mais outras línguas africanas e inúmeros dialetos. O umbundu foi a língua mãe de 26% dos angolanos; e o quimbundu foi justamente a que mais influenciou, linguisticamente falando, o português falado no país. Nas obras, portanto, aparecem palavras originadas da língua nacional umbundo.

Angola é considerada uma potência na África com grandes possibilidades de crescimento e ascensão. A cada ano, o país apresenta o crescimento de seu PIB devido à exportação de petróleo e exploração dos diamantes. O país chegou a ter um crescimento de 15% do seu PIB ficando perto de países como a Índia e a China no panorama mundial. Mas esse desenvolvimento não reflete na população como um todo: a expectativa de vida é de menos de 50 anos; 65% da população vive abaixo da linha de pobreza e quase 80% da população vive da economia informal.

Sobre o ensino da língua portuguesa, a lei de obrigatoriedade de ensino é apenas para crianças com oito anos, mas a porcentagem de crianças que ainda não está matriculada é grande. Quando se compara a quantidade de alunos matriculados nas áreas urbanas e rurais, a disparidade é muito grande; e, entre sexos, há mais meninos em escolas que meninas. A taxa de analfabetos é alta e falta o governo investir mais na qualificação de professores e em seus salários. No entanto, desde 2000, algumas universidades começaram a surgir, mas a sua grande maioria está concentrada em Luanda.

A dissertação está organizada da seguinte forma: no primeiro capítulo reflete-se sobre a história de Angola desde sua descoberta até anos posteriores a guerra civil em 2002. Nesse capítulo, são abordados temas políticos, econômicos, sociais e sobre a educação da língua portuguesa. No segundo capítulo, é construída a fundamentação teórica para a análise da obra com temas sobre a morfologia da língua portuguesa com aspectos como tipos de morfemas, morfemas lexicais e flexionais além de tratar de neologismos, gírias, entre outros aspectos; entretanto, antes, são abordadas as questões do multilinguismo angolano e as etnias que existem(iram) em Angola em um panorama para melhor entendimento. No terceiro e último capítulo, são abordadas a história da

literatura africana e angolana; a biografia dos autores, suas contribuições para a literatura; uma síntese das obras dos autores e análise de trechos das obras escolhidas, finalizando com um quadro síntese sobre os processos de formação de palavras mais encontrados nas obras dos autores selecionados.

## **CAPÍTULO I – ANGOLA, que país é esse?**

Reconstruir a história de Angola se faz importante neste trabalho para se entenderem as influências da história nas obras dos autores escolhidos para a análise. A reconstrução da história de Angola é importante para se entender a sua influência na vida dos autores e principalmente em suas obras. Ela é necessária para que se conheça o país do ponto de vista histórico, político econômico e educacional para que se possa discutir a língua portuguesa que ele fala. Sendo assim, este capítulo objetiva: caracterizar Angola como país, por meio da apresentação de diferentes aspectos de sua história e para se entenderem as influências dessa história nas obras dos autores escolhidos.

### **1.1 Redescoberta de um continente**

Por muito tempo, os países da África foram nações sem bases e documentos internos que comprovassem ou afirmassem sua história, ou melhor, sua verdadeira história. O que se dispunha eram os escritos feitos por pessoas não africanas, sendo assim a visão que era transmitida, na realidade, era suposição ou achismo. Em função dessa visão europeia e exterior aos fatos, muitos não acreditavam que a África pudesse ter sido responsável por culturas e tradições. A ideia comum dos europeus era que os africanos eram mercadorias “dignas” do trabalho braçal, sendo essa, durante muitos anos, a forma de identificação do negro, a sua identidade.

Quando os países da África alcançaram sua independência, os próprios africanos perceberam a necessidade de se criarem bases a respeito de sua história, de se estabelecer defesa frente ao que foi imposto e de se contar a versão interna dos fatos. Junto aos dados escritos, a arqueologia foi a fonte principal para a comprovação dos escritos e da oralidade e, com ela, foi possível chegar ao resultado de questões, antes colocadas como duvidosas. A tradição oral também é marcada como fonte indispensável ao agrupamento de informações para se chegar à história, pois é por meio dela que se pode estabelecer a visão interna, a visão africana do real passado.

O autor Ki-Zerbo (2010) coloca, logo na abertura de seu livro publicado pela UNESCO, a seguinte frase: “Depois dos leões, foram descobertas as minas, grandes fontes de lucro, e as ‘tribos indígenas’ que eram suas proprietárias, mas que foram incorporadas às minas como propriedade das nações colonizadoras” (KI-ZERBO, 2010, p. XXXI). Isso significa que, assim que os colonizadores pisaram em solo africano, seu único objetivo era o de explorar o que havia nele. Tudo, inclusive homens e mulheres podiam ser explorados e com autorização da Igreja Católica para isso. Não havia por que ter freios e ter atos de humanidade já que não era “ilegal” o que os exploradores foram fazer ali.

A história da África é, acima de tudo, um indício de que as vendas foram retiradas, tanto dos olhos dos não africanos, quanto dos olhos dos próprios africanos, nos sentido de se perceber que a história precisa ser reescrita partindo de outros alicerces. Não é desforra, e, sim, a “ressurreição” de um povo que se viu obrigado a “baixar a guarda” e aceitar a exploração, o tráfico de escravos e a negação de suas tradições e origens. Devido a isso, há na história de vários países africanos uma aceitação para todos os males que aconteceram com eles, justamente porque, ao longo dela, foi isso o que lhe ensinaram: o conformismo.

Com o auxílio da tradição oral, das fontes escritas e o apoio da arqueologia, verdades vieram à tona sobre os países africanos, colocando em dúvida afirmações que desvalorizavam a história africana. Então reescrever essa história se tornou primordial, pois era necessário avaliar e comprovar a história verdadeira, pois “para não substituir um mito por outro, é preciso que a verdade histórica, matriz da consciência desalienada e autêntica, seja rigorosamente examinada e fundada sobre provas” (KI-ZERBO, 2010, p. XXXIII), para que, dessa forma, tenhamos apenas a verdade, sem distorções.

Por observações do Mapa Mundi, a “África parece dar as costas para o resto do velho mundo” (KI-ZERBO, 2010, p. XXXIV). Geograficamente falando, a África se encontra em um “mar” de isolamento das outras nações e, em consequência disso, veio a demora do progresso. É preciso que ela se fortaleça em si mesma e que vários países tomem as rédeas de sua própria economia para que se possa conseguir o desenvolvimento pleno de cada setor do país. Atualmente, vários países, no entorno de Angola, perceberam que existe uma grande fonte de riqueza neles e que, se tiverem uma grande liderança do país, eles podem ser futuramente um país líder dos demais porque sua fonte de riqueza é imensa.

## 1.2 Disputas de territórios

Bartolomeu Dias foi o primeiro marinheiro a dobrar o Cabo da Boa Esperança na África do Sul, em 1488. E, um século depois, seu neto, disposto a conquistar um império na África, desembarcou em Angola. Ali, quando os portugueses chegaram, estavam “atraídos por ouro, cera, madeira, escravos, pimenta e sal, sendo este último produzido em grande quantidade em Angola, e posteriormente, muitos ‘clientes’ estavam prestes a chegar para disputar toda a riqueza natural deste continente”. (RIBEIRO, 2009, p. 05). Os outros “clientes” começaram a chegar algum tempo depois e eram eles ingleses, alemães, belgas, franceses e holandeses. Com toda essa disputa:

Portugal intercedeu junto de Inglaterra, não tendo obtido resposta imediata. Só mais tarde é que apoiou os projectos portugueses, em troca de liberdade de navegação pelo Congo e de outras concessões, enquanto Portugal via desaparecer a sua influência naquela parte de África e era criticado pela Alemanha, França e outros países que também tinham ambições similares às dos Belgas. Para resolver esta situação, foi sugerida uma Conferência Internacional, que veio a realizar-se em Berlim em 1884, sendo Portugal representado por António Serpa, Luciano Cordeiro e o Marquês de Penafiel. (RIBEIRO, 2009, p. 06)

Muitos cobiçaram as riquezas do país. Leopoldo II, rei dos belgas, fundou a Associação Internacional do Congo apoiado pelo americano Stanley. Ele negociou com chefes indígenas meios de ficar com regiões pertencentes aos portugueses. Na referida conferência, a Bélgica conseguiu manipular as nações presentes que abandonaram os acordos feitos com Portugal para assumi-los com os belgas. Portugal teve prejuízos muito grandes com isso. Porém, a Associação Internacional foi dissolvida e fundou-se o Estado Livre do Congo, tendo Leopoldo II como seu soberano. Havia uma liberdade de circulação no Congo e em seus afluentes e ficou acordado que “todos os Estados que viessem a adquirir territórios em África fossem obrigados a comunicar o facto às potências representadas em Berlim” (RIBEIRO, 2009, p. 06)

Em 1886, partilharam a África entre Portugal, França, Alemanha, Inglaterra, Itália e Espanha. Aproveitaram, na assinatura do tratado, para delimitar as fronteiras de Guiné, com a França e as fronteiras de Angola e Moçambique. Segundo Ribeiro (2009, p. 06), “Portugal juntou a estes tratados uma cláusula pela qual aqueles dois países [Angola e Moçambique] lhe reconheciam o direito de exercer sua influência soberana e civilizadora”. No entanto, a rainha Vitória da Inglaterra contestou o documento de Portugal alegando que o país não seria capaz de “garantir a ordem, proteger os estrangeiros e acautelar os indígenas”. (RIBEIRO, 2009, p. 07). Segundo a autora,

O esforço para mantermos os territórios imperiais colocava a nação numa posição muito frágil, sobretudo em relação aos seus parceiros da Europa e, se por um lado as pressões internas, a par dos conflitos externos marcaram posição, por outro lado, a crise de identidade imperial/nacional consubstanciada na encruzilhada de Brasil/África estava agora agravada, em Portugal, no século XIX. (RIBEIRO, 2009, p. 08)

Houve durante um tempo um período de perdas muito grande para Portugal que tentava manter suas colônias para que outras nações não as roubassem. Além disso, o país tentava conter os conflitos no Brasil que clamava por independência.

Quando o Brasil ficou independente, toda a esperança de Portugal voltou-se para Angola que poderia ser um novo Brasil aos olhos dos portugueses. Segundo Ribeiro, no contexto do conflito político,

debatia-se a fixação do império português africano no âmbito da corrida europeia a África. Portugal estava arruinado e havia quem propusesse a alienação dos territórios para salvar a metrópole e evitar a hipotética humilhação da expropriação desses territórios pelas potências coloniais europeias, e assim, Portugal procurou situar *estações civilizadoras* em África, onde se exerceriam os seus direitos “históricos” (RIBEIRO, 2009, p. 09)

Os escritores portugueses nessa época, como Eça de Queirós, discutiam em seus livros a condição de Portugal e o sonho que as pessoas nutriam de ir para as colônias e voltar ricas, como no trecho a seguir:

Deves agora estar ansiosa por saber da grande chegada do primo Gonçalo. Foi realmente brilhante, e parecia uma recepção de pessoa real (...) Não imaginas comovem... óptimo! Até mais bonito, e sobretudo mais homem. A África nem de leve lhe tostou a pele. Sempre a mesma brancura. E duma elegância, dum apuro! Prova de como se adianta a civilização de África!”. (Queirós, 1983, apud RIBEIRO, 2009, p. 11)

Nesse ponto da história, é preciso construir um império em Angola e dar atenção ao lugar até então negligenciado. Foram enviados então homens para lá para colonizar o local. Era preciso explorar a região e descobrir o que poderia ser aproveitado da região e o que seria mais lucrativo.

### **1.3 Da formação de Angola até metade do século XX**

O nome Angola é o aportuguesamento do nome do rei Ngola, da região de Ndongo, que, no século XVII, localizava-se perto de onde está a capital do país, Luanda. O país situa-se na zona subequatorial e tropical do hemisfério Sul. Ele ocupa parte do sudoeste do continente africano, fazendo fronteira com o Congo, o Zaire, a Namíbia e a Zâmbia. Angola possui parte do seu território no Congo que é uma região chamada Cabinda, um enclave separado por 50 km, rica em petróleo.

Angola é essencialmente tropical com predomínio de savanas, florestas e rios. O seu principal rio deu o nome da moeda do país Cuanza. Esse rio nasce no Planalto Central e vai até a região de Luanda. Sua fauna e flora são diversificadas e ricas. Uma mosca muito comum, a *tsé-tsé*, ataca em todo o país causando sonolência em pessoas e animais e leva um grande número de espécies à morte, causando um grande impacto econômico com isso.

A estrutura geográfica de Angola permite o surgimento de recursos minerais como os do setor energético (gás natural, o petróleo e o carvão); os minerais metálicos (ferro, cobre e manganês); minerais não metálicos (quartzo, diamante, fosfato) e, radiativos (torbenite), e outros.

Antes da invasão banta na região que hoje é Angola, o local era habitado pelos Bosquíamos que foram se deslocando para a região sul e para outras partes do continente africano após a invasão. Antes do domínio português, vários reinos coabitavam no atual território angolano e as sociedades que construíram a nação angolana eram, no século XV, de organização tribal representando várias populações como Estados. Sua evolução foi interrompida com a chegada dos portugueses no território. O primeiro navegador a chegar, chamava-se Diogo Cão que desembarcou no Rio Congo em 1482 dando um novo rumo à história de Angola. Seis anos depois uma comitiva formada por três navios com clérigos, agricultores e operários chegou a Angola com o objetivo de evangelizar e difundir técnicas. Houve interesse pelos produtos locais por parte dos portugueses, em especial pelo marfim.

No reinado de D. Afonso, chegou em 1560, Paulo dias de Novais que

avançou para o sertão até Cambambe, à procura de riqueza, mas acabou por ficar preso. Regressou ao reino em 1575 e conseguiu que D. Sebastião lhe desse a donatária de Angola que compreendia uma doação de terras férteis entre os rios Dande e Cuanza.

Nessa altura, a autoridade do Rei do Congo estava enfraquecida e os portugueses começaram a impor a sua autoridade, assumindo-se Novais como o novo símbolo da administração e disciplina.

Em Fevereiro de 1615, Manuel Cerveira Pereira foi nomeado governador de Benguela e aí fundou a cidade de S. Filipe de Benguela. A soberania portuguesa, cada vez mais fortalecida, chegava a Caconda e alastrava em direcção ao rio Cunene. (RIBEIRO, 2009, p. 12)

Quando os portugueses chegaram ao reino do Congo, “começaram logo a explorar o sertão percorrendo-o em todos os sentidos” (AMANCIO, 2005, p. 50). Em Luanda, eles encontraram dois motivos de destaque: “era zona favorável ao resgate de escravo e fornecia o *zimbo* (pequenina concha com valor fiduciário).” (AMANCIO, 2005, p. 50).

Em 1577, logo nos primeiros contatos com o rei de Angola, o monarca pediu aos portugueses que enviassem missionários porque desejava que seu povo aprendesse uma nova doutrina. (Conf. Alonso, 2002, p.60) Esse rei do Congo era tão poderoso que todos lhe obedeciam e lhe pagavam tributos.

Embora fosse um pedido do rei sendo cumprido, seu sucessor tratou mal aos portugueses e as suas razões a história não escreveu. Pode ser que o monarca já tivesse

percebido o plano que os portugueses tinham para Angola, mas nunca se saberá o que realmente aconteceu. O certo é que o rei se arrependeu da colaboração dos portugueses e manteve-os presos em suas terras durante bastante tempo. Apenas algum tempo mais tarde, permitiu que Paulo Dias de Novais saísse de suas terras após propor condições novas para ele.

Com as muitas idas e vindas dos portugueses, o Reino do Congo e Portugal acabaram estabelecendo uma aliança pela qual Portugal enviava padres, trabalhadores e ferramentas ao reino. Na parte sul da região de Angola, os reinos de Ndongo e Matamba fundiram-se e surgiu o reino de Angola. No séc. XVI, os portugueses se instalam na região de Angola e começam a exportar escravos com a ajuda de angolanos de tribos inimigas. O local passou a ser o principal mercado abastecedor de escravos para o Brasil. Segundo Vansina (2010),

O tráfico negreiro intensificou-se a partir de 1514. Da mesma forma que o soberano de Portugal, Afonso I quis controlar o tráfico graças a organização de monopólios reais antes de tentar aboli-lo em 1526. Não funcionou e os monopólios reais foram constantemente desrespeitados pelos afro-portugueses de São Tomé e os vizinhos do reino, tanto na costa do Loango quanto no Ndongo, e até mesmo em Luanda, parte integrante do reino. O rei usou os recursos obtidos com o tráfico de escravos e com o comércio de marfim e de tecidos de ráfia para trazer técnicos e, sobretudo, missionários portugueses. (p. 657-8)

Em 1576, foi fundada a São Paulo da Assunção de Luanda que se afirmou como ponto estratégico no comércio entre África, Europa e América. Vansina (2010) mostra que o seu fundador, Paulo Dias de Novaes, empenhou-se nessa empreitada tanto que obteve “um contrato de conquista e de colonização”. (VANSINA, 2010, p. 662) A colônia recebeu o nome de Angola por causa do rei de Ndongo. Nela, o fundador “se consagrou ao tráfico de escravos e tentou sobrepujar uma comunidade de afro-portugueses oriunda de São Tomé que o havia precedido na região. Esse grupo cedeu-lhe o lugar e instalou-se na corte do *ngola*.” (VANSINA, 2010, *idem*). O autor citado (2010, p. 662) continua,

Porém, em 1579, pressões metropolitanas obrigaram Dias a executar seu contrato [com Portugal]. O rei do Ndongo, após ter sido informado

de tal fato, mandou massacrar preventivamente todos os portugueses de sua corte e forneceu assim o pretexto para uma guerra que iria durar quase um século, até 1671. No início, a situação militar variava muito já que as alianças locais se dividiam entre os adversários. Entretanto, os portugueses conseguiram, não sem esforço, erguer algumas fortificações no interior das terras.

A derrota do rei de Angola foi evidente e os angolanos não conseguiram se recuperar facilmente. No entanto, anos mais tarde, surgiu a Rainha Nzinga que foi uma das primeiras monarcas a lutar pela libertação de Angola. A rainha é apresentada na história de Angola como a primeira defensora da nacionalidade e liberdade angolana. Desde pequena ela era geniosa e participava da conversa de adultos. Nzinga era negociadora e era uma pessoa habilidosa na negociação com os portugueses salvando o seu reino durante a primeira tentativa de colonização europeia na África. Dos 40 anos que reinou, 30 anos, ela resistiu contra os portugueses com as suas tropas Jagas.

Um episódio curioso aconteceu com a rainha de Luanda, quando ela viajou a Luanda para se encontrar com o governador. Foi-lhe oferecida uma almofada que estava no chão para sentar-se, no entanto ela não aceitou aquele fato e pediu para uma escrava ficar de quatro para servi-lhe de banco. Todos ficaram surpresos que ela pudesse agir com tal superioridade diante dos homens. Sobre essa rainha, Vansina afirma que

Um tratado de paz foi então elaborado em 1622 e 1623, sendo o *ngola* representado por sua irmã, Nzinga Mbande, que foi batizada em Luanda com o nome de Anna [dos Santos]. Todavia, colocou-se a frente de um partido antiportuguês. O rei morreu no início do ano de 1624 (homicídio ou suicídio?), Nzinga tornou-se regente, e depois rainha em 1626. Enquanto isso, os jagakasanje ocupavam sempre a melhor parte do Ndongo. Portanto, a partir de 1626, os portugueses retomaram a guerra contra Nzinga, mas também contra Kasanje, e tentaram impor um rei fantoche. No decorrer das operações, Kasanje fundou uma base no vale do Cuango em 1626, a partir da qual edificou o Estado imbangala na década de 1630, ao passo que Nzinga conquistou o reino de Matamba que ela transformou em um formidável centro de oposição ao regime português. Quando os holandeses ocuparam Luanda, Nzinga aliou-se a eles contra Portugal. (VANSINA, 2010, p. 662)

Na citação, o autor coloca a pergunta se o irmão de Nzinga, que seria o sucessor direto do trono, cometera suicídio ou se fora assassinado. Há relatos na história de que sua irmã o mandou matar. Segundo Amâncio (2005, p.25), “seja pela intensidade de suas atitudes ou, superioridade, pelo poder das pedras mágicas de sua região, Nzinga revela-se histórica e literalmente, como uma grandiosa rainha do Ndongo”. A personalidade é conhecida por toda Angola e a autora acrescenta: “Por isso, a força de seu reinado atravessa o atlântico negro (...), faz apostar sua figura heroica de resistência contra o colonialismo português; sua inteligência e engenhosidade política; sua habilidade para estabelecer negociações com outros sistemas econômico-culturais é acentuado poder de liderança” (*idem*).

Nessa época, a estrutura administrativa social de Angola estava dividida em sistema feudal e o país era dirigido por um governador nomeado a cada três anos por Lisboa. Segundo Amâncio,

Luanda era regida por um conselho municipal e um governador, ao passo que capitães militares administravam os territórios circundando seus presídios. A estrutura administrativa era do tipo feudal, no sentido restrito do termo, e decorria legalmente de contratos de vassalagem que ligavam os *sobas* (chefes subalternos) à corte portuguesa mediante a ligação deles com os amos (senhores portugueses), e, mais tarde, mediante o contrato de vassalagem com os governadores e os capitães. (AMANCIO, 2005, p. 25).

Em 1622, o Congo, que passara por diversas guerras, recuperou-se, mas acabou perdendo parte de seu território nessa luta. Passados 30 anos, novas perdas atingiram o Congo, ocorrendo a perda de lucro na exportação de escravos. Segundo Vansina (2010),

A rede do Congo e de Angola foi abalada pela criação de Luanda que, de início, já exportava mais escravos do que Mpinda: as primeiras exportações oscilaram entre 12.000 e 13.000 escravos, principalmente prisioneiros de guerra. Em 1625, o total de escravos exportados legalmente chegou a 11.000, número este que diminuiu de 1618 a 1640, sem, contudo, baixar muito aquém de 10.000 por ano. Logo após o início do tráfico, os escravos começaram a ser cada vez mais comprados no interior, quer no Pool (sem passar por Mbanza Kongo), quer na feira de Ocanga, no rio Cuango. Dali, uma rota de caravana atravessava o Cuango rumo ao Kwilu. Enfim, a partir de 1630,

escravos vindos de além do Cuango começaram a chegar em Luanda, por Matamba e Casange, a capital do Kasanje. (p. 665)

A colonização do interior só se iniciou no séc. XIX e, com o fim do tráfico de escravos, havia pretensões de outras potências, que reclamavam a sua parte na África. Sendo assim, diversos tratados foram firmados estabelecendo a partilha dos territórios africanos para os europeus.

Com a construção da ferrovia até Malange, abriram-se novas possibilidades de exploração e a ocupação do interior também foi feita através dos rios. As fronteiras de Angola só foram definidas no final do séc. XIX. No plano econômico, iniciou-se a exploração intensiva de diamantes e incrementou-se a produção de café, sisal, milho e outros produtos agrícolas, todos destinados unicamente para exportação. Além desses produtos, desenvolveu-se a exploração dos minérios de ferro. No entanto, segundo Vansina,

Em Angola, o domínio do tráfico de escravos chegou a tal ponto que, apesar dos esforços de Sousa Coutinho e de outros, o país não conseguiu diversificar seu sistema econômico, em virtude da falta de capitais procedentes de fontes que não fossem ligadas ao tráfico. A colônia continuou dependendo economicamente do Brasil e, por volta de 1800, ainda 88% de seus rendimentos provinham do tráfico de escravos com o Brasil e um pouco menos de 5%, do marfim enviado a Portugal. (2010, p. 694)

Já no século XX, Portugal sofreu modificações políticas em seu sistema governamental; de Monarquia passou a ser República e os portugueses voltaram suas atenções para Angola por interesses econômicos. Houve uma competição entre colonizadores e colonizados e, nessa época, surgiram divisões de hierarquias muito marcadas entre brancos, mestiços, negros assimilados e indígenas. Isso fez que, em 1948, surgissem organizações políticas que defendessem a causa dos oprimidos: o Comitê Federal do Partido Comunista Português; Angola Negra e a Comissão de Luta das Juventudes contra o Imperialismo Colonial em Angola. Quatro anos mais tarde, essas organizações passaram a ser o Conselho de Libertação de Angola que, apoiado

pelas discussões internacionais para a libertação, lutavam por isso, mas Portugal recusava-se a abrir mão de sua colônia.

#### **1.4 A Revolta Armada de 1961 – A Revolução dos Cravos**

Antes do início da luta armada em 1961, muitos partidos e grupos políticos existiam em Angola. Todos eles possuíam metas e objetivos bem definidos para o país: colocar fim ao domínio de Portugal. No entanto, os movimentos, que desejavam a libertação do país, eram proibidos e perseguidos pelo colonizador. A saída era

permanecer no país e criar uma rede clandestina ou prosseguir a luta política a partir do estrangeiro. No primeiro caso, encontravam-se quase todos infiltrados pela Polícia Internacional e de Defesa do Estado (PIDE), cuja eficiência era implacável. (...) Os movimentos a que pertenciam caracterizavam-se pela fragilidade de organização, recursos, quantidade de membros e de liderança. (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 233).

A falta de organização política fazia com que os movimentos fossem frágeis. Depois de 1961, os movimentos começaram a ter um teor mais estrutural e um armamento mais forte para se defender do inimigo português. Entretanto, a diferença cultural que havia entre os assimilados e os indígenas fez com que surgissem movimentos específicos porque os objetivos não convergiam.

Em Angola não havia líderes fortes. Antes de 1961, os líderes que se mostravam eram os pastores e catequistas das missões religiosas protestantes que conseguiam arrastar com eles muitos fiéis para lutar contra a governança portuguesa no país.

Nesse movimento nacionalista, duas correntes eram principais, segundo Wheeler e Péliissier: a dos modernistas e a dos etnonacionalistas. Os modernistas eram pessoas de influência marxista e os etnonacionalistas tinham bases tribais limitadas ao antigo Congo, exerciam influência no meio rural, os bacongo, baseando-se nos preceitos nacionalistas apregoados no país. “Etnicamente, apesar de se encontrarem divididos em

tribos, os bacongos eram um grupo suficientemente numeroso em Angola (totalizando 621 787 indígenas em 1960) para organizarem tropas.” (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 241).

Os etnonacionalistas fortaleceram as suas questões sociais devido à luta da Cabinda para ganhar a independência de Angola e virar um país. Os autores Wheeler e Pélissier (2011) afirmam que

O segmento do etnonacionalismo angolano realmente importante antes de 1960 era a variante de origem bacongo, com o seu apêndice cabinda. Os cabindas não eram muito numerosos (cerca de 56 mil em 1960); estavam separados do resto de Angola e, tanto intelectual como materialmente. Eram mais bem tratados pelos portugueses do que os seus irmãos bacongo. Alguns dos seus líderes sonhavam com a independência para o antigo reino Ngoio. (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 243).

Os autores colocam que os de Cabinda não representavam perigo; no entanto no período de 1974 e 1975, com as discussões acerca da independência de Angola, os de Cabinda queriam sua independência já que o petróleo da região representava 65% da produção de Angola e que ela seria um local rico. Cabinda é uma cidade angolana dentro da República do Congo, sendo, portanto, um exclave de Angola e um enclave limitado pela República do Congo (ou Congo-Brazzaville) e a República Democrática do Congo (antigo Zaire). A cidade era encorajava pelo governo do Congo, incentivando a criação de movimentos e financiando as suas lutas que duraram de 1963 a 2006.

Nesse período, os guerrilheiros cabindas praticaram vários sequestros para que suas declarações e pedidos ou exigências fossem ouvidos. Há um relato de sequestro no livro de Sérgio Fidalgo e Luís Castro, *Angola – 11 meses de cativo*, (publicado pela editora Oficina do Livro em Portugal), em que um dos cativos, o engenheiro português Sérgio Fidalgo, foi sequestrado juntamente com outros dois portugueses e um angolano pelos guerrilheiros do movimento chamado FLEC (Frente de Libertação do Estado de Cabinda) que se subdividia em FLEC-FAC e FLEC-Renovada

Segundo Fidalgo e Castro (2011), nos anos seguintes à Revolução de 1974, foi oferecida a possibilidade de independência a todos os territórios dependentes. Depois de um tempo, surgiu a FLEC; no entanto, não era interessante para os angolanos perder o controle sobre Cabinda, então os soldados do MPLA acabaram entrando em luta contra os guerrilheiros da FLEC.

Os chamados modernistas surgiram nas cidades, onde havia mais oportunidades de educação, o que permitiu que uma reduzida elite angolana se destacasse. As suas células continham grupos de assimilados e mestiços, que estavam em contato com portugueses de tendências liberais e marxistas. Seus líderes tinham, nas periferias pobres de Luanda, os chamados bairros de lata, uma população muito receptiva às suas palavras de protesto. Os modernistas foram pioneiros no nacionalismo angolano, que surgiu basicamente no âmbito urbano, pelas elites e destribalizados, em sua maioria jovens ligados à LNA – Liga Nacional Africana e Anangola – Associação Regional dos Naturais de Angola.

A partir de 1948, começaram a surgir movimentos ou grupos clandestinos, como, por exemplo, o Comitê Federal Angolano do PCP, Angola Negra e a Comissão de Luta das Juventudes contra o Imperialismo Colonial em Portugal. Em 1952, essas três organizações clandestinas uniram-se para formar o Conselho de Libertação de Angola. Em 1954, foi formada a Associação Africana do Sul de Angola, em Nova Lisboa (atual Huambo), por parte dos ferroviários ovimbundos do centro de Angola.

Em 1955, surgiu em Angola o PCA (Partido Comunista de Angola), cujas principais lideranças estavam alijadas de Angola, como o poeta Mário de Andrade, exilado na Europa e o médico e poeta Agostinho Neto, preso em Portugal.

Somente em 1956, surgiu o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola), surgido da união de outros movimentos já existentes como o PLUA (Partido da Luta Unida Africana) e jovens do PCA. O MPLA e suas lideranças no exílio foram responsáveis pelas primeiras manifestações de sublevação. Em 1960, uma série de insurreições urbanas aconteceu em Luanda, no entanto, elas tiveram pouca força. Serviram para tornar o movimento e suas ações conhecidos internacionalmente, mas eram insuficientes para lançar uma revolta por todo o país devido à falta de bases rurais de confiança.

Ao norte do país, os portugueses não foram pegos de surpresa com o massacre ocorrido contra seus conterrâneos. Segundo Wheeler e Pélissier, os portugueses já esperavam problemas, pois “em 1959, Angola importou 156 toneladas de armas e munições; em 1960, 953 toneladas; ao invés, em 1961, estes números baixaram para 424 toneladas e, em 1962, para 145 toneladas. Não era certamente para caçar elefantes.” (p. WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 249).

Angola não conseguiu sua independência em 1961 porque apenas uma minoria de angolanos e assimilados tinha coragem de demonstrar sentimentos antiportugueses, podendo ser por “medo, ignorância, incompetência ou lealdade, os povos a sul do Cuanza mal se mexeram; se os chefes nacionalistas ali tivessem encontrado um terreno tão favorável como no noroeste, é praticamente certo que os portugueses teriam sido expulsos de Angola” antes. (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 250)

Uma das tentativas urbanas de revolta ocorreu no dia 3 de fevereiro de 1961. Os motivos desse ataque foram a diferença entre os angolanos e os portugueses, pois, segundo relatos, todos sabiam que ele ocorreria e que ela existia. Segundo Correia (2011), a diferença “não só, não passava daquele que era o responsável pelo nosso isolamento, marginalização, e travão principal ao desenvolvimento que desejávamos e não conseguíamos ter, em relação à metrópole” (CORREIA, 2011, p. 244). Angola era negligenciada por Portugal, embora o governo português a citasse como integrante do país e as zonas rurais fossem piores ainda nesse sentido.

As consequências desses ataques foram trágicas. No entanto, o governo ganhou o apoio da imprensa que noticiou o caso em nível internacional no sentido de apelar para que fossem enviados comandos ao país. Segundo Wheeler e Pélissier, a “população estava empenhada em reagir de acordo com a raça: o medo mútuo e o ódio racial tomaram conta tanto da comunidade negra como da branca, sendo a posição dos mestiços a mais vulnerável” (2011, p. 253).

Os historiadores acrescentam que

Luanda era uma cidade de terror e de noites sem dormir. Os africanos já não ousavam entrar nas áreas dos brancos com medo de serem presos ou atacados. (...) Um número razoável de africanos partiu, assim com os brancos ricos, que começaram a dirigir-se para Portugal. (...) Teve início a perseguição da elite africana, a uma escala mais vasta. (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 253-4).

A UPA (União das Populações de Angola) liderava vários ataques e quase obteve o domínio dos portugueses em 1961. O movimento passou a queimar as terras e estragar as colheitas dos colonos para que não houvesse nenhum laço afetivo deles com o país. No início, apenas as terras eram tomadas com a esperança de se venderem as colheitas após a independência, mas, para manter as terras, ficava-lhes caro porque teriam que recrutar trabalhadores para ficarem nelas e havia o agravante da fuga dos

trabalhadores recrutados e até a morte deles. Então, a solução mais econômica e rápida para essa questão seria a queima das terras para que seus donos não tivessem chance de voltar. Segundo Correia, juntamente com os produtos da terra, alguns proprietários brancos perderam a vida,

sendo esfaqueados à catanada, bem como as respectivas famílias, onde se incluem crianças de colo, ao ponto de eliminarem da mesma maneira todos os trabalhadores negros oriundos, na sua maioria, do sul de Angola e fiéis a quem lhes dava trabalho e alguma segurança e estabilidade” (CORREIA, p. 251. 2011).

Entretanto, os portugueses resolveram atacar e houve a rendição de muitos africanos numa barganha de ajuda, oferecida pelos portugueses, da reconstrução de suas casas. A verdade maior e não dita claramente era que os angolanos se renderam porque já tinham ficado cansados das lutas. A exaustão da luta vencera. Os africanos resolveram ceder porque já não aguentavam mais lutar ou se esconder.

O número exato de mortos ninguém sabe, há fontes que dizem que foram 8 mil, outras 25 mil e outras ainda 50 mil mortos. “A maioria morreu não em resultado directo da guerra, mas vitimados pela doença e pela fome entre os rebeldes.” (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 273).

Os portugueses tiveram vantagens nessa revolta justamente porque tinham um armamento mais pesado e condições melhores para lutar; no entanto essa rebelião alimentou o espírito de muitos angolanos que perceberam que era possível lutar por alguma coisa e precisavam de mais união entre eles. Em prol de um inimigo comum, eles deveriam se unir para conseguir, por fim, a libertação.

De acordo com Elaigwu (2010), o combate político que aconteceu em Angola era motivado por duas aspirações primordiais: uma era construir uma nação mais coerente e o outro era de dar estabilidade ao país. Nesse sentido, nasceu o nacionalismo moderno e com esse sentimento nacionalista, em 1956, fundou-se o MPLA (Movimento Popular de Libertação de Angola) e, mais tarde, outros agrupamentos nacionalistas. Na década de 1960, surgiram vários outros partidos de luta por Angola que são o UFA/FNLA e UNITA (União Nacional de Independência Total de Angola).

## 1.5 Tratados de cessar-fogo

Em 1974, foi assinado um acordo de cessar-fogo entre os portugueses e os três movimentos nacionalistas principais (UNITA, MPLA, FNLA). As negociações prosseguiram lentas e era complicado porque os três partidos almejavam o poder. Quando foi vencida a luta pela independência (1974-75), os partidos finalmente se uniram para isso. Restou apenas saber quando a independência se daria.

Na época, o presidente da República em Portugal, o general António de Spínola, teve que tomar importantíssimas decisões sobre a colônia, que lhe tiravam o sono: havia que acertar quando seria a data da independência, fazer regressar os soldados estacionados em Angola à metrópole e fazer com que os colonos portugueses, que moravam em Angola, fossem repatriados.

Em Outubro de 1974, Spínola não aguentou a pressão, pediu demissão e foi substituído por um general mais radical, Costa Gomes, que viabilizou a assinatura do acordo de cessar-fogo. Em 15 de Janeiro de 1975, o acordo de Alvor estabeleceu a data da independência de Angola para 11 de novembro do mesmo ano. Segundo esse acordo, "o alto-comissário português permaneceria dotado de plenos poderes em Angola até a independência" (WHEELER; PÉLISSIER, 2011, p. 359). O acordo elegeu um representante de cada movimento para que a transição fosse pacífica; apesar da tensão em saber quem assumiria o poder.

Em Março e Abril os movimentos recomeçaram suas lutas e em Julho de 1975, o Quênia organizou uma "reunião de crise" com os líderes do movimento (Holden Roberto - FNLA; Agostinho Neto - MPLA; e, Jonas Savimbi - UNITA) e houve uma nova assinatura de outro acordo de paz, chamado Acordo de Nakuru, que não deu resultado.

Nesse período, houve a Ponte Aérea Emergencial criada no Verão de 1975 para a fuga dos portugueses de Angola para Portugal. Segundo Geraldo Bender (*apud* Wheeler, 2011, p. 360) "dos 330 mil portugueses residentes em Angola em Abril de 1974, apenas 30 a 40 mil permaneciam no território em Março de 1976."

## 1.6 Ponte Aérea Emergencial

Na época da Ponte Aérea, tudo o que era do português ou que lembrava o que eles haviam construído em Angola tinha que ser eliminado o mais rápido possível. O ódio gerado pela servidão e a humilhação que os angolanos passaram ao longo de sua história era latente. A língua portuguesa como oficial foi mantida após a declaração da independência porque a eleição ou não de um grupo étnico causaria enormes desgraças no país naquele momento tão singular.

Nesse panorama, com a fuga de muitos portugueses e seus descendentes, houve a necessidade da criação de um sistema especial de voo para a saída dos colonos de Angola, a Ponte Aérea Luanda-Lisboa. A Ponte Aérea foi feita pela TAP e deu um novo destino a mais de 173 mil pessoas que lhes requisitaram os serviços.

Para muitos países, a confusão em Angola era crucial para que eles pudessem colocar os seus pés naquele território e conseguir alguma vantagem posteriormente. Garcia relata que:

A situação em Angola era extremamente grave e ele apreciaria tudo o que pudéssemos fazer para ajudar. Washington encarou esta solicitação como uma oportunidade única para travar o apoio dado até então por Lisboa ao MPLA, ao mesmo tempo que exercia pressão para afastar o Partido Comunista do poder de Portugal. (GARCIA, 2011, p. 45-6)

Os países queriam ajudar ou oferecer o seu auxílio com objetivos bem traçados nessas ações. Eles não sairiam perdendo nada. Ganhariam e muito com essa prestação de favor. Sobre a colaboração dos EUA, a autora continua:

A resposta norte-americana chegou a Lisboa a 21 de Agosto. Um telegrama secreto enviado pelo secretário de Estado, Henry Kissinger, autorizava o embaixador de Lisboa, Frank Carlucci, a comunicar a disponibilidade de Washington para colaborar no transporte e integração dos refugiados. Havia apenas uma condição: que Costa Gomes revisse a política de Portugal em relação a Angola, e se comprometesse a colaborar numa transição pacífica para a

independência, sem favorecer nenhum dos três movimentos (MPLA, UNITA, FNLA). (GARCIA, 2011, p. 48)

O pedido foi aceito e foram cedidos com o acordo aviões para o transporte de 80 mil portugueses. Do lado dos tripulantes do voo, a situação de trabalho era bem complicada. Não eram muitos os trabalhadores que ainda estavam dispostos a continuar trabalhando muitas horas por dia e não havia carregadores para as malas. Havia tripulantes que trabalhavam de bom grado, dobravam seus turnos trabalhando mais de 16 horas por dia e dormiam pouco.

### **1.7 Pós-independência e a internacionalização da luta de Angola**

Toda a luta dos movimentos culminou na Revolução dos Cravos, 25 de Abril de 1974, que apressou a anunciada descolonização dos territórios de todo o domínio colonial. Apesar da guerra que durou largos anos, o presidente Dr. António Agostinho Neto proclamou em 11 de Novembro de 1975, perante a África e o mundo, a independência de Angola. Logo em seguida à independência de Angola, Guiné-Bissau, Moçambique e São Tomé e Príncipe ganharam sua independência porque, por imitação, algumas revoltas estavam começando nos demais países também.

No entanto, Angola não conheceu um período de paz, pois entre 1975 e 2002, houve uma guerra civil em que os partidos continuaram a disputar poder e territórios.

O bloco ideológico socialista influenciou o partido armado que dominava a maioria do território. A intensidade do conflito foi tal que não há nenhuma família angolana que não tenha perdido um ente querido nessa luta.

Houve grande número de mortos em 1975 e o MPLA dominou Luanda e expulsou as forças da FNLA da cidade. Segundo os historiadores Wheeler e Pelissèr,

O Acordo de Nakuru e grande parte do Acordo de Alvor eram agora letra morta. Como as forças armadas de Portugal se mostrassem pouco dispostas ou incapazes de impedir a guerra civil em gestação e como a crescente polarização política e a revolução criassem uma situação de crescente instabilidade também em Portugal, Angola não tardou a sofrer os efeitos da intervenção armada internacional, sob a forma de um confronto alimentado pela Guerra Fria. As forças armadas

estrangeiras começaram a desempenhar um papel crescente naquilo que começou como um conflito puramente doméstico. (WHEELER; PELISSIER, 2011, p. 361)

Com a internacionalização da guerra civil, as superpotências resolveram apoiar as partes em conflito. A União Soviética começou a apoiar o MPLA, fornecendo-lhes armas cubanas e pessoal, entre outros. O ditador Mobutu apoiou o FNLA, enviando tropas do Zaire para o norte de Angola. Forças armadas sul-africanas, encorajadas pelos EUA, entraram no território para apoiar a FNLA e a UNITA e avançaram para o norte a fim de atacar o MPLA.

Nas primeiras fases, o MPLA saiu vitorioso. Com a ajuda da União Soviética, o movimento expulsou os seus rivais de Luanda. No entanto, os EUA diminuíram o apoio à UNITA e os sul-africanos foram para uma missão na Namíbia. Com as mortes e a fuga dos portugueses, Angola ficou com a sua economia devastada. Faltavam pessoas capacitadas para trabalhar na administração e no comércio bem como faltavam especialistas econômicos. Houve um empenho em chamar pessoas de outros países para trabalharem em Angola, mas o estado do país ainda era desastroso.

A guerra civil voltou a se alastrar em 1978, e a produção agrícola industrial e pesqueira ficou paralisada. Segundo os autores Wheeler e Pelisser (2011, p. 363),

A <<Segunda Guerra de Libertação>> e ao longo dos primeiros anos de independência, a administração do MPLA adoptou por inteiro a ideologia marxista-leninista e os modelos políticos-económicos da União Soviética e de Cuba. As relações e o contacto com Portugal foram substancialmente rompidos durante alguns anos, à medida que Angola adoptava novos modelos económicos e educativos com base na influência soviética. A constituição angolana e os sistemas jurídicos posteriores reflectiram estas mudanças. (p. 363).

O país substituiu um modelo económico pelo socialista buscando preencher a lacuna deixada pelos portugueses no setor agrícola, educacional, entre outros. Não havia um rumo certo a dar ao país. A maneira era copiar um modelo existente diferente daquele que estivera instaurado no país e ver se daria certo. Do que os angolanos tinham certeza era de que precisavam descolonizar o país e valia até imitar a ação de outros países.

Em 1979, o presidente Neto morreu e assumiu o poder, o engenheiro petrolífero José Eduardo dos Santos. No meio rural, houve uma revolta contra o governo estabelecido. A UNITA se reforçou com armas fornecidas pela África do Sul.

## **1.8 Reflexões sobre a economia angolana**

A história de Angola é, acima de tudo, um indício de que as vendas foram retiradas, tanto dos olhos dos não angolanos, quanto dos olhos dos próprios angolanos, no sentido de se perceber que a história precisa ser reescrita partindo de outros alicerces. Não é desforra e, sim, a “ressurreição” de um povo que se viu obrigado a “baixar a guarda” e aceitar a exploração, o tráfico de escravos e a negação de suas tradições e origens.

Na história da extração dos diamantes, em 1978, houve a separação administrativa das Lundas que passaram a ser denominadas como Lunda-Norte, a que detinha as minas de diamante, e a Lunda-Sul. A justificativa era de que o governo queria defender as riquezas do povo angolano de corruptos. Em 1980, o Presidente José Eduardo dos Santos alterou o regime especial da região das Lundas e argumentou que era necessário harmonizar a atividade da região. No entanto, as guias de marcha (permissão para circulação ou permanência na região) continuaram a existir. Em 1984, o governo sentiu-se lesado por um esquema de corrupção de proporções alarmantes. Mais de 500 pessoas estiveram envolvidas e, para dar uma punição exemplar, o governo televisionou o julgamento de 124 pessoas. No entanto, o tiro saiu pela culatra, pois diante das câmeras, os cidadãos que estavam sendo julgados começaram a revelar nomes de altos funcionários do MPLA que estavam envolvidos no esquema também. Segundo Marques,

No referido período marxista-leninista, destacados membros do regime e da classe dominante dedicavam-se, de forma desenfreada, ao tráfico ilícito de diamantes, a coberto dos privilégios que as leis lhe conferiam. Apesar de oficialmente se reconhecer o envolvimento de altas figuras do regime no tráfico de diamantes, os membros do MPLA e do Governo, com “estatuto VIP”, continuaram imunes a quaisquer restrições na região. (MARQUES, 2011, p. 30-1).

A UNITA, por sua vez, segundo Marques (2011), “semeava a destruição através de ataques às minas, raptos de expatriados e sabotagem das rotas de abastecimento à indústria.” (p. 31) Calculou-se uma queda da arrecadação de dinheiro pela venda dos diamantes em 1986, por causa disso.

Houve em Angola uma acumulação de riqueza que era feita inclusive pelas forças armadas angolanas. Os militares torturavam os garimpeiros, os matavam e ficavam com os diamantes. Depois, eles compartilhavam os diamantes com os generais que ganhavam como sócios do projeto. A população do nordeste do país estava praticamente isolada do resto e isso só era possível com esse tipo de medidas em que se criava um Estado de medo. As pessoas do outro lado da Angola não conseguiam prestar solidariedade àqueles que viviam no nordeste, primeiro porque não compreendiam muito bem a situação e segundo porque até se passava a ideia de que os “Lundas” (moradores de Lunda Sul ou Lunda Norte) eram preguiçosos, não gostavam de trabalhar e só gostavam de cavar diamantes.

Hoje, em relação à corrupção em Angola, ela ocorre de uma forma metódica. Nenhum governante vive apenas do seu salário, ninguém consegue sobreviver sem um tipo de esquema de violação da lei, e a violação das leis é norma. A riqueza extraída das minas de diamantes não é distribuída para o povo angolano, fica nas mãos de uma elite, para o presidente da República e para o que se chama de “generalato”, uma elite de generais que tem parte nessa riqueza. Todos, inclusive outros países, querem participar dela.

O povo angolano sabe das histórias de corrupção no país, mas está cansado de lutar em guerras. Sua história é marcada por quarenta anos de luta contra o colonialismo e de guerra civil. Não se pode afirmar que sejam pessoas mansas que deixam as coisas acontecerem. O povo chegou a um estado de exaustão e, hoje, as pessoas estão, em demasiado, manietadas pela corrupção. Não é que seja uma situação tolerada, pois, no período de guerra que foi de 1975 a 2002, os angolanos foram partícipes, não estiveram de forma passiva, grande parte da juventude esteve envolvida no conflito. As pessoas fizeram coisas terríveis umas contra as outras, ou seja, o angolano perdeu o respeito pela vida através do processo de violência contra seus próprios irmãos, contra o país e, atualmente, as pessoas não conseguem ainda lutar contra a corrupção, porque não houve um processo de reconciliação, por isso, muitas das pessoas, segundo Rafael Marques, não conseguem lidar com os seus próprios fantasmas.

O povo angolano não se envolve com a política do país porque de certo modo não foi instrumentalizado politicamente. Grande parte dos angolanos ainda é iletrada ou tem muito pouca instrução, então, até que as pessoas compreendam que há processos de transformação do governo muito mais criativos acontecendo ao redor do mundo, todo o processo de transformação do país demorará. Isso em Angola eventualmente acontecerá, o que se procura neste momento é que esse processo seja feito de forma pacífica e que haja das partes dos dirigentes angolanos sensatez, para compreender que não estarão imunes às transformações que ocorrerão.

### **1.9 Educação em Angola de 1961 até os dias de hoje**

Na concepção de um pesquisador angolano, Nguluve, (2010), a educação é “um processo complexo, pois envolve questões econômicas, políticas e ideológicas. Dessa maneira, não é possível falarmos da educação formal como um elemento neutro, alheio à política do país”. (p. 13). O autor entende educação como o discurso “construído, disseminado em todas as esferas políticas e educacionais, para legitimar os mecanismos de perpetuação do poder dominante, deu-se visando à implantação e defesa de um regime político, ‘Partido Único’, garantindo com isso a sua permanência no poder” (NGULUVE, 2010, p. 13-4). Nessa afirmação, pode-se perceber que toda a educação de Angola e as ideologias passadas fomentaram a permanência durante muitos anos do MPLA no poder.

A educação pode tanto emancipar uma pessoa como aliená-la e o sistema dominante pode passar a falsa ideia de que uma pessoa é livre para fazer escolhas, no entanto o modelo passa a funcionar tão bem que ele é sempre mantido gerando a passividade “filha” de uma educação que objetiva formar homens passivos. O *Plano Nacional de Educação para Todos* do governo angolano é a implementação de novas estratégias educacionais no trabalho administrativo de ensino e sua materialização requer responsabilidade política por parte dos dirigentes. Pepetela (1999, apud Nguluve, 2010, p. 15), sobre essa questão, postula que há graves falhas por parte de quem “devia concretizar o projeto de independência e evitar a conseqüente adulteração da situação com a corrupção quase generalizada, a incompetência, a falta de sensibilidade para os

verdadeiros problemas, as lutas de capela pelo poder, a timidez na crítica frontal para equacionar os erros, etc.”. Assim são essas as causas para uma má administração e o resultado de como está atualmente a educação em Angola.

O povo angolano acabou aprendendo a conviver com o governo defendendo os interesses de uma minoria de pessoas. Nguluve comenta que

Predominou, nesse período, a imposição da vontade dos interesses externos, muitas vezes camuflados sob o discurso da defesa da democracia, liberdade e paz. Não estão excluídos da responsabilidade os autores nacionais que, por meio de alianças e apoio recebido de países externos, não se importaram em sacrificar milhões de vidas inocentes. (NGULUVE, 2010, p. 16)

Depois da etapa em que o país conquistou a paz, trouxe para o ensino uma má consciência sobre a realidade social, isto é, se aceita a não punição de um corrupto, ou se isenta quem não tem responsabilidade com a administração pública e os autores da guerra por meio da “construção de um discurso de que se revestem os heróis nacionais, pois, ao final, todos se tornam ‘vítimas’ do mesmo processo bélico”. (*Idem*, p. 17)

Em 1961, Angola contava com 99% de analfabetos entre a população africana. Existiam algumas escolas oficiais, mas estavam quase sempre situadas nas cidades ou nas zonas onde rendiam os brancos. A partir de 1962, o governo português tentou beneficiar a população africana e empreendeu a construção de escolas em maior número, sobretudo nas zonas de reagrupamento da população. Pensou-se na estrutura escolar, mas esqueceu-se de formar e contratar professores, que, na sua maior parte, apenas haviam concluído a escola primária, isto é, possuíam quatro anos de escolaridade, como se pode confirmar no seguinte relato:

Minha mãe decidiu terminar o Primeiro Ciclo, visando o professorado. Depois de muitas noites perdidas, e dados os papéis de mãe, esposa e agora aluna, consegui, no cacimbo de 1973, adquirir o seu diploma do Primeiro Ciclo. Requereu a monitoria de posto, e foi colocada pelo Estado na Primária da Miapia, próximo da Cikala Colohanga (então Vila Nova); mais tarde trabalhou como professora de posto no bairro de Fátima, Bela Vista (Kaciungo). Algumas vezes tive de a levar de carro para o local de trabalho quando o meu pai não podia. Era uma viagem de cerca de 30 quilómetros. Eu tinha 14 anos, sem carta de

condução e bem abaixo da idade permitida. (MUEKALIA, 2010, p. 23)

Nessas escolas, ensinava-se apenas o português, o que passou a ser um problema para os alunos que não sabiam falar a língua nacional porque eram de etnias diversas. O desprezo pelas línguas nacionais fez com que muitos alunos desistissem da escola porque não se identificavam com a escola achando extremamente difícil o processo de ensino. Outro erro detectado nessas escolas era o fato de ensinar-se história e geografia, mas ensinava-se a história e geografia de Portugal, dificultando o encontro de sentido naquilo que era estudado.

Houve negligência dos colonizadores portugueses com o processo de educação, pois os seus interesses estavam voltados para a exploração da força de trabalho. Para isso, detinham a ampliação e desenvolvimento do ensino formal. Com o passar do tempo, o Governo de Angola sentiu-se responsável por elaborar uma reforma educacional que precisava de uma regulamentação de um ensino oficial, diferente da educação religiosa. Era preciso “analisar a organização do sistema educacional (...), seu desenvolvimento e abrangência” (NGULUVE, 2010, p. 55)

Dois anos após sua independência, Angola desenvolveu um processo de acessibilidade à escola e às especializações após o término das negociações da independência, de forma gratuita. No ano de 1986, houve em Angola um diagnóstico referente ao Sistema de Educação; com os resultados obtidos, especificou-se que, de cada mil alunos matriculados na 1ª classe, apenas cento e quarenta e dois concluíram a 4ª classe, dos quais trinta e quatro concluíram sem repetição de classe, quarenta e três com uma repetição de classe e sessenta e cinco com duas ou três repetições.

Quando se criou a resolução sobre a alfabetização em línguas nacionais, justificou-se que elas eram a continuidade da cultura e o elemento fundamental de identidade cultural angolana. Então, experimentalmente, foram aprovadas para a alfabetização se seguintes línguas nacionais: o kikongo, o kimbundo, o cokwé, o umbundo, o mbundu e oxikwanyama, levando em conta suas respectivas regras de transcrição. Para a garantia de que fosse feito um bom trabalho, foi criado um Instituto Nacional de Línguas e quem trabalhava nesse local eram especialistas da língua, técnicos e pessoas mais velhas que dominavam o idioma.

Em 2002, foi integrado às redes escolares, o ensino de escolas privadas, sendo liberados somente para o I e II ciclos do ensino secundário. Graças às atividades econômicas, como a extração de diamantes e de petróleo principalmente, o país conseguiu conquistar um grande desenvolvimento econômico, por meio das exportações anuais. Também é de importância lembrar que a economia de Angola progrediu também em consequência do PIB. Apesar de seu desenvolvimento, Angola ainda passa por dificuldades na sua formação sociocultural, pois as taxas de analfabetismo ainda são preocupantes. Inseridas também nos problemas socioculturais, estão as doenças sexualmente transmissíveis e Angola utiliza a educação como meio de prevenção e combate. Os que sofrem com essas doenças, inclusive a AIDS, recebem terapia antirretroviral.

No programa traçado pelo Estado em 2003, em termos de infraestrutura, as metas seriam o desenvolvimento e a capacitação de todos os ciclos, ensino de pós-graduação, ensino especial, ensino profissional, material escolar, alfabetização nacional, bolsas de estudo, educação militar, melhoria da qualidade de ensino, livro escolar e material didático, recrutamento e formação de professores e reestruturação da universidade Agostinho Neto. No citado documento, aparece o destaque da importância da língua portuguesa destacando que ela é a língua oficial do país, porém,

A língua portuguesa não é para a maioria das crianças angolanas a sua língua materna, daí o cuidado de, no Ensino Primário se adoptarem métodos e técnicas eficazes, capazes de levarem os alunos a efectuar pacífica e conscientemente a transição das aprendizagens da convivência do ciclo familiar e social, para a aprendizagem e ensino. (DIÁRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA, 07/01/2003, P.10) (NGULUVE, 2010, p. 101).

Para a primeira classe, equivalente ao primeiro ano do ensino fundamental no Brasil, observa-se que é preciso observar alguns pressupostos antes de se propor algum método de ensino para as crianças desse nível de ensino, que são:

- A língua portuguesa é a língua oficial e de comunicação nas relações sócio-político-culturais, sendo também a língua de ensino;
- Ela não é a língua materna da grande maioria das crianças angolanas;

- A diversidade de “línguas nacionais” não facilita a formação de grupos de crianças linguisticamente homogêneos;
- A língua portuguesa será utilizada pelas crianças, para assegurar um certo número de funções complementares relativamente às línguas nacionais sem, no entanto, as pretender substituir;
- A escolha dos temas teve em consideração o grupo etário e os interesses dos alunos da primeira classe do Ensino Primário;
- A escolha de conteúdos teve em conta a progressão desejável entre as classes, contemplando os saberes dos alunos e o conteúdo das outras áreas do currículo.
- O sucesso escolar em Língua Portuguesa facilitará a compreensão nas outras áreas curriculares.

Nessa primeira classe, há a preleção da oralidade nas aulas de língua portuguesa a fim de que a criança possa integrar-se no espaço do desconhecido que é a escola. Nos primeiros anos, o enfoque é justamente desenvolver a capacidade de compreensão e expressão oral da criança. Abaixo seguem trechos do documento final da consulta pública Nacional referente à “Ação Nacional de Educação para Todos” (ANET), originado do encontro realizado entre 21 e 24 de Abril de 2004 no Palácio dos Congressos (LUANDA). Constatou-se que no país há:

- ✓ Fraco domínio da Língua veicular pelos alunos e a língua nacional pelos professores;
- ✓ Inexistência de programas educativos rádio televisionados em língua portuguesa, nacionais e gestuais;
- ✓ Reforço na aprendizagem da língua portuguesa para possibilitar a formação integral (NGULUVE, 2010, p. 100).

Houve a extensão do ensino primário para seis anos justamente para que o aprendizado da língua portuguesa fosse melhor e mais aprofundado e, para a disciplina de língua portuguesa, objetiva-se que a criança conheça as características da língua portuguesa como meio de comunicação interpessoal e que ela seja o objeto de estudo na escola. Há a preocupação que a criança compreenda a estrutura e o funcionamento da língua nas diversas situações de uso e que ela entenda os temas, as palavras e as frases.

Cabe ao professor motivar o aluno e analisar os procedimentos de ensino utilizados a fim de verificar se está atingindo o estudante.

No próximo capítulo, apresenta-se o aporte teórico desta pesquisa e as teorias que embasam a análise que feita no terceiro capítulo. Abordam-se temas como a diversidade linguística de Angola e as diversas etnias que coabitam no país e a morfologia e os processos de formação de palavras.

## **CAPÍTULO II – MORFOLOGIA**

Neste capítulo, apresenta-se o aporte teórico que será utilizado na análise das obras literárias escolhidas de escritores angolanos. Abordam-se aspectos da morfologia da língua portuguesa, como a estrutura das palavras e os processos de formação de palavras, bem como os processos de alteração de sentidos.

### **2.1 – Reflexões sobre a língua portuguesa de Angola**

Os pesquisadores, ao estudarem as formas que assumiu a língua portuguesa falada na África, na Ásia e na Oceania, constataram-se dois tipos de variedades linguísticas: as CRIOULAS e as NÃO CRIOULAS. As primeiras (as crioulas) são resultantes do contato da língua portuguesa com os sistemas linguísticos indígenas a partir do século XV. Cunha e Cintra (2001) afirmam que

As variedades crioulas resultam do contato que o sistema linguístico português estabeleceu, a partir do século XV, com sistemas linguísticos indígenas. Talvez todas elas derivem do mesmo PROTOCRIOLO ou LÍNGUA FRANCA que, durante os primeiros séculos da expansão portuguesa, serviu de meio de comunicação entre as populações locais e os navegadores, comerciantes e missionários ao longo das Costas da África Ocidental e Oriental, da Arábia, da Pérsia, da Índia, da Malásia, da China e do Japão. (p. 20).

Os autores postulam que hoje há diferenças linguística consideráveis que “se manifestaram numa profunda transformação da fonologia e da morfossintaxe do português que lhes deu origem” (*idem*, p.20) Entretanto, houve um afastamento em relação à língua-mãe gerando uma nova variação linguística da língua portuguesa. Tudo começou com uma simples derivação, empréstimos linguísticos e neologismos que depois foram se incorporando à língua portuguesa dando-lhe características diferentes da língua original.

As variações não crioulas caracterizam-se como “de um português com base na variação europeia, porém mais ou menos modificado, sobretudo pelo emprego de

um vocábulo proveniente das línguas nativas, e a que não faltam características próprias no aspecto fonológico e gramatical (CUNHA & CINTRA, 2001, p. 21). Esse tipo de variação é o caso do português de Angola que recebeu influências das línguas nacionais. Na extensão do sentido e na prosódia, há muita diferença entre a língua portuguesa falada em Angola e a língua portuguesa falada em outros lugares e o que mudou a língua foram os léxicos regionais incorporados nela.

Segundo Ribas (1994), foram as camadas populares que geraram um modo característico de falar, “por característicos de seu falar materno, usam o tom fechado. Em resultado, proferem cônego, bôla, céu. E as vogais, por idêntica razão, soando distintamente: Jô-a-quim, mê-lan-cia. Portanto, não existindo vogais surdas, mesmo no final de palavra”. (RIBAS, 1994, p. 01). No conceito geral da fonética e fonologia para as vogais, elas são sempre sonoras nas maiorias das línguas, porém há línguas que, dependendo da consoante, acompanham a vogal. O nome dado a isso na língua portuguesa é a alofonia, ou seja, a associação de um fone com outro. Por exemplo, no japonês a palavra *sukiyaki* é pronunciada [skijaki], a vogal [u] ao encontrar-se com a fonema [k] que é surdo, ela passa a ser surda também na pronúncia.

Em relação ao sentido, também houve alterações ~~de~~ no português de Angola, como, por exemplo, o verbo dormir que, além de ter o sentido de “estar sob efeito do sono”, tem o sentido de “permanecer durante a noite”. O exemplo dado é: “a roupa dormiu na corda” (*idem*)

O autor afirma que, no Brasil e em Angola, houve transformações linguísticas em relação à língua da época dos colonizadores. No caso de Angola, a língua quimbundo foi a que mais contribuições deu à língua portuguesa.

O aportuguesamento dos nomes nem sempre se deu naturalmente, “sem perturbações arrepiantes, (...) a audição influenciou poderosamente no choque de violentas deturpações, sobretudo nas línguas do Sudoeste”. (RIBAS, 1994, p. 02). Dentro do grupo populacional mais evoluído, outros nomes surgiram eruditamente. “O neologismo bazeza (idiota), por exemplo, não se usa em todas as camadas” (*idem*). O autor coloca o exemplo da palavra “quiabo” que é utilizada por quase todas as camadas da sociedade, exceto os que se consideram mais adiantados que usam a palavra *kingombo* para designar o vegetal.

Sobre o processo de formação de palavras, por força do hábito (referindo ao umbundo), os vocábulos, embora se apresentem no singular, formam o plural

hibridamente. Quer dizer: tomam simultaneamente as flexões da língua de que foram originados e do português e “os regionalismos, quando integrados na língua a que se associam neste caso, a portuguesa, obedecerão às suas leis, à estrutura que a modela”. (RIBAS, 1994, p. 03). O autor dá exemplos de vocábulos que existem na língua portuguesa de Angola tanto utilizando o plural no original quanto obedecendo à gramática da língua portuguesa como nas palavras a seguir: rimbondo (singular), marimbondo (/ -ma/ prefixo de plural na língua quimbundo) ou rimbondos (plural segundo as regras da língua portuguesa), mas isso não significa que pluralizem só a portuguesa, tendo, portanto, “uma forma de pluralização híbrida que só é adaptada pelo nativo evoluído que domine o vernáculo”. (RIBAS, 1994, p. 02).

O autor acrescenta que “no tocante à intensidade do som a pronúnciação pautada, ou talvez, a acentuada, entendemos que os nomes comuns graves, quando em lento português, como fúngi (massa de fubá), tuji (excremento) devem ser acentuados para uma correta leitura”. (RIBAS, 1994, p. 03). Já a maioria dos nomes próprios, que mantêm a sua vestimenta sônica, permanecerão imutáveis: Fusa, Kituxi, Koteró.

Há muitas pessoas que não gostam da mistura da língua portuguesa com as línguas nacionais, no entanto, Ribas (1994, p. 04) comenta que,

Se por excessivo nacionalismo tivéssemos a velocidade de repor as palavras, tal como antes da colonização, prejudicaríamos o trabalho linguístico obtido, pois não nos devemos esquecer de que a língua, qualquer que seja, é dinâmica, constantemente recebendo a influência de fatores diversos, quer humanos, quer geográficos.

O autor ainda comenta:

Como os adjetivos são uniformes, de igual modo transitaram para a linguagem portuguesa. Assim, diz-se: um homem quitoco, uma mulher quitoco (um homem elegante/ mulher elegante). Contudo, os nomes já aceitos pelo colono, adaptaram-se às leis da sua gramática. (...). Outro tanto aconteceu com os numerosos substantivos: um/ uma candando (um marreco ou uma marreca)”. (RIBAS, 1994, p. 04).

O povo não rejeita colocar alguns termos na forma feminina como no caso da designação das pessoas que são naturais de Bailundo. Dizem que é um bailundo, uma bailunda. As duas formas já começam a ser corretas, porém os intelectuais não querem

aceitá-las, preferem a forma primitiva de uso. O autor defende que os regionalismos devem se grafar à portuguesa e postula que é preciso normatizar a língua para que não haja erros. A pronúncia do português angolano também é fechada, mas não totalmente fechada, pois possui uma ligeira fuga para o som aberto.

O poeta angolano Barbeitos (1976), refletindo sobre a língua portuguesa de seu país e o ato de fazer poesia, diz que escreve em português, na língua colonial, mas achava que o português não deveria ser a única língua oficial de Angola porque “seria um massacre cultural horrível” (p. 07). Em 1976, a língua portuguesa continuava a ser a língua do estrangeiro em Angola e, como Barbeitos não sabia todas as línguas nacionais, cabia a ele africanizar a língua colonial. Segundo o poeta “o próprio povo já o faz e o poeta finalmente, segue-o” (*idem*).

Muitos acabavam trabalhando no país e tendo altos cargos públicos por causa de seus conhecimentos linguísticos. Em Angola, a língua portuguesa no tempo colonial não era falada por todos angolanos. Apenas a elite (brancos, mulatos e “negros evoluídos”) e os que habitavam as cidades tinham acesso ao aprendizado da língua. Os demais, 80% da população, viviam na parte rural e esse povo falava as línguas de Angola. Com a independência, muitas pessoas que viviam no campo, passaram a viver na parte urbana e tiveram que se expressar na língua portuguesa que, em contato com as línguas regionais, sofreu interferências linguísticas. Então, muitos desvios à norma padrão de Portugal ocorreram: as pessoas adaptaram a língua portuguesa à realidade angolana, fazendo com que algumas palavras fossem acrescentadas ao léxico português.

Dada a variedade linguística existente em Angola com mais de oito línguas nacionais oficiais, a língua portuguesa imposta pelos colonizadores acabou por se tornar uma espécie de língua franca, que facilitava a comunicação entre os diversos grupos. Em contato com as línguas nativas, o português também sofreu modificações, dando origem a falares crioulos, conhecidos como pequeno português, ou popularmente, como *pretoquês*.

## 2.2 - As línguas e os grupos étnicos de Angola

Em Angola, a língua portuguesa é a língua veicular falada pela maioria da população sendo, também, um importante fator de unidade nacional, e o idioma materno de muitos angolanos, principalmente das novas gerações. A população habitante de Angola é basicamente de origens bantas e o termo foi cunhado pelo linguista alemão Wilhelm Bleek. Segundo, Silva e Menezes (1996, p. 93),

A população atual de Angola compreende cerca de 100 grupos étno-linguísticos de origem Banto, que podem ser agrupados em nove grupos: Ambos, Bacongós, Hereros, Lunda-Tchoukué, Nganguelas, Nhanecas-Humbes, Ovimbundos, Quimbundos e Xindogas.

Antes da chegada dos portugueses a Angola (na pré-angolanidade), havia dois grupos no país: os bantos e os pré-bantos. Os bantos chegaram a Angola e foram espalhando-se por regiões específicas. Eles não se dividiam em tribos chefiadas por anciões, nem em reinos, nem estados. A união entre homens e mulheres era considerada sagrada e o casamento era um meio para a perpetuação do nome e da família, por isso, não era comum a separação e não se cogitava o adultério. Não há relatos de como esses povos se agrupavam, se havia cerimônias para concretizar a união, mas a informação é que eles eram monogâmicos.

Os pré-bantos formavam uma sociedade poligâmica e que tinha a crença de que aquele que possuísse o maior número de filhos era possuidor da riqueza. Eles veneravam um ser supremo e os seus antepassados.

Apesar do colonialismo e das ações dos portugueses no país, a distribuição espacial das etnias permaneceu inalterada. A mudança ou deslocamento dos povos se deu quando algumas etnias resolveram migrar para cidades grandes como Luanda, por exemplo, fato que ocorreu no período de guerras e de pós-independência. A maioria dos angolanos, cerca de 90%, é de origem banto e os demais se dividem em pré-banto e não banto.

Após a chegada dos portugueses (na Angolanidade), segundo José de Redinha do Instituto de Investigação Científica de Angola, o povo angolano dividiu-se em grupos bantos, pré-bantos e em um número apreciável de não bantos (ocidentais que

“apresentam traços negrianos e camaranense na zona noroeste” (REDINHA, 1975, p.07) e que representam o grande fundo populacional da província).

Atualmente, os pré-bantos não têm grande importância populacional em função do número de pessoas. Habitam uma faixa territorial pouco definida no deserto de Moçâmedes formando um conjunto reduzido denominado de grupo Vatwa. Já os não-bantos vivem em grupos avulsos e são constituídos pelos bosquímanos ou Khoisan. Além desses povos, existe o grupo dos portugueses e luso-descendentes que se englobariam nos grupos dos não bantos.

Em relação ao grupo étnico banto é grande a diferença entre os povos, e é a etnia mais importante em Angola. Sua distribuição territorial abrange todo o país, sendo encontrados membros desse grupo em várias províncias. As subdivisões desse grupo são as seguintes:

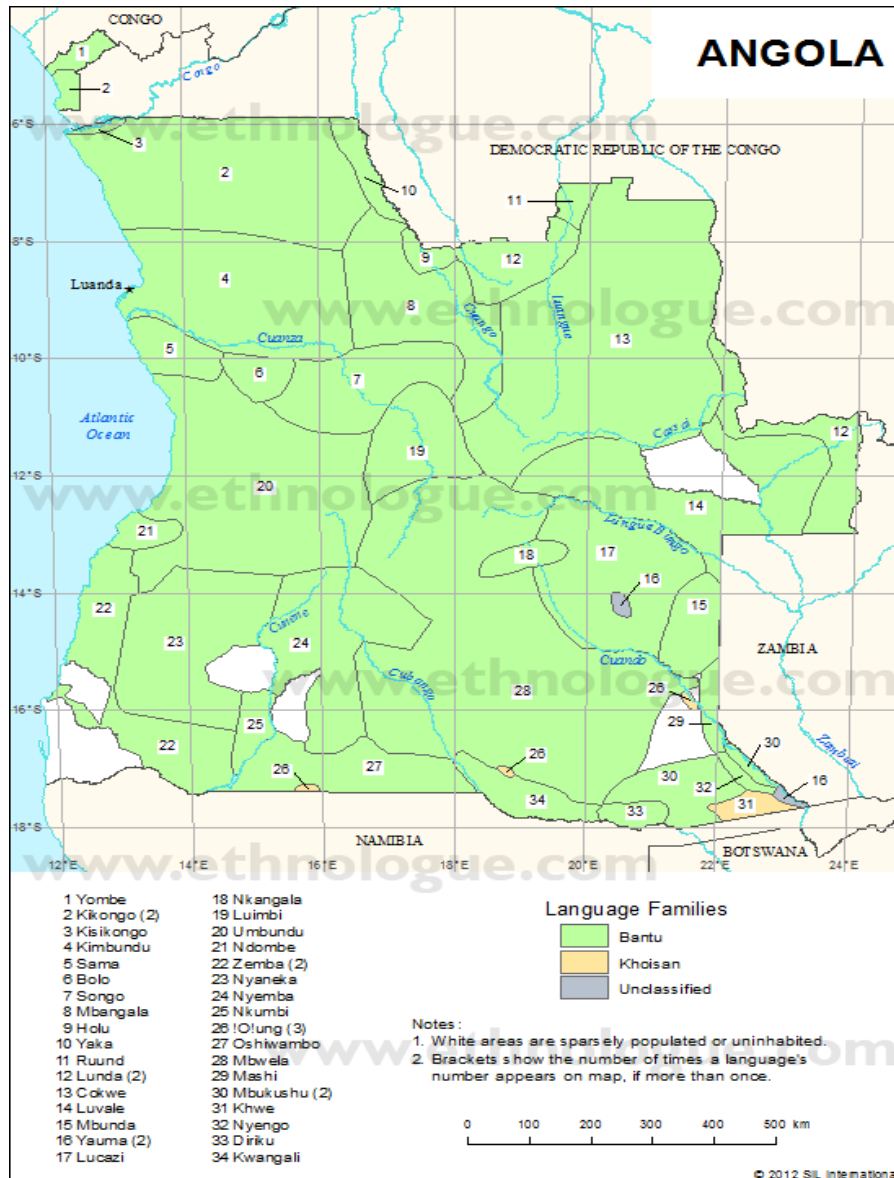
1. Grupo Etnolinguístico Quinongo (Kikongo ou Conguês);
2. Grupo Etnolinguístico Quimbundo (Kimbundo ou Tymbundi);
3. Grupo Etnolinguístico Luanda-Quioco (Luanda-Kioco Ou Luanda Tshokwe);
4. Grupo Etnolinguístico Umbundo (ou Ovimbundo);
5. Grupo Etnolinguístico Ganguela (ou Ngangela);
6. Grupo Etnolinguístico Nhaneca-Humbe (ou Nyaneke-Lunkumbi);
7. Grupo Etnolinguístico Ambó (ou Vaambo também designado Xik Wanyama);
8. Grupo Etnolinguístico Herero (ou Tyherero);
9. Grupo Etnolinguístico Xindonga (ou Oshindonga).

Esses subgrupos possuem diferenças de ordem linguística, possuem uma língua do tronco banto e são diversos os grupos espalhados pelo território angolano. Subdividem-se em centenas de outras etnias menores sendo a distinção entre eles apoiada em diferenças dialetais. Sobre os grupos bantos, assim se manifesta Redinha (1975, p.09):

Relativamente aos nove grandes grupos, e em explicação de certas diferenças que os acompanham é natural que uma vida de relação etnocêntrica, originando tendências hereditárias, se tenha manifestado em traços de constituição genética, senão próprios, pelo menos relativamente individualizados, e, com elas, distinções linguísticas, e comportamentos mais ou menos exclusivos. Daí, sobre um fundo de

cultura generalizada, surgirem aspectos individualizantes ou de personalidade modal que os diferenciam entre si.

Esses povos, hoje chamados de etnias, no final da era colonial estavam distribuídos como mostra o mapa abaixo:



**Mapa etnolinguístico de Angola**

(Fonte: <http://www.ethnologue.com/map/AO>. Acesso em 11 Jul. 2013)

Tratando de cada grupo banto, seguindo a ordem de enumeração dos grupos, temos que o grupo dos Quicombo (kicongo), está localizado na região norte de Angola, nas províncias do Uíge e do Zaire e parte no Kwanza-Norte. Atualmente, representa

10% da população e sua língua, o quicongo, era falada no Reino do Congo. Muitos dos habitantes da região se refugiaram na República do Congo em consequência das guerras, onde boa parte da população aprendeu a falar a língua francesa e o lingala, língua da parte ocidental daquele país. Após a independência de Angola, muitos refugiados regressaram a Angola com seus filhos e netos para morar em sua região de origem ou em Luanda e eram de línguas distintas da falada na região. Atualmente, o quicongo é falado por mais de um milhão de pessoas. Segundo Redinha (1975), o grupo Quinongo ocupa Cabinda e o noroeste da Província, entre o mar Cuanzo. Em relação ao trabalho, os quinongos são agricultores tradicionais. Sua organização social é matriarcal e os povos são ligados à terra, sob a proteção de seus antepassados. Acreditam que os seres humanos estão na terra para cuidar bem dela e usufruírem o que ela dá. Trabalham em quitandas ou mercados e estão aptos para os negócios (Cabingas e os Muzombos). Na parte cultural, os cabindos possuem um espírito filosófico, uma capacidade para a escultura, inclusive o talhe de expressivas máscaras colocadas entre os Iacas<sup>1</sup>. Em relação à religião, eles são pessoas místicas, ligadas às instituições de caráter religioso e secretas (seitas).

O segundo grupo banto é os dos quimbundos que é o quarto grupo linguístico mais falado em Angola contando com mais de quatro milhões de falantes. O grupo concentra-se nas regiões de Luanda-Malanje e no Kwanza-Sul. A língua falada por esse grupo é a de maior referência por ser a língua tradicional da capital. Muitas palavras do quimbundo foram incorporadas à língua portuguesa. Segundo Redinha (1975), o grupo dos quimbundos ocupa uma vasta extensão entre o mar e o rio Cuanzo, excedendo esse curso para o leste e transpondo para sul o baixo e médio Cuanzo. Os antigos quimbundos foram ativos organizadores de Estados e contam em sua história com notáveis *sobas* guerreiros. Possuem o instinto institucionalista, em particular na criação de associações mutualísticas e beneficentes, nas ilhas litorâneas fazem da pesca a sua profissão. Em Malange, entre Ngolas e Jingas, manifestam talento musical e propensão para os artesanatos, no Cuanzo praticam a escultura e, ao sul do Cuanzo, no Ubolo e na Quibala, uma arquitetura notória. Em relação à religião, os quimbundos expressam seu profundo culto pelos cortejos carnavalescos, uma ancestral propensão para os espetáculos folclóricos mascarados e aparatosos. Às crenças animistas tradicionais cedeu-se o cristianismo, com sincretismos fetichista-cristãos.

---

<sup>1</sup> Os Iacas é um grupo étnico que invadiu Angola no século XVI. As máscaras iacas são de madeiras e pintadas com cores muito vivas.

O terceiro grupo é o grupo da tchokwê que está presente em boa parte do leste de Angola desde Lunda Norte ao Moxico e em Bié. Muitas vezes, esse grupo, como está muito espalhado, junta-se com os povos de Nganguela.

O grupo quarto grupo é o Ovimbundo (umbundo) que está concentrado no Planalto Central, na região centro-sul do país.

Alguns deles também estão na faixa litorânea, na parte Oeste do Planalto Central. Sua língua é o umbundo e é a língua mais falada em Angola, atrás apenas da língua portuguesa. Quando houve a guerra, a maioria dos povos refugiou-se em Benguela, Lobito, Luanda e em algumas cidades periféricas a Luanda. Segundo Redinha (1975), o grupo dos umbundos ocupa o vasto espaço sub-retangular a meio da metade da Província. São nômades, possuem tendência migratória. São criadores de bois e trabalham na parte agrícola. Em relação à cultura, mantiveram uma escola animalista de elevado mérito, que há quarenta anos ainda apresentava ótimas realizações. Na religião, assimilaram com notável facilidade o cristianismo. Essa etnia apresenta-se repartida em dois domínios territoriais, um deles na fronteira leste e outro nos ramos superiores do Cubango. Os umbundos são oriundos de antigos caçadores e fazem máscaras destinadas aos ritos e praticam a escultura com cerâmica negra e polida.

O quinto grupo é o grupo dos Nganguela (ou Ganguela), que é formado por etnias menores com línguas distintas como os Lwena, Luvele, Mbunda, Lvimbi, Kangala, Ambwila, Lutchaz, Kamachi, entre outros. As línguas faladas nesse grupo são distintas, mas há uma semelhança devido ao parentesco delas. A língua nganguela tem o status de língua nacional, mas ela é apenas falada pela população da região leste e sul de Menongue. Sobre o sexto grupo, os Nyaneka-Kumbi, pouca informação se tem a respeito deles. É uma etnia pequena que se encontra nas regiões de Muíla e Ngambwe, sudoeste de Angola. Esse grupo étnico é composto por dez tribos que são apegadas às suas tradições e lugar de origem e foram os últimos povos a se adaptarem à vida urbana.

O sétimo grupo é o grupo dos Ovambo que é um grupo grande residente na Namíbia, região do Cunene. A sua língua o oshivambo é a mais importante da região. Sua economia é de base agro-pecuária, com predomínio da pecuária. Como aspecto cultural, o grupo preserva marcas vivas da cultura oriental, levada até o Cunene por remotas migrações de pastores, do nordeste africano. Mantém o culto ao boi sagrado e fazem cortejos anuais no final das colheitas.

O oitavo grupo são os Herero que são pequenos povos que habitam o sudeste de Angola, na região do Kuando-Cubango. Não se têm muitos estudos sobre esse grupo que está começando a ganhar enfoque agora. Mas sabe-se que eles são os criadores de bois mais típicos da Província e suas mulheres não possuem muito destaque na sociedade devido à estrutura patriarcal. Em relação à cultura, eles fazem adornos para uso individual. Segundo Redinha (1975), em relação à religião, o quadro típico da vida rural é o do pastor que, ao final da tarde, senta-se no chão com um vitelo ao colo, acariciando-o com carinhoso desvelo. Afirma-se que é entre os currais que o amor ao boi atinge ao mais alto grau.

O nono e último grupo é o dos khoisan, que, apesar de vir em último lugar nesta classificação, é o povo mais antigo de Angola. São povos não negros e não banto que possuem a estatura pequena, com a pele castanha clara. O termo *san* significa estrangeiro. O grupo é ligado à caça e pouco se tem informação sobre a cultura praticada por eles. Quando foram denominados pela primeira vez, foram chamados de bosquímanos que significa homens do mato e também eram chamados pelos holandeses de gogos. As línguas mais faladas do grupo khoisan são kwai e sandawe.

### **2.2.1 - Multilinguismo em Angola**

O multilinguismo é o fenômeno linguístico que mostra, em um país, existirem várias línguas e as pessoas se comunicarem em várias delas; é o ato de falar ou de promover que várias línguas sejam faladas em um país. Angola, como se pode ver no mapa acima, possui muitas línguas sendo oito as mais faladas e consideradas até no Jornal Nacional do país. O número de línguas nacionais de Angola é extenso. Há pessoas que são bilíngues e que convivem com o multilinguismo. Conforme definições, o termo bilíngue refere-se a um falante que é capaz de expressar-se em duas línguas tendo a equivalência linguística em ambas. Sobre o bilinguismo Albuquerque (2012, p. 04) comenta que

A exposição simultânea consiste na situação de o falante ter acesso a duas línguas diferentes ao mesmo tempo. Nesse caso, o contexto

sociolinguístico protótipo consiste em o pai e a mãe falarem línguas distintas e a criança acaba por ser exposta a essas duas línguas e, ainda, tem a possibilidade de empregá-la sem restrições no ambiente familiar.

Em um país multilingue, há sempre uma língua majoritária que acaba ganhando um prestígio social maior do que as demais línguas dependendo da posição social que ocupam os seus falantes. Em Angola, a língua nacional mais prestigiada é o quimbundo, embora seja a segunda língua mais falada, pois é a língua falada na capital do país, Luanda.

Para Guimarães (2008, p. 17), há distinções entre os tipos de línguas existentes que são:

**Língua materna:** é a língua cujos falantes a utilizam pelo fato de a sociedade em que nascem a praticar; nessa medida ela é, em geral, a língua que se apresenta como primeira para seus falantes;

**Língua nacional:** é a língua de um povo, enquanto língua que o caracteriza, que dá a seus falantes uma relação de pertencimento a esse povo.

**Língua oficial:** é a língua, institucionalmente reconhecida, de um Estado, aquela que é obrigatória nas ações formais do Estado, nos seus atos legais.

Há lugares que possuem dois modos de funcionamento de línguas a mais, a saber:

**Língua geral:** trata-se de uma língua constituída a partir de línguas indígenas e que eram praticadas no contato entre índios de tribos diferentes e para o contato com os portugueses. Eram, portanto, línguas francas.

**Língua franca:** é aquela que é praticada por grupos de falantes de línguas distintas; é uma língua comum entre aqueles que falam línguas diferentes.

Com a diversidade linguística existente em Angola, podem-se utilizar os conceitos de língua materna, de língua oficial e de nacional para o país. Em relação à

convivência entre as línguas, há seis situações em que diferentes línguas são usadas pelo pai e pela mãe para a comunicação da criança que está adquirindo a língua. Segundo Romaine (1995, apud Albuquerque, 2012, p. 04-5):

- *Uma pessoa – uma língua*: os pais falam diferentes L1, possuem certo grau de fluência na língua do outro, a língua comunitária é variedade de um dos pais, e usam cada um a sua respectiva língua para se comunicar com a criança;
- *Língua domiciliar não-dominante/ uma língua – um ambiente*: a mesma situação anterior, porém a língua usada é a língua não-comunitária;
- *Língua domiciliar não-dominante sem apoio comunitário*: os pais falam a mesma língua, mas não é a língua comunitária;
- *Língua domiciliar não-dominante dupla sem apoio comunitário*: os pais falam línguas diferentes e ambas não são a língua comunitária;
- *Pais não-nativos*: os pais falam a mesma língua, que é a língua comunitária, porém um dos pais se comunica com a criança usando uma língua distinta;
- *Línguas mistas*: os pais e a comunidade são bilíngues, e cada um deles usa as diferentes línguas para se comunicar com a criança.

É comum muitas pessoas saberem ou entenderem as várias línguas nacionais. Segundo Chavagne (2015, p. 112), mesmo que as pessoas em Angola não saibam falar todas as línguas nacionais, eles as entendem e identificam e isso se comprova no diálogo a seguir:

E: E então, além do português, é capaz de entender ou falar outra língua de Angola, o kimbundu, por exemplo?

Li 36: Sim, é capaz sempre. É capaz sempre porque nós, por exemplo, eu falar não sei mas percebo certas coisas que é kimbundu e a outra língua do sul que é umbundu. Entendo perfeitamente.

Petter faz um estudo comparando a situação linguística de Angola e a de Moçambique e, com base nele, afirma que

Das situações linguísticas particulares decorre um estatuto específico do português. Na África, embora seja língua oficial, que é utilizada na administração e no ensino, o português é adquirido, prioritariamente, como segunda língua, que tem por modelo a variedade europeia. (PETTER, 2009, p. 203)

Nesse ponto, é importante apresentarmos os conhecimentos da Sociolinguística que estuda como as pessoas de diferentes níveis sociais usam a linguagem na sociedade e nas várias situações comunicativas. Cabe a ela analisar os modos de falar de homens e mulheres, ricos e pobres, jovens e velhos, letrados e iletrados. Conforme Travallo (1997 *apud* ARAÚJO, p. 03),

Em toda a comunidade de fala são frequentes as formas linguísticas em variação. A essas formas em variação dá-se o nome de variantes. Variantes linguísticas são diversas maneiras de se dizer a mesma coisa em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade. A um conjunto de variantes dá-se o nome de variável linguística. (TRAVALLO, 1997, p. 08)

A fala e as situações de fala são muito valorizadas por esse ramo da linguística, pois ela é baseada na convivência social e cultural. As Variações Linguísticas relacionam-se com toda a herança cultural recebida pelas pessoas. No que se refere à cultura, a língua seria a representação das experiências humanas de modo específico sendo atualizada constantemente pelo falante segundo os recortes linguísticos que ele faz na construção de referenciais mínimos de convivência.

A Estilística, outra área da Linguística, refere-se às escolhas que o falante/escritor faz das possibilidades linguísticas dentro de uma norma ou variação linguística já estabelecida. É o estilo que cada um tem de escrita ou de fala e essa é a forma como ele expressa seus pontos de vista, estando atrelada à bagagem acumulada de experiência adquirida.

São três as variações linguísticas existentes: a sociocultural, a regional e a histórica: a primeira delas, segundo Araújo (2010), está relacionada aos usos diferentes

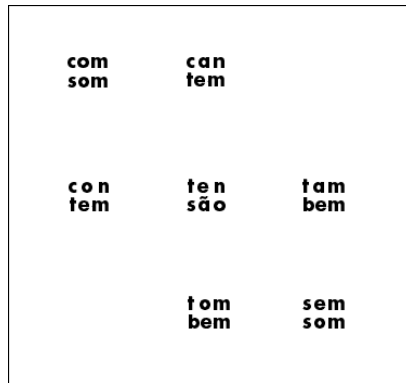
da língua por diferentes faixas etárias, como crianças, jovens (com gírias) e idosos (com termos em desuso); A variação geográfica é facilmente percebida quando uma pessoa muda de região ou de país. Ela pode ser marcada pela pronúncia, pelo ritmo de fala, pelas construções sintáticas, nos significados de expressões e no léxico que representam fatos sociais de uma determinada região influenciados pela cultura, pela história e por outras línguas; já a última, a variação histórica, é percebida ao longo dos anos e até mesmo séculos. É a diversificação da língua no tempo. Segundo Araújo (2010, p. 06),

Uma variante divulgada por um grupo social, em determinada época, pode ser abandonada no transcorrer do tempo, ficando sua marca somente no registro escrito. Palavras, expressões ou construções não mais usadas são denominadas arcaísmos. Neologismos são adotados e propagados por grupos sociais de prestígios e acabam se juntando à língua como variantes aceitas e reconhecidas.

Existem modalidades da linguagem verbal que pode ser: a fala e a escrita que são ajustadas ao uso formal ou informal. A primeira é descuidada, não preocupada; já a segunda segue a norma culta com suas flexões e regras. No próximo item será abordada a morfologia da língua portuguesa e os seus principais aspectos para fundamentar a análise dos contos escolhidos.

### **2.3 Morfologia da língua portuguesa**

A morfologia é o campo da gramática que estuda a estrutura ou a forma das palavras, analisando as regras que regem sua estrutura interna e verificando também as novas possibilidades que podem surgir e seus sentidos, pois elas podem ser combinadas e recombinaadas a fim de formar novos termos, conceitos e sentidos. Abaixo segue o poema concreto de Augusto de Campos, escrito em 1956, que, por meio de um jogo de palavras, permite a combinação das partes de várias palavras:



(Tensão de Augusto de Campos – Fonte: UOL)

As partes, quando recombinaadas, expressam novos conceitos e significados, sendo necessário considerar-se que cada “pedaço” da palavra que já contém em si um significado, como se pode observar com o afixo cujo valor acaba alterando o sentido de uma nova parte quando postos juntos formando um vocábulo.

No poema de Augusto de Campos, podem-se formar as palavras:

Com	Tem	Contém
Som	Bem	Tensão
Tom	Sem	Também
		Cantem

Analisando a poesia de Augusto de Campos, Matos (2009, p. 08), observa-se que,

Se na primeira coluna colocarmos, no lugar da letra [c], a letra [s] ou [t], veremos como resultado outras palavras. O mesmo na coluna da palavra “tem”, se colocamos [b] ou [s]. Na terceira coluna, chamamos a atenção para a presença da sílaba “tem”/“ten” que participa na formulação de diferentes palavras. Isso comprova que toda a palavra é formada por vários pedaços que se combinam.

Segundo a tradição Greco-romana, a morfologia fazia parte dos estudos da gramática que era subdivida em três campos: da flexão, o da derivação e o da sintaxe. A primeira dizia respeito aos estudos morfológicos, opondo-se à sintaxe. A segunda, a derivação, ficava em um plano secundário. Já a terceira, era um plano maior, um pouco

mais amplo. A autora acrescenta que houve a focalização nos estudos morfológicos das descrições das formas linguísticas elegendo a identificação dos morfemas e suas regras de combinação como objeto de estudo. Essa perspectiva permite conhecer os morfemas da língua e entender os significados que uma palavra assume e possibilita a criação de novas palavras.

### 2.3.1 Conceito de morfema e seus tipos

Há dois sentidos para entender o termo palavra: o primeiro pode ser visto na perspectiva de resposta à pergunta quantas palavras têm na frase “Márcia contou várias narrativas?”. A resposta, nenhum interlocutor vacilaria em afirmar que há quatro palavras. No entanto, podem questionar, segundo Petter (2003), o número de palavras da sequência “*contou, contamos, contava, contávamos, contasse*” poderia causar uma hesitação no interlocutor e gerar uma possível resposta que considerasse a sequência como formas diferentes de uma mesma palavra. Nesse último exemplo, haveria o segundo conceito de palavras. Esse segundo modo de ver a palavra, levaria em conta a **forma vocabular**, ou a forma de palavra, e o **lexema**, a palavra com o seu significado lexical.

Considerando ainda a palavra CONTAR, há dois processos morfológicos distintos na palavra: a **flexão**, no caso de *contou, contamos* etc. (formas de palavras) – morfologia flexional ou gramatical; e a **derivação**, no caso de *conto, contista*, etc. (novos lexemas) – morfologia lexical. Assim, a morfologia estuda as formas de estruturas segmentadas das palavras buscando dividi-las em unidades significativas de sentidos que podem ser classificadas em lexicais e gramaticais. Segundo Celso Cunha,

quanto à significação, os morfemas classificam-se em lexicais e gramaticais. Os lexicais têm significação externa, porque são referentes a fatos do mundo extralinguístico, aos símbolos de tudo o que os falantes distinguem na realidade objetiva ou no subjetivo. Já a significação dos morfemas gramaticais é interna, pois deriva das relações e categorias levadas em conta pela língua. (2001, p. 76)

Sobre morfemas lexicais afixos e morfemas flexionais (desinências), Carone afirma que os morfemas lexicais (radicais) são usados por desejo do falante, enquanto os morfemas flexionais são impostos pela gramática, ou seja, dependendo do substantivo usado numa frase, o restante dela deverá concordar em gênero e número.

A análise mórfica segue alguns princípios e, para fazê-la, o primeiro passo é definir o que é um morfema. Segundo Carone (2004), o morfema é a menor unidade significativa e tem como propósito articular-se com outras unidades de seu próprio nível. Mas, a autora observa que a palavra é a menor unidade que um usuário comum tem da fala. De acordo com os estudos morfológicos, existem unidades formais na língua que são *livres* e outras que são *presas*. Mattoso Camara (*apud* Laroca, 2003, p. 23) chama de forma livre a palavra que tem autonomia sintática. Elas são as formas que sozinhas constituem um enunciado que permite a comunicação. Se uma pessoa está em uma floresta e ouve alguém gritar “fogo!”, rapidamente essa pessoa sairá correndo para pedir ajuda ou para se proteger compreendendo que algo precisa ser feito com urgência. A palavra “fogo” é uma forma livre e não necessita estar acompanhada de outras para ser entendida, no entanto é preciso considerar-se o uso e o contexto para que ela seja compreendida. Se a mesma palavra for associada a outras num enunciado como: esse menino é fogo, o sentido dela altera-se e para isso ela precisa estar relacionada a outros vocábulos.

Já as formas presas são diferentes, não têm sentido sozinhas, pois não contêm o significado completo. Por exemplo, o prefixo “re” necessita dos verbos fazer, nascer, criar, correr, agir, entre outros para poder ter significado gerando: refazer, renascer, recriar, recorrer e reagir. Formas dependentes são aquelas que não têm sentido em si mesma, mas também não é presa, pois permite duas formas de apresentar-se em um enunciado atrelando-se à forma livre. Um exemplo disso é o pronome átono “se” que pode anteceder ou vir após o verbo em um enunciado.

Laroca (2003) explica que os linguistas reconhecem duas grandes classes de morfemas: as raízes e os afixos. As raízes são o núcleo mínimo de uma construção mórfica, os quais podem ser livres ou presas. Os prefixos possuem três funções: a classificatória, a derivacional e flexional. Conforme a autora, a função classificatória que exerce o morfe é denominada de vogal temática e classifica o

verbo em três conjugações: AR, ER e IR. Os morfemas flexionais alteram os morfemas lexicais adaptando-os as categorias gramaticais que cada classe admite (nos nomes e nos verbos).

Os morfemas flexionais se subdividem em cinco: aditivos, subtrativos, alternativo, morfema zero e morfema latente. O processo aditivo é quando um ou mais morfemas são acrescentados ao morfema lexical. Por exemplo, nos pares: rapaz – rapazes, professor-professora, obtêm os morfes /-es/ e /-a/ que indicam as noções gramaticais de gênero e número. Há morfemas que podem ter funções acumuladas, os chamados *cumulativos* que acumulam informações em si, por exemplo, nos verbos da língua portuguesa como *amáramos* e *bebêramos*, o seguimento /-ra/ e /-mos/ indicam modo e tempo e também número e pessoa.

A subdivisão dos morfemas subtrativos representa uma supressão de um segmento fônico do morfema lexical. Por exemplo, no par irmão-irmã, a noção de gênero é representada na subtração de um morfema. Já no caso dos morfemas alternativos, eles resultam da alternância ou permuta de um fonema no interior do vocábulo. Por exemplo, nos pares “formoso-formosa”, a alternância nos nomes é um traço que fica em segundo plano, mas que completa a noção de gênero nessas palavras.

Na penúltima subdivisão de morfemas flexionais, tem-se o morfema-zero que pode ser conceituado como a não existência de nenhum morfe para concretizá-lo, isto é, o morfema-zero é a ausência de marca em uma unidade léxica, ou seja, são morfemas que não se realizam por meio de algum morfe, mas existem e atuam por confronto ou oposição a outro. Como exemplo pode-se citar o plural dos nomes, como no léxico livro e livros. Segundo Carone “o plural, é ocupado pelo morfema –s, no singular é conjunto vazio, que representaremos pelo símbolo  $\emptyset$  e denominamos ‘morfema zero’”. (2004, p. 24). Já a última subdivisão, alomorfe tem-se a definição que eles são o conjunto de morfes que representam o mesmo morfema; é a propriedade de um morfema ser representado por vários morfes. O exemplo seria dos plurais, o mesmo acontece para os plurais na língua portuguesa que podem ser feitos com os morfemas –s ou –es, apenas observando as regras gramaticais para o seu uso. Então, os alomorfes são morfes alternantes que representam o mesmo morfema dependendo do contexto lexical em que ele se encontra.

Ainda refletindo sobre os tipos de morfemas existentes, faltou abordar dois deles que são: os morfemas derivacionais e os relacionais. Aqueles criam palavras a partir de um morfema lexical utilizando-se de afixos ou por composição e os relacionais organizam os morfemas na frase possibilitando a concatenação dos morfemas lexicais entre si, é a função que desempenham as preposições, conjunções e pronomes relativos.

No próximo item, será abordado mais profundamente sobre os morfemas lexicais que é o item mais importante para se entender a análise que será feita das obras angolanas.

## **2.4 O conceito de léxico e a morfologia lexical – formação de palavras**

No processo histórico da língua portuguesa, vários povos, bem como a geografia regional, os elementos culturais, os sociais e os processos históricos fizeram com que as palavras e a língua ficassem diferentes e únicas em cada país. Cada país fez mais ou menos empréstimos linguísticos. Em relação a esse ponto, Basilio afirma que

O léxico é tradicionalmente definido como o conjunto de palavras de uma língua. Na lexicologia clássica, o estudo do léxico tem por objetivo o maior conhecimento possível das características e propriedades de cada palavra, no presente e no passado. A visão do léxico como um conjunto arbitrário de palavras ou itens lexicais é corrente não apenas nas abordagens tradicionais, mas também no que se chama de senso comum. (BASILIO, 2004, p. 07)

Ainda sobre a definição do léxico, ele não é um grupo ou conjunto de palavras. É um sistema vivo, dinâmico e sempre possui uma estrutura passiva de ser expandida ou recriada. Com a necessidade de sempre precisarmos nomear ou designar novos seres ou objetos, há a urgência do surgimento de novos elementos lexicais ou de fazer novos empréstimos linguísticos. O estrangeirismo é o elemento estrangeiro que é usado, mas não é integrado ao conjunto lexical de um idioma. No entanto, quando ocorre a integração dele e a inserção de um determinado vocábulo

em dicionários, dá-se a integração do neologismo. Alves (2002) observa que a incorporação ortográfica da unidade estrangeira ao sistema português não constitui uma regra, ou seja, a incorporação é bem observada no caso do aportuguesamento, pela grafia, de determinado vocábulo, mas também pode-se usar o vocábulo na sua grafia original.

O conjunto lexical de uma língua está em constante renovação fazendo com que algumas palavras sejam deixadas de ser usadas e outras surjam. Segundo Alves (2002), no que se refere ao processo de criação de palavras, o neologismo “pode ser formado por mecanismos oriundos da própria língua, os processos autóctones, ou por itens lexicais provenientes de outros sistemas linguísticos.” (p. 05). No caso dos neologismos surgidos em Angola, eles podem ter ocorrido pela alteração de algumas palavras da língua portuguesa de Portugal por meio dos usos e por processos de mescla de afixos da língua portuguesa com as línguas nacionais de Angola.

Os morfemas lexicais são aqueles ligados à noção de significado das palavras, ligados à parte semântica. O morfema lexical é, portanto, uma parte invariável do vocábulo que não tem flexão, é a base de uma palavra primitiva que se pode transformar em derivada ou composta, pois, dentro da morfologia lexical existe o processo de derivação e composição que são os processos de formação de palavras. A derivação é utilizada no processo de formação de novos itens. É a partir deles que se podem formar outras palavras ou identificar palavras de mesma origem. Um exemplo que se pode dar é a CAS-A, CAS-ARÃO, CAS-EBRE, CAS-ULO, CAS-AMENTO. Segundo Laroca (2003), os sufixos derivacionais são morfemas lexicais que possibilitam a formação de novas palavras a partir de uma palavra específica e elas podem ou não mudar a palavra “original” de classe gramatical. Já os sufixos flexionais são morfemas que expressam categorias gramaticais, o que possibilita a classificação morfológica de cada palavra.

Carone (2004, p. 37), ao tratar da formação de palavras, inicia com o conceito de composição e afirma que “é um procedimento pelo qual uma construção sintática se mobiliza, dando origem a uma unidade cristalizada”. No que se refere à derivação, ela explica que “é um procedimento gramatical mais produtivo para o enriquecimento do léxico”. E acrescenta que esse procedimento acontece “sobre

apenas um morfema lexical, ao qual se articulam formas presas, os afixos: em posição anterior, os prefixos; em posição posterior, os sufixos”.

Sobre o processo de formação de palavras existe a derivação que pode ser:

- a) Derivação prefixal = prefixo + palavra-base. É a derivação que ocorre quando ao morfema lexical (o semantema) é acrescentado um prefixo. Os exemplos são **compor**, **desleal**, **infeliz**, entre outros. Pelo menos nos autores analisados não foi encontrado nenhuma derivação prefixal diferente da que ocorre usualmente na língua portuguesa.
- b) Derivação sufixal = palavra-base + sufixo. É quando ao morfema lexical (semantema) é acrescentado um sufixo. Exemplos: **maquinaria**, **bebedouro**, **maldade**, entre outros. No português de Angola é comum se encontrar a derivação sufixal como, por exemplo, a palavra **muxoxar** (desdenhar) que é empréstimo linguístico ou neologismo de forma da língua quimbundo, **muxoxo**. À palavra **muxoxo** foi acrescentar a desinência verbal do português que acabou virando um verbo.
- c) Derivação parassintética = prefixo + palavra-base + sufixo. É quando o semantema recebe ao mesmo tempo um prefixo e um sufixo. No entanto, sem o prefixo ou o sufixo, a palavra não existe na língua portuguesa. Exemplos: **enriquecer**, **ajoelhar**, **embarcar**, entre outros.

Antes de se explicar propriamente sobre os dois tipos de formação por composição existentes na língua, faz-se necessário que se coloque aqui a explicação de um fenômeno histórico que acontece com as palavras ao longo da história que é o de perder elementos em sua estrutura, acrescentá-los ou alterá-los. Assim, na história da língua portuguesa houve processos que modificaram as palavras quer no aspecto fonético, quer no semântico, quer gráfico, na formação de novas palavras, que são os metaplasmos. Entre eles, citamos a apofonia que, na parte fonética, representa a alteração da vogal “a” para a vogal “i”. Viaro (2008), no que diz respeito à apofonia, afirma que a troca da vogal “a” para a vogal “i” é constante. O exemplo que o autor dá é a palavra latina *sapidus* que quando é posta com um prefixo, passou a ser pronunciada como *insipidus*.

Outro processo de alteração do morfema lexical/raiz é a assimilação que é quando um som fraco da língua portuguesa é posto perto de um som forte alterando esse

som para forte. O autor exemplifica com a palavra AD + GREG-ARE do latim que com o tempo o som de “d” passou a ser *aggregare*. Outras formas de alteração do léxico em relação a sua grafia ou pronúncia são:

- 1) **A crase** (fusão de duas vogais em uma só) Ex: minha alma (minhalma)
- 2) **A elisão ou sinalefa** (é a queda da vogal átona final de uma palavra, quando a seguinte começa por vogal) Ex: minha infância (mi-nhin-fân-cia). Quando o fenômeno ocorrer, e não for desejada a elisão, costuma-se usar um traço entre as palavras (canta – um), e esse recurso fonético recebe o nome de diálise;
- 3) **A ditongação** (é a fusão de uma vogal átona final com a seguinte, formando um ditongo) Ex: grande amor (grandia-mor);
- 4) **A sinérese** (é a transformação de um hiato em ditongo) Ex: crueldade (cruel-da-de)
- 5) **A diérese** (é a transformação de um ditongo em hiato) Ex: saudade (sa – u – da – de). A diérese pode ser indicada por trema nas semivogais i e u; (vaídade, saudade).
- 6) **A ectíipse** (é a queda de um fonema nasal final para que haja crase ou ditongação) Ex: com o = co; com os = (cós).
- 7) **A aférese** (é a queda de um fonema inicial) Ex: inda (em vez de ainda), ‘stamos (em vez de estamos).
- 8) **A síncope** (é a queda de um fonema no meio da palavra) Ex: esp’rança (por esperança), dev’ria (por deveria).
- 9) **A apócope** (é a queda de fonema no fim da palavra). Ex: mármore (em vez de mármore), cárcer (por cárcere).
- 10) **A prótese** (é o acréscimo de fonema no início da palavra) Ex: alevantar (por levantar), amostra (por mostra).
- 11) **A epêntese** (é a adição de fonemas a no meio da palavra). Ex: blatta que na evolução da língua ficou barata.
- 12) **A paragoge ou epítese** (é o acréscimo de fonema no final da palavra) Ex: cantare (por cantar).
- 13) **A diástole** (é a deslocação do acento para sílaba seguinte) Ex: Cleopatra (em vez de Cleópatra).

- 14) **A sístole** (é o inverso da diástole: deslocação do acento para a sílaba anterior). Ex: Dário (por Dario)
- 15) **A metátese** (é a transposição de um fonema na própria palavra). Ex: vairo (por vário).

A composição consiste na correlação de sentido entre duas palavras que são associadas de modo que possuam um único significado. Essas duas palavras quando se juntam e aglutinar-se modificando foneticamente o léxico gerando perdas de fonemas como em *aguardente* ou podem justapor-se mantendo a mesma forma dos morfemas lexicais originais que lhe serviram como base como no caso de *pentacampeão*. Segundo Souza e Silva & Kock (2009), composição por aglutinação é às vezes difícil para um falante da língua identificar os morfemas lexicais que uma determinada palavra é formada. Saberá apenas um estudioso da língua identificar bem esse processo.

## 2.5 Outros processos de formação de palavras

Além da derivação e composição existem outros processos de formação de palavras que podem incorporar léxicos à língua portuguesa que são a abreviação, a reduplicação ou onomatopeia e as siglas. A abreviação é a redução das palavras até o limite permitido para sua compreensão. Por exemplo, foto (fotografia), auto (automóvel) e as siglas de partidos angolanos com MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), UNITA (União nacional para a Independência Total de Angola), FNLA (Frente Nacional de Libertação de Angola), entre outros. Há vários outros processos de criação como a truncação que é a abreviação de uma parte do léxico em que geralmente é eliminado parte dele, por exemplo, a palavra “euro” que é a abreviação de europeu. Há o tipo de neologismo chamado de palavras-valise que manifesta um tipo de redução e fusão de palavras, como por exemplo, brasileiro + paraguaio = brasiguaio (Cf. ALVES, 2002, p. 70).

Sobre a reduplicação, Alves afirma que é um fenômeno pouco produzido no português contemporâneo e refere-se a um recurso morfológico em que uma mesma

base é repetida duas ou mais vezes a fim de constituir um novo léxico. Um exemplo disso seria o substantivo Lisandra que pode ser reduplicado em Lili na forma afetuosa. A autora afirma que, no português do Brasil, esse processo é pouco comum, mas como veremos na parte de análise, no português de Angola, é um uso frequente como em nome de pessoas e outros. Para exemplificar destacamos a obra de Luandino Vieira, *Luuanda* (1962), em que há um conto chamado *Vavó Xixí e seu neto Zeca Santos*, e já no nome da personagem do conto se vê a reduplicação numa forma carinhosa de denominá-la.

A onomatopeia é a tentativa de reprodução de sons ou ruídos por meio da palavra escrita. Exemplos são: zonzunzum, reco-reco, bem-te-vi, etc. No português angolano pode-se destacar como exemplo a palavra xaxualhar que é de origem quimbundo e representa o som que o vento faz na folha seca.

### 2.5.1 Neologismo

Neologismo é o fenômeno linguístico que consiste na criação de palavra ou expressão nova ou na atribuição de um novo sentido a uma palavra já existente. Ele resulta de necessidades comunicativas, surgindo da dificuldade de o falante não encontrar na língua a palavra adequada para expressar suas ideias. Para essa criação, o usuário utiliza-se dos processos de formação de palavras que ele conhece, por fazerem parte de sua gramática internalizada. Daí a relevância desta pesquisa, que objetiva mostrar como palavras novas incorporaram-se ao português angolano, dando uma feição própria ao seu léxico, tendo como foco os processos de formação de palavras em obras literárias. Alves (2002) lembra que, nos neologismos por empréstimos, “o estrangeirismo costuma ser empregado em contextos relativos a uma cultura alienígena, externa à língua enfocada. Nesses casos, imprime à mensagem a ‘cor local’ do país ou região estrangeira a que ele faz referência.” (ALVES, 2002, p. 70-1).

Existem dois tipos de neologismos: o de forma e o de sentido. O neologismo de forma ocorre quando uma palavra vem de outro idioma gerando agregação de novas palavras na língua como, por exemplo, a palavra *mouse* e *e-mail* que foram incorporadas ao português do Brasil da língua inglesa e as palavras *musseques* e *cubata*

que foram incorporadas ao português de Angola da língua quimbundo. No caso do neologismo de sentido é aquele em que as palavras já existem na língua, ganham outros sentidos quando postas para descrever uma nova ação do homem. Este tem como exemplo a palavra queimar algo que teria como significado colocar fogo em algo, mas existe o termo queimar um CD que significa gravar algo músicas, documentos, etc., em um CD. Um exemplo que se pode dar entre os pares Brasil e Portugal é que a palavra cavanhaque era utilizada pelos portugueses no século XVI e foi repassada aos brasileiros que até hoje a utilizam e sabem perfeitamente o seu significado, em Portugal hoje em dia, essa palavra caiu em desuso e outra palavra ganhou-lhe o posto: barbicha.

As palavras neológicas se fixam na língua por questão de necessidade e uso. Quanto mais as pessoas usam uma palavra estrangeira para designar algo na sua língua ou então precisam daquela palavra porque não existe nenhuma palavra correspondente em seu idioma, tanto mais essa palavra tende a permanecer na língua e até a fazer parte dela depois de um tempo. Algumas palavras surgem em momentos específicos da história e depois de um tempo desaparecem e quase ninguém mais se lembra delas, como é o caso de palavras que surgem por causa de um movimento político, histórico ou literário.

Os literatos contribuíram muito para a formação de novas palavras e também no processo de criação delas. Os escritores do Brasil como Guimarães Rosa, Cassiano Ricardo, Carlos Drummond de Andrade, entre outros, enriqueceram a língua portuguesa nesse sentido.

Carvalho (1984), quando reflete sobre a questão do neologismo, diz que a língua é espelho da cultura e reflete a busca frenética de novidade, “evoluindo rapidamente, introduzindo novos termos, logo aceitos” (p. 8). Monteiro Lobato, em *Emília no país da gramática*, afirma através da voz de sua personagem Emília que “se numa língua nunca houver neologismos, essa língua não aumenta. Assim como há sempre crianças novas no mundo, é preciso que haja, na língua, uma contínua entrada de neologismos (MONTEIRO LOBATO *apud* CARVALHO, 1984, p. 32). Foi a mistura de línguas que fez com que a nossa língua fosse singular e que a nossa estrutura ou melodia fosse diferenciada ou distanciada do português falado em Portugal ou nos países africanos.

Outro seguimento dos neologismos são as gírias. Elas são empregadas por determinados grupos sociais em linguagem cotidiana ou popular proferindo identidade

a um grupo. São fenômenos da língua que podem durar anos ou podem durar apenas o período de uma novela, quando estiver vinculada à fala de um personagem ou de uma geração. Não há uma regra para que elas surjam e acompanhem a todas as gerações, classes sociais e até profissões. Elas podem, após um tempo de uso, quando se tornaram comuns a quase todas as pessoas, ser incorporadas à língua e dicionarizadas. Um exemplo do que aconteceu no português do Brasil é em relação ao léxico “legal” que anteriormente era apenas um utilizado por um determinado grupo que foi passando a outros e depois passou a fazer parte de todos os grupos e classes sociais, foi dicionarizada e hoje não é considerado mais algo informal.

### **2.5.2 Empréstimos linguísticos**

Os empréstimos linguísticos são classificados por três formas diferentes: o cultural, o dialetal e os íntimos. A diferença entre eles está que os culturais são os vocábulos adquiridos por meio das relações comerciais, culturais ou políticas entre os povos; os empréstimos linguísticos íntimos são os captados quando duas línguas coexistem em um mesmo território; e os dialetais são as variações linguísticas de um mesmo país que falam a mesma língua, das variações sociais e jargões especializados.

O próximo capítulo abordará a literatura africana e angolana; depois falará dos autores escolhidos para a análise e também se fará a análise segundo.

### CAPÍTULO III – LITERATURA ANGOLANA E SEUS AUTORES

Neste capítulo, serão abordados temas como a literatura africana, a literatura angolana com sua contextualização e os principais autores de cada movimento. A seguir, apresenta-se a biografia resumida de cada autor escolhido e mostra-se o que cada obra representou na história da literatura. Os autores escolhidos (Luandino Vieira, João Melo e Ondjaki) viveram em épocas diferentes da história de Angola e também atuaram de formas diferentes na literatura ou na sociedade. Mas, os três possuem em comum o fato de fazerem de seus escritos um meio de denúncia social e de representação do povo angolano com os seus costumes, tradições, problemas sociais, modo de ver o mundo, modo de ver a língua portuguesa e de aceitá-la, etc.

Como recorte histórico, nesta dissertação, aborda-se o início da luta pela independência e a parte sangrenta desse período; a época posterior à conquista da independência que foram desde a década de 1960 com Luandino Vieira, e a luta dos partidos pelo poder passando pelo período de conquista da independência de Portugal (1975) e o período de descolonização com João Melo; depois, com Ondjaki, discute-se o que aconteceu no período de guerra civil e o clamor das personagens pela paz. As obras desses autores demonstram especialmente as reações de cada personagem a esses acontecimentos históricos e a maneira como eles lidavam com essa situação social que as vezes prejudicava a economia de todos e deixavam a todos em uma condição de miséria.

Após a síntese dos contos trabalhados, analisam-se trechos que estão enumerados e apresentados na sequência em que eles aparecem no livro de cada autor. Cada palavra a ser analisada do trecho, virá marcada em negrito, depois, virá a sua análise propriamente dita.

No próximo item será abordada, então, a história da literatura africana e angolana.

### 3.1 Conceitos da literatura africana e da literatura angola

A palavra *Literatura* que, até metade do século XVIII, significava textos literários, passou a carregar o significado de conjunto de produção literária de um determinado país, com suas características específicas, sua cultura, sua política, entre outros aspectos, tornando-se particular de cada região. A produção literária é a base da comunicação, é por meio dela que significados, expressões e relatos se formam, possibilitando assim o surgimento da literatura, ela serve como alicerce para os escritos. “O texto é uma *entidade comunicativa* e sobre seu esquema material actuam componentes de diferente ordem conceptual, emocional e, sobretudo, imaginária, que transcendem a sua materialidade linguística” (RIBEIRO, 2009, p. 48).

Além de ter sua importância na escrita, a literatura representa a voz dos povos, propagando sua diversidade. Em Angola, especificamente, ela transmite a história oral, mantida e reforçada pelo povo, passada de geração em geração. A literatura africana restaura a identidade e as raízes dos povos, pois “o escritor africano procura “transformar-se”, mantendo sempre a sua identidade e o caráter “oraturizado e oraturizante” do seu texto” (RIBEIRO, 2009, p. 49). Com isso, formam-se duas tradições, a “tradição cultural autóctone e a tradição literária europeia” (RIBEIRO, 2009, p. 50).

O processo de conscientização sobre as literaturas africanas fez com que estudos sobre a questão surgissem nos anos 40 e 50 do século XIX. Um pouco desse conhecimento foi ocasionado pelo desenvolvimento cultural que ocorreu nas ex-colônias e com o surgimento da imprensa jornalística nos países africanos. A temática constante dessas literaturas era o combate ao colonialismo e a abordagem da luta pela libertação/independência.

As primeiras manifestações literárias foram estudadas por Gerald Moser que “pesquisou livrinhos, na biblioteca da Pennsylvania State University, EUA, e publicou, em 1993, o *Almanach de lembranças (1854-1932)*”. (Conf. FONSECA & MOREIRA, p. 1). Nas publicações do citado autor, ainda sobre os estudos de Gerald Moser, Fonseca e Moreira postulam que os modelos eram inspirados nos modelos europeus que continham apenas amostras de como era a tradição de cada país africano de língua portuguesa, ou seja, nenhum país possuía uma tradição literária com uma literatura com suas próprias características. Faziam tudo por imitação aos modelos europeus. A

característica dessa literatura era a mistura entre as correntes literárias da Europa e das Américas os quais influenciavam aos escritores africanos. Manuel Ferreira (1989) mostra que houve quatro momentos na literatura africana: no primeiro momento o escritor africano está alienado das questões sociais e dos movimentos literários, pois seus textos poderiam ter sido escritos por qualquer escritor de qualquer lugar do mundo e em qualquer época porque eles não consideram nada em relação ao que está a sua volta. Os estudiosos classificam esse período como o de “alienação cultural”. O segundo momento da literatura africana é marcado por um tempo em que o escritor percebe a realidade a sua volta e passa a fazer de sua literatura seja engajada, tenha uma prática social. Sendo assim, temas como a questão da negritude e do indianismo passam a ser frequentes nas obras. O terceiro momento é o que retrata a consciência do escritor de ser colonizado e ser explorado. Nesse sentido, busca-se conscientizar as pessoas sobre sua condição social. É um momento em que o escritor se coloca no mundo realmente como uma pessoa engajada e apresenta um discurso de revolta com o que acontece de mal no seu país. No quarto momento, o autor volta-se para as questões do pós-independência da luta pela paz entre os partidos e para construir a identidade nacional. Nessa fase, também, o autor busca individualizar seus textos buscando também obter uma identidade literária, ou seja, “é o momento da produção do texto em liberdade, da criatividade e do aparecimento de outros temas, como o do mestiço, o da identificação com África, o do orgulho conquistado.” (FERREIRA, 1989 *apud* FONSECA & MOREIRA, p. 02).

O escritor africano tem uma relação com a oralidade. Paralelamente ao estudo feito por Manuel Ferreira, houve os estudos de Patrick Chabal (1994, *apud* FONSECA & MOREIRA) que também estabelece quatro fases abrangentes das literaturas africanas de língua portuguesa. A primeira delas é a chamada literatura de assimilação, quando os escritores fazem os seus textos imitando aos escritores europeus. A segunda fase é a fase da resistência, quando o escritor passa a escrever sobre a luta dos colonizados contra a cultura de seus colonizadores, ou seja, os escritores dessa época resistem com sua cultura e tradição. É nessa fase que ocorre o rompimento com os modelos europeus e que ocorre a primeira tentativa de fazer um modelo original de escrita em busca dos valores angolanos. A terceira fase é a fase de afirmação do escritor angolano como tal, que se dá no pós-independência. Na quarta e última fase, os escritores definem traços do

que seriam os novos rumos da literatura dentro do que cada país necessitava ao mesmo tempo em que procuram não destoar da literatura universal.

A literatura de Angola tem influências de antecedentes e precursores de caráter social, cultural e estético. No século XIX, destacam-se os nomes de José da Silva Maia Ferreira com o seu livro “Espontaneidades da minha alma: às senhoras africanas” (1849), considerada por muitos teóricos a primeira obra angolana na literatura. No entanto, há quem diga que ele não seja o precursor já que sua obra não teve repercussão em outras obras e não houve a criação de um movimento literário com ela.

A literatura não se estabelece apenas para o resgate da herança angolana, mas também com a necessidade de se criarem novos textos, de se constituir uma literatura independente dos preceitos do colonialismo. A literatura se torna também uma espécie de “porta voz”, possibilitando aos angolanos se expressarem e darem respostas à imposição, ou seja, a literatura angolana é composta de várias línguas, tanto da língua do colonizador, quanto das línguas africanas. A língua constitui a realidade quando se adapta ao lugar, em função disso a história acaba se moldando de acordo com quem conta/escreve. Alguns escritores apoiavam a adaptação à língua do colonizador, para que, dessa forma, ela “servisse” a sociedade que dominou. A língua se deparou também com um novo paradigma: ajustar-se à realidade da nação, com sua gramática, pronúncia etc, de forma que o sentido fosse evidente.

Os escritores angolanos ao inserem vocabulários de línguas nacionais em suas obras, criam seus próprios modos de fazer literatura, dando-lhes uma identidade própria. Esse recurso é usado como forma de resgatar e unir as línguas nacionais, permitindo com isso lutar contra a despersonalização. Segundo Manuel Rui, a língua é de todos e não pode ser considerada única e exclusiva de apenas um povo. Ela deve funcionar como meio de comunicação, “uma língua não é de ninguém! A língua é de quem aprendeu” (apud RIBEIRO, 2009, p. 54).

Na década de 1880, havia uma elite crioula que publicava seus livros em jornais e começaram a surgir muitos autores nessa época. O escritor Alfredo Troni, nascido em Coimbra, publicou em 1882, em Portugal e em Angola, um romance chamado *Nga Muturi* que foi considerado a primeira narrativa de motivação angolana que mostra o ascender de uma mulher africana à sociedade angolana. Entretanto, o autor não criou nenhum movimento literário.

São considerados precursores angolanos os escritores: Antônio de Assis Júnior, Castro Soremelho e Oscar Ribas. O primeiro lançou *O segredo da morta* (1935) que marcou a literatura angolana. Rita Chaves (1999) ressalta que o romance de Antônio de Assis Júnior ‘incorpora marcas do momento em que o desenvolvimento socioeconômico provoca fortes mudanças culturais, mexendo no cotidiano daquelas populações fixadas em torno de Luanda e das localidades próximas, situadas nas atuais províncias de Icolo e Bengo, Malange e Kuanza Norte’. (apud FONSECA; MOREIRA, p. 15). Essa mesma temática é retomada por Castro Soremelho que faz uma descrição de aspectos da vida angolana, regulada, na época de sua produção, pela presença da administração colonial e pelos códigos com a metrópole pensava eternizar o colonialismo na África.

Oscar Ribas, apesar de não ter uma formação etnográfica formal, fez com que sua obra se situasse nesse campo e no da criação literária. Ele estava ligado à tradição oral angolana e investigou a filosofia, a filologia e a tradição dos povos quimbundos. O autor ficou conhecido por seu trabalho de coleta de contos, adivinhas, canções, provérbios angolanos, rituais religiosos, poesias e histórias. Conforme Secco (2010, p. 194),

Oscar Ribas é um etnógrafo-tradutor de tradições da oratura angolana. Sua ação de documentarista das manifestações populares orais de sua terra e sua arte de *sungular* o colocam como mediador entre a rica diversidade cultural de Angola e a possibilidade de esta poder acompanhar modelos advindos de potências estrangeiras. (...) Segundo o próprio Ribas, em meio a esse significativo manancial cultural dos povos angolanos, se tornava necessário, de um lado, conhecer suas matrizes orais, mas, por outro lado, era preciso se afastar dos “feitiços”, do ocultismo, ou seja, de acordo com sua visão, Angola devia deixar de ser uma “sociedade negra inculta”.

Em 1948, intelectuais de Angola lançam a revista *Vamos descobrir Angola*. Essa revista tinha o objetivo de romper com o tradicionalismo cultural imposto pelo colonialismo. A inspiração para a criação dela foi dada pelo modernismo brasileiro e estimulava os autores a buscarem uma poesia genuinamente nacional. Costa Andrade (1982, apud FONSECA; MOREIRA, p. 16), comparando a literatura de Angola e a do Brasil diz que ambas possuem elos muito fortes, pois, nas várias obras de angolanos,

podem ser encontrados Jorge Amado, Drummond de Andrade, Graciliano, Jorge de Lima, Cruz e Souza, Mário de Andrade, Solano Trindade e Guimarães Rosa nas obras das jovens gerações de escritores angolanos.

Nas décadas de 1950 e 1960, houve uma mudança temática angolana que se voltou para temas como “a terra, a gente e as suas origens”. Com a publicação da *Revista Cultura* em 1957, os protestos anticolonialistas tomaram mais força e revelaram novos poetas como Antônio Cardoso e Costa Andrade. Além da temática contra o colonialismo, os autores discutiam a temática da invocação da mãe-pátria e terra grande da África que seria a mãe de todos (negros, brancos e mestiços). Nesse período, também havia poemas de caráter intimista, que falavam de pessoas alienadas aos movimentos políticos ocorridos em Angola como, por exemplo, do branco nascido e criado no país.

Todos os poetas dessa época utilizaram recursos líricos e dramáticos fazendo uma poesia de fundo emocional. Havia uma intenção pedagógica nessas poesias no sentido dos poetas tentarem recriar a “África e Angola, os valores ancestrais do homem africano e da sua terra, bem como ensinar esse mesmo homem a descobrir-se como individualidade” (p. 17). Fonseca e Moreira afirmam que esse tipo de poesia “põe em prática a reposição da tradição oral, onde as próprias línguas nacionais ocupam um espaço importante. É numa palavra, a poesia da ‘angolanidade’” (*idem*).

O autor que escrevia nesses moldes era Agostinho Neto. Sua obra possuía um grande humanismo que evidenciava um conhecimento profundo das questões humanas. A esperança é um dos tópicos frequentemente discutidos em sua poesia, revelando um otimismo de que tudo seria diferente.

Na década de 70, surgem três poetas que mudaram a estética da poesia angolana: David Mestre, Ruy Duarte de Carvalho e Arlindo Barbeitos. Segundo Fonseca e Moreira, a poesia entra na fase de experimentação na qual os escritores conciliavam temas políticos do passado com o objetivo de criar estilo poético mais universal. As autoras destacam a poesia de Arlindo Barbeitos como a que africanizou a língua colonial e se esforçou para colocar nela os valores e tradições culturais de seu país. Sua poesia mostra um cenário de guerra colonial. Elas afirmam:

A poesia de Arlindo Barbeitos, como a de outros autores angolanos, desponta no cenário literário do país no período da guerra colonial e alimenta-se da experiência libertária. É um movimento de sonhos desfeitos pela angústia e pela repressão que silencia as estórias que brotavam naturalmente em volta das fogueiras, pois a palavra foi

cerceada e com ela a magia, a energia que alimentava a chama da tradição temporariamente adormecida (FONSECA & MOREIRA, 1999, p. 18)

É nessa época que os cinco países de língua portuguesa vivenciam a luta pela libertação colonial. Em 1980, surge uma geração de escritores ecléticos. No entanto, esses autores tentaram libertar a língua portuguesa da tradição europeia. Houve também a fase poética de buscar a memória de um tempo distante, de uma época anterior à opressão e às desilusões. Os poetas da contemporaneidade reconstruíram a linguagem por meio de recursos linguísticos como repetições frasais e de termos que remetem às origens linguísticas e, concomitantemente, às características nacionais e regionais angolanas. Nesse mesmo período, José Luís de Mendonça ganha destaque com poemas subjetivos, com muito sentimentalismo quiseram representar o seu mundo interior.

Ana Tavares narra em suas poesias temas femininos revelando os costumes das mulheres e suas tradições. A poesia coletivizou a voz de nações que clamavam por liberdade. Autores como Antônio de Assis Júnior e Castro Soromenho procuraram descrever a terra angolana. A mesma intenção de descrição esteve presente nas obras de Oscar Ribas, mas com José Luandino Vieira o trabalho tomou mais expressão não apenas no engajamento social, mas com o seu trabalho de descrição da linguagem dos moradores dos *musseques*. O que se vê é que a literatura angolana é composta por várias vozes com diferentes intenções. Para ouvi-las é preciso que se entenda todo o processo histórico pelo qual o país passou e imprimiu as suas marcas nas gerações de autores.

Estudar essa literatura torna-se algo desafiador porque, ainda que a língua adotada nos livros seja a língua portuguesa e se pressupõe que os falantes de língua portuguesa terão entendimento fácil, isso não é uma verdade absoluta porque nesse pensamento não está considerada a questão da diversidade cultural e linguística de Angola, já que, no país, diversas culturas convivem há séculos. Segundo Ribeiro (2009, p. 03),

Quando estudamos outra língua, outra cultura, a perspicácia e a curiosidade inserem-nos nesse outro mosaico que constitui o mundo possível, ainda que temporário, onde habitamos; aí, o leitor começa a respirar outros traços, a viver e a sentir uma aculturação/miscigenação de línguas e de sangue na senda de uma unidade universal.

Isso se justifica porque todo o percurso que Angola percorreu em sua história é completamente diferente de qualquer outro país. Na leitura desses textos, o leitor ocidental deve compreender os textos africanos como um processo de negociação entre o colonizador e o colonizado em um primeiro momento.

Alguns autores fizeram a tentativa de construir a identidade angolana e cultural por meio de suas obras. Eles relatavam a luta diária de um povo que buscava exprimir sua voz em meio a tantas outras vozes, de um povo que buscava não apagar a sua cultura embora estivesse o tempo todo sendo imposta a cultura e a língua dos portugueses. A tradição oral é o fator determinante da sociedade angolana e, por meio da literatura que está baseada em memórias ou dos relatos de guerras, pode-se interligar disciplinas como a História, a Geografia, a Sociologia e a Antropologia para se entender aquela população. Nesse sentido, Chaves mostra que

Toda a história da literatura angolana nos vai ensinando: a condição colonial não deixa saída. Sua insidiosa presença, contagiando gestos e sensações, torna imperiosa a necessidade de exorcizá-la, e para tanto todas as armas devem ser convocadas. Num ambiente em que ressalta urgência de tantas mudanças, a atividade intelectual faz-se ato de participação, o que significa que a imaginação criadora não se apartará da consciência crítica, patente nos mais diversos níveis. (CHAVES, 1999, p. 63)

Carlos Serrano (2008), sobre a literatura angolana, afirma que, no primeiro momento, em Angola, aparece nas escritas das obras um nacionalismo que foi sufocado, um nacionalismo clandestino que tratava de movimentos que envolviam toda a população. No caso de Angola, a literatura quis se emancipar muito cedo dessa concepção e o fez através da poesia. Nesse ideal, escritores africanos batalham para ultrapassar os obstáculos e a falta de conhecimento histórico geral, que fazem com que a literatura angolana se torne mais particular e se amplie para outros continentes, pois ela “é de todas as literaturas lusófonas, a mais africana, aquela que mais cumpre o realismo africano também é verdade que, ao dirigir-se - ou apenas pretendendo dirigir-se - ao leitor angolano, se separa desse contexto" (RIBEIRO, 2009, p. 268).

A diversidade cultural pôs fim à monocultura infligida pelo colonialismo, mesmo recebendo influências do exterior, e a literatura angolana conseguiu diversificar-se e manter suas origens. Para fazer essa literatura, foi necessário que o escritor estivesse focado em seu ideal e que tivesse todo o conhecimento para buscar a fundo a realidade e "traduzi-la", pois o texto depende unicamente dele.

A literatura angolana mostra o quão cruel foi à colonização para as pessoas e também o quão difícil foi à libertação dela. Os africanos queriam apagar as muitas marcas dos portugueses espalhadas pelo país e desenvolver a identidade angolana; queriam apagar uma história de humilhação que a população de um modo geral foi obrigada a enfrentar. Segundo Chaves (1999), “Foram muitas as formas de resposta. Com armas e com palavras, os angolanos vieram, escrevendo o seu roteiro até que, quase na virada do século XX, conseguissem finalmente mandar de volta os herdeiros da invasão.” (p. 19). A literatura nesse caso serviu como uma espécie de retratação dos homens em uma determinada época e como uma espécie de denúncia por meio da qual os mais velhos contavam as histórias da crueldade que ocorreu no país. A autora Chaves (1999) afirma que,

Em relação ao universo cultural de Angola, onde a escrita chegou mais tarde, e levada por quem levava mais do que a cruz e alguns espelhos, a situação não difere. Como em tantos lugares, as “estórias” contadas pelos mais velhos, conforme declara Manuel Rui, cumpriam o papel de transmitir sabedoria e humanizar o reino das relações que os outros elementos completavam. Trazida com os tiros, a escrita corresponde a uma espécie de ruptura que será convertida em nova forma de sentir e viver. (p. 20)

O que se pode perceber nessa citação é que os mais velhos relatavam suas memórias aos mais novos e eram figuras de extrema importância, pois eram eles que conheciam os detalhes da história ainda que de um ponto de vista subjetivo. Muitos criticam a ação dos portugueses em suas ex-colônias e as pessoas buscam avaliar quem mais ganhou ou perdeu na história da colonização e a resposta é que todos perderam muito com ela. Foram diversas vidas ceifadas em prol de uma ganância da população em enriquecer mais e mais e buscar ter mais poder.

Não apenas no romance angolano existiu espaço para as denúncias do que aconteciam no país, também essa situação ocorreu e, principalmente, nos jornais da

época. Muitos foram os escritores que ajudaram nesse momento. Segundo Chaves (1999, p. 33),

É preciso ressaltar que o ofício da palavra (...) não se prendeu aos limites da atividade literária. A rigor, é a imprensa a responsável pela formação do primeiro reduto capaz de romper verdadeiramente o silêncio estabelecido pela máquina colonial. A atuação jornalística assume, desde a segunda metade do século XIX, uma impressionante importância no cenário da vida luandense.

Os jornais da época queriam mudanças significativas na sociedade e seus escritores reforçavam isso. Angola não queria mais ser um país atrasado onde todas as mudanças mundiais aconteciam por último. Houve uma urgência para acabar com a mesmice e ir rumo à modernização do país e principalmente rumo à descolonização.

Na parte que se segue, serão apresentadas as biografias de cada autor escolhidos, um resumo e trechos de suas obras seguidos pela análise.

## **3.2 Autores, biografia e análise**

### **3.2.1 José Luandino Vieira – vida e obra**

Luandino Vieira fez parte de um grupo chamado de novos intelectuais que lutavam por mudanças sócio-econômicas e que colocavam temas para ser discutidos pela população. A infância e adolescência do autor foram passadas em *musseques* (Braga, Makulusu, Quinaxixe, etc.) e eles deixaram marcas nele que se identificava com a cidade de Luanda e, por essa razão, mudou o seu nome de José Mateus Vieira da Graça para José Luandino Vieira. Na década de 60, ele foi preso em Tarrafal de Santiago, campo de concentração no Arquipélago de Cabo Verde, por militar contra a ditadura colonial. A obra escolhida para análise é da década de 1960, período de início de lutas pela independência do país. Apenas em 1974, ano da Revolução dos Cravos, Luandino Vieira retornou a Angola.

O motivo que o autor escolhe como cenário, em suas obras são os *musseques*. Essa escolha deve-se ao fato de ele ter morado por muito tempo nesses lugares e também pelos ataques cruéis que, em 1960, sofreram os moradores desses locais, devido

à manifestação ocorrida na madrugada de 4 de fevereiro de 1961. Nesse dia, as “prisões de Luanda são invadidas por angolanos armados de pedaços de pau, catanas e a evidente coragem, dispostos a colocar em liberdade os nacionalistas presos,” (CHAVES, 1999, p. 158) pela FIDE (Polícia Internacional de Defesa do Estado). A resposta a essa manifestação foi sangrenta, um verdadeiro massacre indiscriminado contra os moradores dos *musseques*.

Segundo Chaves (1999, p. 161), Luandino Vieira estava envolvido com um “sem-número de atividades (direção da Televisão Popular de Angola, do Instituto de Cinema e da União dos Escritores Angolanos, para citar algumas), Luandino assim explica e procura justificar a interrupção de sua produção literária.”

Em relação à língua portuguesa, Luandino, segundo Chaves (1999, p. 167),

foge à convenção do colonizador e estabelece um padrão novo de escrita, centrada primordialmente numa estética irreverente, guiada pela submissão aos procedimentos gramaticais consagrados. Em lugar da imitação dos modelos cunhados na metrópole, ergue-se uma fala “libertina” que faz lembrar as propostas dos modernistas brasileiros encantados com a criativa coloquialidade da língua utilizada pela gente comum de nossa terra.

Desse modo, o autor se apropria do modo de falar das pessoas dos *musseques*, não como um projeto dele de negar a língua portuguesa imposta pelo colonizador, mas de mostrar o modo livre e afirmativo das pessoas. Chaves destaca ainda que,

Em Luandino, a ausência de alguns nexos subverte a sintaxe convencional, demolindo paradigmas do “bem falar” da língua do outro.” Ou seja, ao misturar no léxico expressões em quimbundo e impor à gramática um certo desalinho, decorrente da mesclagem de estruturas, o falante angolano exercita a sua capacidade de transitar entre dois códigos numa demonstração de competência. (CHAVES, 1999, p. 169, ambas).

Contextualizando o tempo em que Luandino Vieira escreveu sua obra, destaca-se que *Luuanda* se insere no período dos inícios das revoltas populares contra o regime colonial de 1961. Com essa luta, as pessoas começaram a sair do meio rural e foram

para o meio urbano em busca de melhores condições de vida. Com a falta de moradia e os preços dos alugueis de casa, as pessoas construíam residências precárias sem nenhuma organização urbana em regiões pobres chamadas *musseques*. O próprio autor viveu em vários bairros como esses e observou de perto o sofrimento das pessoas que não tinham empregos dignos e passavam constantemente fome. A importância do autor e a legitimidade de seu texto estão justamente no conhecimento de causa que ele possui por ter acompanhado de perto a situação dos mais pobres.

Em 1961, o cenário de Angola estava complicado, com vários interesses sendo discutidos e vários movimentos surgindo para defendê-los. Esse ano foi de ajuste de contas em Angola, pois despertou toda a população rural, que percebeu a quantidade de injustiças que existiam em seu país. Para os portugueses, 1961 foi o ano em que acabou a tranquilidade deles e o ano no qual minou o poderio dos colonos sobre aquela nação, pois aconteceram vários ataques e perseguições contra eles.

*Luuanda* é um livro composto por três histórias: *Vavó Xíxi e seu neto Zeca Santos*, *Estória do ladrão e do papagaio* e *Estória da galinha e do ovo*. Para a análise neste trabalho apenas foram escolhidos os dois primeiros contos da obra. Neles, o autor humaniza as pessoas que se abrigam naqueles bairros humildes destacando o modo peculiar de ver a vida e, principalmente, dando destaque ao modo particular que os moradores desse local falam.

A primeira história é a narrativa de um adolescente chamado Zeca Santos que vive com sua avó e que relata seu drama em conseguir um emprego. O rapaz é muito vaidoso e, embora não tenham nada para comer, quando ele recebe algum dinheiro dos pequenos trabalhos que arranja, gasta-o com roupas para impressionar as moças. Ele comprara uma *amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa amarela que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó*. (Vieira, 2009, p.15)

A narrativa toda gira em torno da busca pelo trabalho do rapaz e do fato de a avó e o neto passarem fome constantemente. Zeca sai algumas vezes para procurar emprego, mas, porque pertencia a um bairro não muito bem visto e por seu parentesco, não arruma emprego. Ele se apaixona por uma moradora do *musseque* que se envolve com outro rapaz morador do mesmo lugar que tem mais condições que Zeca para trabalhar. O menino fica triste com a situação e se empenha com mais afinco na caçada pelo emprego, mas frustra-se logo em seguida. A única-colocação que ele consegue é a de

carregador de sacos (*monangamba*) ganhando miseravelmente pelo serviço. A história acaba de um modo brusco e sem perspectiva de mudança da situação social, com o diálogo de Zeca e sua avó após o rapaz haver perdido a possibilidade de ter um relacionamento com a sua amada Delfina. A fome continua a reinar naquela *cubata* (casa) e o desemprego também.

A segunda história é de um homem que rouba seis patos de um sítio em uma noite e é preso por um *cipaio*. É um relato do encontro de três marginalizados (dois angolanos e um cabo-verdiano) na cadeia: XicoFuta, aquele que sabe das coisas, Garrido Fernandes, aleijado de paralisia infantil, e Lomelino dos Reis, que tem mulher e dois filhos e rouba patos porque não o autorizam a um trabalho honrado. Os três descobrem o valor da solidariedade para escapar da situação desesperadora em que vivem.

Há um foco no cajueiro do *musseque* que aparentemente é o único elemento que dá vida para o lugar e o autor descreve-o da seguinte forma:

(..) um pau velho e bom, quando dá sombra e cajus inchados de sumo e os troncos grossos, tortos, recurvados, misturam-se, crescem uns para cima dos outros, nascem-lhe filhotes mais novos, estes fabricam uma teia de aranha em cima dos mais grossos e aí é que as folhas, largas e verdes, ficam depois colocadas, parece são moscas mexendo-se, presas, o vento é que faz. E os frutos vermelhos e amarelos são bocados de sol pendurados. As pessoas passam lá, não lhe ligam, vêem-lhe ali anos e anos, bebem o fresco da sombra, comem o maduro das frutas, os monandengues roubam as folhas a nascer para ferrar suas linhas de pescar e ninguém pensa: como começou este pau? Olhem-lhe bem, tirem as folhas todas: o pau vive. (Vieira, 2009, p.59)

O cajueiro é um símbolo da MPLA (Movimento pela Libertação de Angola), que indica a resistência, ainda que no meio da destruição. Esse ideal de resistência está bem explicitado no seguinte trecho do conto:

Fiquem malucos, chamem o tractor, ou arranjem as catana, cortem, serrem, partam, tirem todos os filhos grossos do tronco-pai e depois saiam embora, satisfeitos: pau de cajus acabou, descobriram o princípio dele. Mas chove a chuva, vem o calor, e um dia de manhã, quando vocês passam no caminho do cajueiro, uns verdes pequenos e envergonhados estão a espreitar em todos os lados, em cima do bocado grosso, do tronco-pai. (Vieira, 2009, p.59-60)

Podemos perceber no texto também a preocupação do autor quanto aos verdadeiros sentimentos de apego aos costumes e à tradição, quando se recomenda que se deve começar pelas coisas da terra, "costuma se começar, para ser mais fácil, na raiz dos paus, na raiz das coisas, na raiz dos casos, das conversas" (Vieira, 2009, p. 61). Nesse sentido, Luandino Vieira reflete sobre princípios para a construção da identidade nacional, a formação da personalidade na vivência familiar e no grupo étnico, bem como pela educação.

Também há no conto o fato de o português ser visto como uma língua apenas de trabalho pelos luandinos: quando as pessoas queriam excluir os falantes da língua portuguesa, usavam o quimbundo. O exemplo disso está no trecho a seguir, quando o auxiliar da prisão está conversando com um dos personagens, ele fala e cumprimenta em português, mas depois passa a usar a outra língua:

Nem uazekelekié-uazekakiambote, nem nada, era só assim a outra maneira civilizada como ele dizia; mas também depois ficava na boa conversa de patrícios e, então, aí o quimbundo já podia se assentar no meio de todas as palavras, ele até queria, porque para bem-bem português não podia, o exame da terceira é que estava lhe tirar agora e por isso não aceitava falar português de toda a gente, só queria falar o mais superior. (Vieira, 2009, p. 50)

O autor—mostra por meio da personagem como as pessoas viam a língua portuguesa em 1961:

Dosreis não gostava falar com os amigos e só foi explicando melhor, baralhando as palavras de português, de crioulo, de quimbundo, ele sozinho é que tinha entrado lá, agarrado os bichos para o saco e tudo (p. 53)

O que se pode ver nessa citação é que a língua portuguesa era uma língua veicular, mas não era bem quista pela população no geral. Era esse povo que não tivera acesso aos estudos, pois nos anos que antecederam a publicação da obra analisada, poucas eram as pessoas que de fato tinham acesso aos estudos e sabiam ler. A educação não era para todos e sim para uma minoria que fora educada para manter o sistema colonial de organização político-econômica do país.

### 3.2.1.2 – Análise de Luuanda de Luandino Vieira

Para fazer a análise das obras, convencionou-se que se destacaria um trecho significativo para o entendimento dos leitores desta dissertação e em seguida se contextualizaria a citação. As palavras em negrito são analisadas linguisticamente nas categorias de análise alteração fonética; composição por repetição e composição por aglutinação; derivação sufixal; empréstimo linguístico íntimo; neologismo de forma; onomatopeia.

#### TRECHO 1

Primeiro, um vento raivoso deu berrida nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do **Kuanza**. Depois, ao contrário, soprou-lhes do Kuanza para cima da cidade e do **Mbengu**. (p. 11)

Nessa passagem, as pessoas reclamam a falta de chuva que há dois meses não cai na região. As palavras em destaque fazem parte da composição geográfica de Angola sendo uma um rio muito extenso e outra uma cidade. O rio Kuanza fica ao norte de Luanda e está a aproximadamente a 200 km de distância. O nome desse rio também é dado à moeda nacional, apesar de sua grafia ser diferenciada: Kwanza. Já a região de Mbengu, é uma aldeia, lugar de pessoas humildes vindas a maior parte de regiões rurais de Angola. Não se encontra o significado das palavras analisadas, mas elas caracterizam-se como empréstimos linguísticos no Português de Angola, sendo um caso de empréstimo linguístico dialetal.

#### TRECHO 2

Na hora que Zeca Santos saltou, empurrando a porta de repente, e escorregou no chão lamacento da **cubata**, **vavó** pôs um grito pequeno, de susto, com essa entrada de **cipaio**. (p. 13)

No segundo trecho, aparece a palavra *cubata* que quer dizer casa; aparecem também as palavras *vavó* e *cipaio*. As palavras *cubata* e *cipaio* são empréstimos linguísticos dialetais: a primeira palavra é originada da língua quimbundo e significa,

casa. No caso da palavra, *cipaio* é um termo que foi incorporado à língua portuguesa com as viagens dos portugueses as Índias. Originalmente, em híndi, a palavra era escrita como *shipahi* e, nas Índias, designava os soldados hindus que serviam no exército britânico; na África, a palavra designava soldados da cavalaria e soldados locais.

Na palavra “vavó”, de origem quimbundo, ocorre a prótese, que é o acréscimo de um fonema no início de uma palavra, ao termo avó. Esse acréscimo (fonema [v] expressa o modo afetivo do neto de se referir à sua avó. Na descrição, o autor compara a ação do menino ao entrar de um modo brusco dentro de casa à de um soldado do MPLA que não pedia licença para as pessoas, e nem eram cordiais naquela época. Logo, criou-se uma palavra típica do português angolano pela alteração da estrutura da palavra portuguesa.

### TRECHO 3

Nem **maquezo** nem nada! **Aiuê**, minha vida! (p. 14)

No fragmento a seguir, *maquezo* designa uma espécie de pasta que se mastigava pela manhã, feita à base de cola e gengibre; A interjeição “aiué”, dependendo da entonação, pode significar surpresa, alegria, zombaria, pena ou sofrimento. No caso da frase acima significa sofrimento. É uma interjeição muito usada para se lamentar a respeito de algo. Ambos são casos de empréstimos linguísticos no Português de Angola, caracterizando-se como um caso de neologismo de forma.

### TRECHO 4

É dezembro, calor muito; seu homem, Bastos Ferreira, mulato da antiga família de condenados, saiu já dois quinze dias para negociar no mato perto, acompanhando grande fila de **monangambas**, fazendo caminho a pé com os empregos dele. (p. 19)

No fragmento anterior, a palavra “monangambas” significa pessoa que se dedica a todo trabalho pesado como o carregador, o serviçal e o estivador. A expressão era bastante utilizada na época do colonialismo e referia-se a pessoas que executavam trabalhos pesados, eram explorados e tinha uma subvida, semelhante à de um escravo.

Ela é de origem quimbundo sendo um empréstimo linguístico, do tipo neologismo de forma.

#### TRECHO 5

**Sukuma!** Mas ninguém mesmo que me diz quando vai sair, nem nada. (p. 21)

No 5º. trecho, a expressão “sukuma!” é uma interjeição que significa: poça! caramba! porra!. Ela é muito utilizada na coloquialidade e não existe nenhuma alteração de seu idioma original, o quimbundo, caso representativo de um empréstimo linguístico, considerado como neologismo de forma.

#### TRECHO 6

- De Catete, hem?! **Icolibengo?**... Calcinhas e ladrões e **mangonheiros!** (p. 29); e, O miúdo vai fazer **mangonha**, eu é que vou lhe carregar o resto dele... (p. 33)

No trecho sob análise, a palavra “Icolibengo” é a pessoa natural de Icolo e Bengo, região próxima a Luanda. Seu processo de formação é a composição por aglutinação, uma vez que termo icolo, na constituição da nova unidade, sofre alterações em sua estrutura interna. Já a palavra “mangonheiros” vem de “mangonha” que significa preguiça. “Mongonheiros” seria, portanto, uma derivação sufixal, na qual se acrescenta o sufixo –eiro originado da língua portuguesa à palavra da língua quimbundo, representando os homens preguiçosos.

#### TRECHO 7

Nessa hora de quase cinco horas as folhas **xaxualhavam** baixinho e a sombra estendida estava boa, fresca, parecia era água de **muringue**. Sentado nas pedras negras do fumo, Zeca Santos esperava Delfina mirando ansioso, a porta da fábrica. Tinha combinado com a pequena, nesse dia ela ia pedir mais cedo, iam dar encontro, Zeca queria adiantar essas falas do baile de sábado. Delfina **merengara** muito bem com ele e quando o conjunto, depois, rebentou com a música do

“Kabulu”, ninguém mais lhes agarrou, quase o baile ia ficar só deles os dois, toda a gente parada a assistir-lhes, vaidosos e satisfeitos. (p. 30)

Nesse fragmento, a palavra xaxualhar que é um verbo que descreve o barulho que o vento faz ao agitar as folhas. Essa palavra é de origem quimbundo e o processo de sua formação no Português de Angola é a onomatopéia e a imitação do som do vento é reproduzida pela repetição do som consonantal [j] (xê) e pela presença do som consonantal [λ] (lhê) e pela oposição entre os sons vocálicos [a] e [a<sup>w</sup>], conjunto sonoro que recria o som do vento em movimento.

Ainda nesse trecho, encontramos a expressão, “água de muringue”, em que “moringue” é uma bilha de barro para refrescar a água, daí o significado de água fresca. Essa palavra vem do quimbundo *muringi* e no Português Brasileiro originou a palavra “moringa”. No Português de Angola pode ser considerado um empréstimo linguístico, dada a proximidade com o termo original. Esse tipo de empréstimo é chamado de empréstimo de forma que também veio com o sentido da língua original (quimbundo). No contexto da história, destaca-se que a água era um bem precioso para aquela população que estava há dias vivendo a seca pela falta de chuvas.

“Merengara” é um neologismo que vem do substantivo merengue que seria uma dança de origem caribenha. A ela foi acrescentado à desinência verbal, transformando-o um verbo de primeira conjugação possibilitando posteriormente sua conjugação nos tempos verbais como no caso do trecho. No contexto, a moça se “deliciara” com o rapaz, ou seja, dançara com ele e se divertira ao som de Kabulu<sup>2</sup>. É um neologismo de forma.

## TRECHO 8

Vavó Xíxi **muxoxou** na desculpa, continuou varrer a água no pequeno quintal. Tinha adiantado na **cubata** e encontrou tudo parecia era mar: as paredes deixavam escorregar barro derretido; as canas começaram aparecer; os zircos virando chapa de assar castanhas, os furos muitos.

---

<sup>2</sup> Sobre grupo musical, nenhuma referência foi encontrada, apenas em outras obras do próprio autor como no livro *Nós, os do Masuluku*.

(p. 13); E despede-o com um **muxoxo**, a conversa com esse homem pode ser de perigo se lhe dá confiança, o rapaz tem fama. (p. 20)

No trecho apresentado acima, aparecem as palavras muxoxou e muxoxo. Segundo o glossário feito por Luandino Vieira, muxoxar significa fazer um ruído de desprezo, indiferença com os dentes e os lábios. Muxoxo pode também pode significar a ação de dar um beijo em alguém ou ser um resmungo. No trecho escolhido, muxoxou representaria o fato da Vavó Xixí ter resmungado uma desculpa a seu neto. Muxoxou, muxoxo e cubata são palavras oriundas da língua quimbundo, mas a primeira é derivada da segunda, ou seja, de muxoxo, surgiu o verbo muxoxar. No processo de formação de palavras, essa palavra é um neologismo de forma.

## TRECHO 9

Ri os dentes brancos dela, parece são conchas, **xuculula-lhe**, mas não é raiva nem desprezo, tem uma escondida satisfação no fundo desse revisar dos olhos bonitos e, no fim de semana, aponta a esteira, quase séria: - Brinque com Joãozinho, Abel! Se Bastos Ferreira sabe as suas palavras... você, Abelito, vai sujar as calças! (p. 20)

No trecho anterior, aparece o verbo xucular que descreve o barulho que o vento faz nas folhas ao passar por elas. A palavra xucular é uma derivação sufixal acrescentando-se a desinência verbal à palavra de origem africana xucular e o pronome indireto “lhe” como a regra na língua portuguesa de próclise. É um empréstimo linguístico íntimo.

## TRECHO 10

Para os lados do colégio das madres o sino começou tocar devagar e o sol, na hora de dar **fimba** no mar, descia vermelho e grande. O vento a soprar, brincalhão, nos troncos dos paus, trouxe nas orelhas dele, doloridas da chapada, o grito de Delfina, lá de baixo, do princípio do morro, só as cores bonitas do vestido de chita é que se viam bem no meio das folhas: - Não tens vergonha, seu merda?! Estás magrinho parece és bordão de **ximbicar**! Até faz pena!... (p. 37-8).

A expressão dar fimba no mar significa mergulhar. É uma palavra de origem quimbundo representando um empréstimo linguístico dialetal quimbundo. Já a palavra ximbicar vem da palavra ximbica de origem quimbundo que é um cordão para prender embarcação, fino, mas forte. Da palavra ximbica, originou-se um verbo de primeira conjugação que também é um empréstimo dialetal do quimbundo.

## TRECHO 11

Mano Maneco comia, sorria, o trabalho de muitas horas pusera-lhe fome grande, mas não parava de falar as pequenas, os bailes, a motorizada **cadavez** ia lhe comprar mesmo lá no serviço, mas Zeca mirava só os dentes do amigo, amarelos também do azeite, os beiços brilhantes de gordura, e nem que falava, ele mesmo, Zeca Santos, que só sabia esses assuntos de farras e pequenas! Só que a força da barriga é muita e, na hora das bananas, não conseguia aguentar. Aí a voz do caniço, falou fingindo não estava dar importância: - Banana, sim. Fruta eu não tive tempo de comer. O **maximbombo**, sabe, Maneco... (p. 26)

“Maximbombo” é um veículo que pode ser desde um ônibus de viagem que leva muitos passageiros até as populares “lotações” do Brasil que levam menos passageiros. É um empréstimo linguístico da língua quimbundo já citada aqui nos outros trechos analisados. Que tipo de empréstimo? No trecho, aparece ainda a palavra “cadavez” que embora tenha o mesmo significado que no português do Brasil, na obra ela não é grafada na mesma forma podendo ser uma opção estilística do autor em fazer uma representação do modo rápido de falar dos angolanos. Dessa forma, o autor acabou compondo uma palavra nova, ou seja, ele formou uma palavra por justaposição, dado que as palavras que se uniram não sofreram alterações em sua estrutura.

## TRECHO 12

Nessa hora em que deram entrada aí na loja e Maneco cumprimentou sô Sá pedindo dois almoços, o que custou em Zeca foi aquela mentira que saiu **logo-logo**, nem mesmo que pensou nada, nem ouviu ainda o bicho do estômago a reclamar, só a vergonha é que começou as palavras que arrependeu depois: (p. 25)

No trecho, aparece uma palavra que é formada pela repetição: “logo-logo”. Seria outra forma do autor em representar a fala do cotidiano. A palavra acabou obtendo o significado de rapidamente e assumindo a função de um advérbio no contexto. O processo de formação de palavra nesse caso é a composição pela repetição.

### TRECHO 13

Cheio de sono, os olhos vermelhos parecia era tinha fumado **diamba**, deixou as más à toa revistarem o homem, resmungando, xingando só para ele ouvir. Dosreis nem que mexia nada; quieto, os braços em cima da cabeça, no coração a raiva desse **sungaribengo** do Garrido aumentava, crescia, arreganhava. Apostava quem queria, jurava mesmo, sabia, coxo tinha-lhe queixado... (p. 46)

Ambas as palavras são de origem quimbundo, sendo que diamba é a erva da maconha, marijuana e, sungaribengo é a palavra que denomina mulato, mestiço. O fato de essas palavras ainda estarem sendo utilizadas em 2002 com muita frequência, significa que elas já foram incorporadas ao português angolano, mas são empréstimos dialetais.

### TRECHO 14

Com receio, primeiro coisas à toa que não mostravam o que ele queria; depois, os casos da vida sem descobrir trabalho de trabalhar mesmo, só uns biscates nos amigos, arranjar sola rota, tomba, salto, e, quando lhe deixavam, também ia nuns serviços de noite, aí não adiantava ajuntar umas **macutas**. (p. 66-7)

Macutas significa dinheiro, era a antiga moeda de Angola, antes de ser Kwanza. A macuta foi feita a primeira vez de cobre e possuía os seguintes valores: ½ macuta, ¼ macuta e 5 réis, atribuindo-se a cada macuta o valor de 50 réis. Depois, foram cunhadas macutas de prata de diversos valores. Apesar dessa moeda, por falta dela, a economia até 1864 era baseada na permuta de objetos. A atual moeda nacional foi emitida pela

primeira vez em 1976 no pós-independência. Desde essa época, foram acrescentadas à palavra Kwanza outras nomenclaturas simbolizando as reformas econômicas pelas quais passou o país, ou seja, o Kwanza durou até o ano de 1989 sendo substituído pelo Novo Kwanza que durou de 1990 até 1995, seguido pelo Kwanza Reajustado (1995 a 1999) até a moeda atual que é o Segundo Kwanza. A palavra se origina do quimbundo e é um empréstimo linguístico dialetal.

## TRECHO 15

Garrido tinha jurado, nessa hora quando veio, ia sair com resposta de sim ou não. Se sim, para dormir na cama dele; se não, nunca mais lhe falar e procurar matar o **quissonde** que lhe ferrava no peito. Por isso não desistiu logo-logo, continuou a conversa a conversa dele, mas mais nada que podia voltar ao princípio. (p. 68)

Quissonde significa formiga vermelha, grande e agressiva, é um empréstimo linguístico íntimo da língua quimbundo. Essa formiga é uma das mais temidas entre os africanos porque ela é venenosa. Ela tem em média de 3 a 4 cm. No livro *Angola – 11 meses de cativo*, há um relato de que os sequestrados pelo movimento FLEC (portugueses e um angolano) foram picados pela formiga quissonde e tiveram muita febre e até alucinações, sua mordida é muito dolorosa.

## TRECHO 16

Até tinham-lhe corrido num emprego, serviço de guarda, só ficava pensar em Inácia, a pele dela engraxada via-lhe brilhar no meio da fogueira, os risos dela a estalar na lenha e os **capianguistas** tinham vindo, carregando cinco sacos de cimento, nem deu conta do barulho nem nada, e o patrão levou-lhe na esquadra, ele é que pagou os casos. Assim, lá estava no fim da tarde e a maca só passava com papagaio **Jacó**, bicho ordinário que sempre queria morder e desatava insultar. Todos os dias tinha aquela luta: de um lado, sentado nas **massuicas**, Garrido Fernandes, **quileba**, magro das razões da alcunha como falavam os amigos e as pequenas por ali, arrumando a sua perna aleijada em qualquer lado, parecia era de borracha.

(...). (p. 64)

Capianguista é uma derivação sufixal de um empréstimo linguístico íntimo da língua quimbundo. Originalmente, a palavra é caianga e que significa roubo, e capianguista significa, portanto, ladrão, aquele que rouba. O autor dá o nome de Jacó ao papagaio, mas curiosamente Jacó significa papagaio em quimbundo. Pode ter sido um fator estilístico o autor chamar o papagaio pelo nome de sua espécie. A palavra **massuicas** é uma trempe constituída por três pedras sobre as quais se colocam tachos e panelas. Já **quileba** significa alto e tanto massuicas como quileba são palavras de origem quimbundo, caracterizando um neologismo de forma.

No próximo item, focaliza-se o autor João Melo. Sua obra se insere no período de pós-independência, época em que se iniciou uma guerra civil pela disputa do poder político. Muitos foram os problemas sociais que levaram vidas tanto pela morte por meio de armas de fogo como pela fome. Os mais pobres foram os que mais sofreram nesse período.

### **3.2.2. João Melo – vida e obra**

Pelo primor na realização de suas obras literárias, João Melo é um escritor muito conceituado em Angola. Em seu livro de contos escolhido para a análise, relata-se que ele nasceu em 1955 em Luanda, onde vive atualmente. É escritor, jornalista, publicitário, professor universitário de Comunicação e deputado da Assembléia Nacional de Angola. Iniciou os seus estudos em Luanda e o ensino superior em Coimbra e Luanda, escolhendo o curso de Direito.

Entre os anos de 1984 e 1992, morou no Rio de Janeiro, como correspondente de imprensa angolana. Nesse período, graduou-se em Jornalismo na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Seus contos, crônicas e poesias estão em várias antologias em Angola e no estrangeiro. O autor possui: “três menções honrosas, duas no Prêmio Sonangol de Literatura e uma no Prêmio Sagrada Esperança, ambos em Angola. Publicado habitualmente em Portugal e Angola, tem textos traduzidos para mandarim, alemão, italiano e húngaro. (MELO, 2008, orelha do livro)

O livro *Filhos da Pátria* traz diversas temáticas sobre o angolano e sua relação com a pátria. São várias histórias que focalizam tanto um camponês que foi morar na

cidade grande, como um exilado que sente saudades de sua terra; como também tratam das mulheres estrangeiras e o modo como elas vêm os homens angolanos negros e brancos. Além de contar as histórias das pessoas e de dialogar com os leitores, o autor também escreve sobre a história do povo, sua relação com a educação, com os partidos políticos e, principalmente, sobre a sociedade como um todo.

Como traço característico de sua obra, percebe-se um constante questionamento com os seus leitores, dando-lhe explicações sobre a narrativa e sobre o momento emocional de seus personagens. Essas explicações vêm, geralmente, entre parênteses, podendo ser bem curtas ou separadas em um parágrafo longo. O autor baseia suas narrativas no modo de falar do povo angolano. Quando cabe ao narrador-personagem ou narrador-autor contar a história, as falas são em um português culto, exceto se o personagem for considerado mais humilde.

### **3.2.2.1 – Análise Tio mi dá só cem de Filhos da Pátria**

A história escolhida para chama-se “Tio, mi dá só cem” que retrata a história sofrida de um rapaz que saiu do interior para ir morar na cidade grande. O conto é construído em apenas um parágrafo. O narrador da história é um rapaz que passa fome todos os dias em Luanda, como já passava fome quando morava em uma cidade do interior. Ele narra a história a alguém que chama de tio, mas que não é de sua família, pois essa é uma forma de tratamento comum entre os falantes do Português de Angola. Enquanto o narrador conta sua história, ele está assaltando seu interlocutor que, por isso mesmo, é obrigado a escutar o que o rapaz tem a dizer até o fim. O interlocutor, ou por estar nervoso ou por estar com medo daquela situação, às vezes ri ou faz movimentos bruscos, fato que irrita o narrador-personagem que interrompe sua narrativa para ameaçá-lo.

A família do narrador-personagem foi devastada pelos guerrilheiros da UNITA zona rural, sendo suas irmãs e mãe violentadas sexualmente e depois mortas queimadas. Ele vai para Luanda, arruma uma arma e passa a pedir cem dólares/Kwanza para comprar comida aos frequentadores de uma zona de prostituição. Em um desses dias, o personagem mata um dos frequentadores da zona de metrócio. A moça, que estava com

ele, lembrava-lhe a sua irmã, então, com o intuito de salvá-la de seu opressor, o narrador-personagem o mata. Depois, vai com ela a uma praia (lugar que ele queria muito conhecer) e tem relações sexuais com ela.

O que se sabe da história é que a moça queria ter um filho e implora para que ele lhe dê um filho. Depois do ocorrido, o moço volta a ter fome e volta a praticar seus crimes e nunca mais viu a moça.

## TRECHO 1

Tio, mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, tô então com fome, inda não comi nada desde **antesdntem**, os miúdos mi **caçambularam** com ele o ferro que um **muata** me deu, eu lhe vi quando ele chegou com a garina, parecia então filha dele, ou neta, sei lá, meteu o carro lá bem no fundão perto das pedras, eu dei um tempo, contei nas mãos, eu na quarta, a, bê, cê, dê, um, dois, três, quatro, **num** é assim tio, é assim senhor, não ri, foi o meu professor é quem disse. (MELO, 2008, p. 27)

Para se proceder à análise, houve a necessidade de se fazer um corte porque o autor escreve toda a história sem colocar ponto final. A separação dos períodos é feita por vírgulas e existe, como se pode observar, uma confusão em reconhecer quando o narrador-personagem está narrando o assalto que ele fez, e quando ele está recordando situações que lhe aconteceram no passado longínquo, o que demonstra que ele próprio, como personagem, está confuso em saber quem ele é e o seu papel no mundo.

No trecho, aparecem três palavras em que ocorreram metaplasmos em sua pronúncia: mi, antesdntem, num. Na primeira o processo fonético ocorrido é: Mi = metaplasmo de me para mi, houve uma troca da vogal do “e” pelo “i”, o que é chamado de apofonia. Na segunda palavra, antesdntem, os processos fônicos que aconteceram, estão no meio na palavra e houve a união de três (antes de ontem) palavras fazendo com a preposição “de” altere a sua estrutura, resultando em uma palavra nova formada por composição por aglutinação. A palavra “caçambularam” significa tirar furtivamente algo de seu lugar, roubar De um jogo infantil que consiste em tirar das mãos dos companheiros os objetos que eles estiverem segurando, à essa palavra foi acrescentado a desinência verbal de primeira conjugação. “Muata” significa chefe, líder, sua origem é do tronco banto e a escrita da palavra originalmente é mwata, houve o processo de aportuguesamento da palavra e é um empréstimo linguístico do tipo dialetal. Já para a

palavra “num” ocorre o mesmo que em português que é aglutinação do advérbio de negação “não” e o artigo indefinido “um”, sem alterar-lhes o sentido original. Descreve as alterações fonéticas que a palavra sofreu.

O próximo trecho do conto, apesar de começar com letra minúscula, deve ser entendido como o início de um novo período:

## TRECHO 2

[no lixo] encontramos mesmo boas coisas, ossos de galinha assim com umas tiras recicláveis, sim, tio, recicláveis, esta palavra aprendi com uns moços que costumam aparecer por aqui, chegam de motoretas, dizem, nós da Juventude Verde, eu acho esquisito pois no meio deles só vejo pretos, mulatos, tem até uns branquinhos, dizem temos aqui umas mudas de árvores pra vocês plantarem, nós lhes olhamos então de uma maneira que eles não entendem, são burros, **muxoxamos** entre nós árvores, árvores, queremos **masé pancar**, estamos embora com fome, com **bué** de fome. (MELO, 2008, p. 27-8)

No trecho acima, o personagem fica indignado por causa da luta que ele trava no dia a dia para obter comida e quase não ganha atenção de ninguém. Em certo momento, ele consegue chamar a atenção de um grupo de defensores da natureza que lhe dá árvores para plantar ao invés de comida. Sua decepção é tamanha porque ninguém se preocupa com o fato de ele estar buscando comida no lixo, ninguém luta pela causa dos mais humildes ou injustiçados.

O termo “muxoxar” (muxoxamos) já foi analisado na obra de Luandino Vieira, e ele ganha destaque nesta parte novamente para mostrar o seu uso corrente como verbo em Angola. Ele foi empregado para ressaltar o desprezo que uma pessoa tem por outra. O termo “pancar” significa comer e “bué” que significa “muito” e originam-se, como as palavras anteriores, da língua quimbundo no processo de empréstimo linguístico íntimo, motivado pela convivência de duas línguas coexistindo em uma mesma região como o caso do português e do quimbundo. Principalmente o segundo termo “muxoxamos” é muito utilizado e aparece em várias obras de diversos autores angolanos.

No próximo trecho, o narrador continua refletindo sobre o fato de mexer no lixo para encontrar alimentos para comer e fala da concorrência que ele tem com outros animais para achar comida:

### TRECHO 3

eu acho que o mundo é uma granda lataria, o problema é só os ratos, os cães, os gatos, os sacanas são atrevidos, temos de lhes dar **berrida**, outro dia Felipe disse esses filhos da puta estão-nos a fazer concorrência desleal, eu ri só, muito embora que não sei o que é desleal mas ri só, porque nesse dia também não tinha comido, pensei, porra, um dia inda apanho uma dessas ratazanas que parece que comem gatos e faço um bruto churrasco, como só um bocado o resto vendo como **pinchos**, se eu tivesse feito isso hoje não precisava de lhe pedir tio. (MELO, 2008,p. 28)

O termo “dar berrida” significa em quimbundo colocar alguém para correr; expulsar do local. A mesma expressão também parece na obra de Lundino Vieira no primeiro conto de *Luuanda*: “Primeiro, um vento raivoso deu berrida\* nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do Kuanza”. O tipo de empréstimo é íntimo. No próximo trecho é feita a descrição de como o personagem salvou a moça que, ele acreditava, estava sendo explorada por um velho na zona de prostituição:

### TRECHO 4

a mão estava firme na **kilunza** mas a voz era um pequeno fio, os olhos parados, mortiços, como se fora um bicho, eu sou um bicho, tio, um bicho desgraçado, mas assim de kilunza na mão parecia **masé** um comandante. (MELO, 2008,p. 28)

A palavra “kilunza” significa pistola, arma, é um empréstimo linguístico íntimo da língua quimbundo. A palavra aparece no texto sem alteração de sua origem. Para caso do termo do termo “masé” é a união das palavras “mas” com “é”. Na fala do personagem, as duas palavras se uniram, mas o seu significado ficou inalterado, ou seja, se a palavra for pronunciada com ou sem a junção fonética, elas terão o mesmo significado de adversidade e de afirmação de algo.

No trecho a seguir, descreve a forma como a moça ficou quando o rapaz, narrador da história, matou o cliente dela que lhe daria um filho:

## TRECHO 5

lançou-se contra o meu peito, começou a arranhar-me a dar-me bicos nas canelas, mataste meu amigo, mataste o meu amigo, ele ia mi colocar, ia mi dar um filho, enquanto berrava as lágrimas caíam-lhe pelo rosto, de vez em quando ela tentava tirar-me a pistola da mão, calma, dizia eu, calma **garina**, ele é que pediu pra morrer, quem lhe manda reagir, eu só queria cem pra comprar pão, mas ele deu-te o **cumbu** todo. (MELO, 2008,p. 32)

No trecho, o termo “cumbu” significa dinheiro, é um termo originário da língua quimbundo e o termo é acentuado normalmente. Essa palavra também serve para designar a enxada quando ela está desgastada com o tempo. Entretanto, no clamor do personagem, pode-se tirar a conclusão que o primeiro significado é o que melhor cabe ao contexto do trecho literário. Garina significa menina, garota; é um empréstimo linguístico dialetal. Essa palavra vem de uma região de Lisboa chamada Extremuduro.

Na sequência da narrativa, é contado sobre os pais do rapaz narrador e ele diz que não tem família:

## TRECHO 6

Quando cheguei [em Luanda] fiquei um pouco assustado, mas **logo-logo** controlei a situação, primeiro puseram-me num lar de padres mas no terceiro dia fugi, agora estou aqui na Ilha, tenho o meu buraco, saio de dia pra fazer uns biscates, de noite fico mesmo a controlar os carros que chegam pra fazer sacanagens, eles nem reparam quando eu me **aprocheço** silenciosamente deles. (p. 33)

A palavra “logo-logo” também apareceu na obra analisada anteriormente de Luandino Vieira. No caso, ela é formada por repetição e assume o significado de rapidamente. A palavra “aprocheço” é composta por aglutinação, a partir das palavras aproximar e chegar, Seu uso é muito comum no interior do sul do Brasil na coloquialidade, mas não se pode afirmar com toda a certeza que essa tenha sido uma influência da língua portuguesa do Brasil na língua portuguesa de Angola por meio de nossa cultura.

Quando se refere à parte econômica de Angola, sabe-se que o país possui muitos recursos naturais como o diamante. Por causa dele, muitas pessoas e empresas

enriqueceram, lucraram e até mesmo mataram. Rafael Marques (2011), jornalista angolano radicado em Portugal, devido a suas publicações sobre o esquema de corrupção do governo e das forças armadas em relação aos diamantes, escreveu relato investigativo sobre a extração de diamantes e quem são os maiores beneficiários dele. Desde 1912 até os anos 1980, a empresa Diamang detinha o monopólio da extração dessa pedra preciosa e o seu comércio na região de Lundas. Devido à autoridade que essa companhia detinha, ela aplicava castigos severos aos trabalhadores das minas, sendo considerada desumana a sua atuação. Os pequenos agricultores não podiam cuidar da terra, sem a autorização deles. Rafael Marques afirma que, nos anos 80, as pessoas eram proibidas de trabalhar com a terra por causa de uma norma do governo. No entanto, para continuar sobrevivendo, alguns agricultores faziam isso na ilegalidade, e, para se proteger, andavam em grupos, principalmente as mulheres.

Na época, quando os camponeses eram descobertos, eram mortos, violentados ou mutilados por soldados que se aproveitam das crenças religiosas locais para tirar proveito das pessoas. Justificavam que tudo aquilo que eles passavam como mutilação ou violência era porque algum mal eles haviam feito e, por isso, os deuses nervosos lhes mandavam tais castigos. A crença que paira nessas regiões é que a mutilação e/ou violência é resultado de rituais de magias fazendo com que os camponeses, principalmente as mulheres, fiquem com medo de saírem sozinhos.

Rafael Marques acredita que o fato de relacionar a violência à magia é para enfraquecer qualquer tentativa de união desse grupo contra os poderosos. No processo de mutilação, eram arrancados os órgãos genitais, olhos, língua e outras partes do corpo e alguns órgãos eram vendidos a seis mil dólares. Melo (2008), em seu conto *Tio, me dá só cem*, conto analisado nesta dissertação, exemplifica o que era comum acontecer na zona rural de Angola:

o mundo lá no Chitepa era só fome e silêncio, só ficaram velhos e crianças, as mulheres que escaparam de ser violentadas como a minha mãe foram sequestradas em plena luz do dia, os homens diziam vou na lavra e desapareciam, então eu tomei uma decisão, não espero mais, bazei no avião do PAM e pronto, depois que cheguei em Luanda, uns meses depois, apareceu um primo meu como irmão, me disse o tio António foi UNITA, mano, eu não senti nada, nem tristeza, nem alegria, nada. (MELO, 2008, p. 35)

Marques afirma que deixar as pessoas vivendo no terror era uma forma de impedir que as camponesas conseguissem se organizar para impedir a destruição da lavoura. Assim, elas desistiam de trabalhar.

Apesar desses atos desumanos que aconteciam, o governo não tomava nenhuma providência para defender ou proteger as comunidades locais. Sua única preocupação era conter a revolta e a extração ilegal de diamante. Então, aumentavam as restrições para os moradores da região e o livre acesso ou permanência na região, ou seja, para entrar ou sair da região das Lundas, era preciso ter uma liberação assinada pelo governo.

### **3.2.3 Ondjaki – vida e obra**

Ondjaki é o pseudônimo de Ndalú de Almeida que nasceu em 1977, em Luanda. Sua trajetória na arte passa por artes cênicas, plásticas e literatura. Foi estudar em Lisboa Sociologia e fez curso de teatro amador também no país. O escritor fez duas mostras plásticas uma em Luanda e outra no Brasil e já escreveu roteiros cinematográficos e atuou como diretor no documentário *Oxalá cresçam pitangas – histórias da Luanda*, parceria entre Angola e Portugal.

O autor ganhou vários prêmios como o Grande Prêmio de Conto Camilo Castelo Branco em 2007 por *Os da minha rua*, um livro que aborda história da infância do autor. Nesse mesmo ano, o autor veio morar no Rio de Janeiro e passou a publicar suas obras no Brasil.

Em seu processo de escrita, Ondjaki comenta que costuma ser rápido depois que define o argumento da história. O movimento árduo para ele é o processo de reescrita ao qual ele dedica anos à revisão e cortes de trechos. Ondjaki comenta que o que ele o provoca a escrever seus livros, pode ser uma sensação vivida no dia a dia, pode ser uma imagem, uma cena de um filme - o autor comenta que muitas vezes ele faz um conto baseado na sequência de um filme, se uma pessoa não vir o filme, ela não saberá a base do conto. No entanto, quando isso acontece, ele coloca uma epígrafe no início de sua história para a identificação de seus leitores.

Embora o autor tenha experiência com várias linguagens artísticas, é para a literatura que ele sempre volta e dedica mais tempo de sua atenção. O conto é o gênero em que o autor mais tem facilidade. A tradição oral está, bastante presente na vida do autor, conforme sua própria declaração:

Pouco antes da prima mais velha deixar de acreditar na Avó Catarina, vivemos um período de riqueza da tradição oral. Diariamente, abdicando dos seus intermediários provisórios, ou seja, nós próprios, a Avó Catarina contou-nos (em directo) estórias magníficas e um mundo que está tão perto de nós do dia-a-dia, que nem chegamos a vê-lo. Ela dividiu as nossas memórias, preparou-nos um a um, para anos mais tarde cada um de nós se lembrar da parte que lhe coubesse. Foram tempos de intensa passagem de testemunhos vivenciais que a Avó Catarina não permitia que o tempo engolisse. Defendendo-se como podia dessas mordidelas da morte, cultivou então nas nossas memórias as mais belas, as mais puras, as mais típicas estórias das gentes e dos mundos que ela tinha conhecido. (Ondjaki, 2004, apud, RIBEIRO, 2009, p. 87)

### **3.2.3.1 - Análise de *Ynari* de Ondjaki**

O livro de Ondjaki chamado *Ynari* é um livro infantil, o primeiro que o escritor lançou para crianças. É a história de uma menina que possui cinco tranças e usa os seus cinco sentidos para resolver os problemas da guerra de um povoado. O livro é uma analogia à guerra que Angola enfrentava e as tribos no livro representam as etnias que estavam em conflito na Guerra Civil que assolou o país.

Há no livro uma velha que desconstrói as palavras e um velho que as constrói. Ao longo do texto, são poucas as aparições de palavras de origem quimbundo, mas ainda assim há algumas ocorrências. No trecho 2 e 3 separados para a análise, a linguagem é figurada e as personagens criticam a guerra e todo o mal que ela faz ao ser humano. A palavra “coisa de metal” seria a arma que os soldados levavam na mão e eles colocam vários símbolos ou elementos típicos da cultura africana, que eram muito comuns aos angolanos para representar todo o povo que sofreu por causa da guerra. O livro foi escrito em 2001 e, no ano seguinte, a guerra acabou. Com sensibilidade, o autor

escreveu a história para mostrar, do ponto de vista infantil, como a guerra afetou a todos.

## TRECHO 1

não gostava de ver os **olongos** mortos. (p. 11)

“Olongo”, também é chamado de “cudu”, “kudu” ou ainda “goma” é um antílope africano que tem chifres muito longo. Como era costume haver a caça desse animal, a menina não gostava de vê-los mortos porque não havia necessidade de matá-los. Essa palavra é um empréstimo linguístico íntimo da língua quimbundo.

## TRECHO 2

No próximo trecho, aparece na obra uma velha que é muito velha e que destrói as palavras que possuem uma carga negativa em uma fogueira fazendo um ritual de renovação ou purificação da vida dos homens pelo uso daquelas palavras. A velha profere:

- Cada pessoa sua magia; cada árvore sua raiz. O peixe só sabe nadar na água. O **humbi-humbi** preso, nas gaiolas, morre. Coisa de metal que sai metal e fumo, destruimos. Coisa de metal que vira semente e mata, destruimos. De noite, olhar e respeitar as estrelas. De dia, olhar e imitar os animais. Primeiro somos crianças, depois somos caçadores, depois temos crianças, depois ficamos a olhar as crianças. O cágado, sempre lento, é quem chega primeiro. Mais sabedoria tem a palanca negra gigante que só olha os homens de longe. Falei.(p. 22-3)

A formação da palavra *humbi-humbi*, que é de uma palavra da língua umbundo, se dá pelo processo de repetição e significa pássaro que é um réptil da família das tartarugas que possui o pescoço muito grande e se alimenta de vegetais, pequenos peixes, vermes e moluscos. Palanca negra é um mamífero angolano. Esse animal já foi o símbolo nacional do país e os angolanos possuem um respeito por esse animal que na

mitologia do país representa a vivacidade, a velocidade e a beleza. A formação é composição por repetição.

### TRECHO 3

– Cada rio suas águas; cada céu suas nuvens. Peixe dentro da água brinca, fora da água sofre. O humbi-humbi não conhece gaiola, só respeita nuvem. Coisa de metal que sai fumo, vira barro. Coisa de metal como semente, vira **imbondeiro**. De noite, as estrelas olhar e uma só escolher. De dia, os animais caçar, seja, o alimento. Primeiro somos crianças e coração bate. Depois somos caçados por nosso coração. Depois descobrimos criança no coração. Depois a criança nos ensina outros caminhos do coração. O cágado também sabe perder. A palanca negra também sabe fugir. Falei. (p. 23)

No trecho 3, é a vez do velho muito velho que constrói as palavras no livro se pronunciar. Além dos animais que apareciam no trecho 2, surge a palavra imbondeiro, que é de origem quimbundo e que também significa baobá ou calabaceira. É uma árvore que nasce no meio das florestas ou bosques, são árvores que nascem geralmente solitárias em meio à savana ou outras plantas, seus frutos, chamados de *makuá* ou calabauça são super nutritivos e bem comuns na alimentação angolana, no entanto, é pouco conhecida em outros países.

### 3.5 Quadro -síntese da análise

Resumindo a análise feita, segue o quadro síntese com os processos de formação de palavras encontrados nos textos dos autores selecionados:

Quadro-síntese			
Processo de formação de palavras no português angolano			
	<b>Luandino Vieira</b>	<b>João Melo</b>	<b>Ondjaki</b>

Alteração fonética	Vavó	mi, antesdntem, num	
Composição – aglutinação	Cadavez	aprocheço masé	
Composição - repetição	logo-logo	logo-logo	
Derivação sufixal	capianguistas, muxoxou, muxoxo, ximbicar, cipaio, mangonheiro, monangabas, Kuanza, Mbengu	muxoxamos, caçambularam, pancar	Imbombeiro
Empréstimo linguístico – íntimo	quileba, massuicas, Sukuma, quissonde, macutas, diamba, sugaribengo, maximbondo, maquezo, fimba, cubata, muringue, monganha, Icolibengo	cumbu, kilunza, bué, muata	olongos, humbi- humbi
Neologismo	Merengara		
Onomatopeia	Xuxualhar		

Como se pode ver no quadro acima, a grande maioria é de derivação sufixal e de empréstimo linguístico íntimo (aquele que é motivado pela existência de duas ou mais línguas que coexistem em um mesmo território). Apenas a palavra de humbi-humbi é originada de uma língua umbundo. Todas as outras são empréstimo linguístico,

derivações ou composições que se basearam na língua quimbundo. As duas composições por aglutinação e por repetição são da língua portuguesa.

## CONCLUSÃO

Todo o trabalho dissertativo é uma ação complexa e árdua em seu todo. É um trabalho solitário de tentativa de se produzir o melhor e contribuir com a ciência. Nele não se podem relatar todas as dificuldades encontradas durante a formulação do trabalho e muito menos o que foi aprendido direta ou indiretamente dentro e fora da sala de aula. Também não se pode contabilizar a quantidade de horas, dias e anos reservados para a confecção da dissertação nem a quantidade de revisão que foi preciso fazer, muito menos as lágrimas que foram fiéis companheiras e a vontade de se superar. Virar a página final da dissertação é ter a certeza de que foi com muita luta que alguém chegou até ali. O visível está posto, mas o que não se vê é a instabilidade de não se ter mais controle sobre o que se escreveu. Perdido está o controle. Caminha-se para o desfecho, em uma tentativa de liberar-se do trabalho. É claro que muito mais poderia ter sido abordado, mas é preciso desprender-se dessa etapa agora.

A pesquisa em si foi cativante, pois se pôde verificar que há países em que os materiais para a pesquisa são fáceis de serem encontrados em nosso país de origem e outros, podem ser encomendados pela internet e, outros ainda, como no caso do país escolhido como tema, não há nenhum material que possa ser encontrado em lugar nenhum porque ainda há muito que se estudar e escrever sobre o país. O que foi detectar é que há parte da história que ainda precisa ser aprofundada dos anos posteriores ao descobrimento de Angola até o início de 1961 com a Revolução dos Cravos porque muito se encontra depois dessa fase da revolução, mas antes, poucos estudos foram feitos. A literatura encontrada desse período são memórias e relatos sobre combates, que não tiram a sua validade como reconstrução de uma época, mas que não reconstroem o todo de um período já que se baseiam na visão de uma minoria sobre os fatos. Também, dos anos posteriores a 1975, no período de pós-independência, os livros que são encontrados são relatos de portugueses que sofreram com o período de descolonização, mas não existe nada academicamente formalizado como estudo do que foi aquele período para outros povos.

Sobre esse “*déficit*” alguns escritores literários tentaram narrar parte da história de Angola em suas narrativas buscando oscilar a descrição das personagens - o modo delas verem e enfrentarem o mundo – e a história do país, como é o caso de escritores como Pepetela. Entretanto, ainda há muito a ser feito, com rigor, por um pesquisador

especializado na área. Em relação à linguística, a situação fica ainda mais complexa porque o que foi concluído com essa pesquisa é que não é fácil encontrarem-se obras de gramáticos angolanos e poucas são as pessoas que trabalham com linguística e, como consequência disso, a diversidade linguística existentes atualmente em Angola, podem desaparecer com a morte de seus falantes se não se fizer uma gramática dessas línguas e dicionários para sua conservação e permitir o seu ensino às pessoas daquelas etnias e/ou interessados no geral. Algumas línguas já estão dicionarizadas e já possuem as suas gramáticas como é o caso do quimbundo e o tchokwê, mas, em vista do número de línguas existentes hoje em dia, o trabalho é pequeno.

Nesta pesquisa se viu a luta de um povo para conseguir a sua independência e a conquista da identidade nacional. Muito das transformações na língua portuguesa de Angola foi condicionada pela resistência ao modelo de cultura e de língua que até a independência os angolanos haviam recebido de seu colonizador, então, inserir palavras, estruturas gramaticais e/ou a entonação das línguas nacionais à língua portuguesa era tornar mais nacional a imposição de aceitação de uma língua oficial. O fato dos angolanos concordarem com a oficialidade da língua como objetivo de se manter a paz entre as etnias, não queria dizer que cada um não pudesse deixar a língua do seu jeito, mais angolana. O que se objetivou nesta dissertação foi analisar as descrições e reflexões da variante angolana.

As perguntas orientadoras dessa pesquisa foi se existia uma língua portuguesa com características própria em Angola e, se sim, a história de Angola havia motivado essas modificações? Quais eram as características do português de Angola? Quais são as línguas nacionais que mais influenciaram a língua portuguesa? Como é a educação da língua portuguesa?

O que se pode ver com as análises das obras escolhidas e existe sim uma língua portuguesa de Angola com suas marcas especiais. A história do país e a presença de muitas línguas nacionais convivendo acabaram influenciando a língua oficial do país que era a língua portuguesa. Muitas das mudanças que ocorrerem na língua oficial foram motivadas também ao período de resistência à cultura angolana que o país passou: optar por se comunicar em uma língua nacional ou invés do português ou a opção também era mesclar palavras de outra língua em um empréstimo linguístico íntimo também era aceitável já que ajudavam as pessoas a ter sua identidade cultural assegurada.

O que foi visto neste trabalho em relação a sua análise é que as palavras que transformam dão uma característica própria à língua portuguesa de Angola são de origens quimbundo e os processos de criação de palavras são a derivação sufixal e o empréstimo linguístico íntimo. Este último processo é motivado pela coexistência de várias línguas nacional juntas. Os autores são de Luanda, então, os processos de formação de palavras envolvem a língua da etnia quimbundo. É provável que em outras partes de Angola possa haver os mesmos processos de formação de palavras, ou outros, envolvendo a língua de cada região como o umbundo. No entanto, como a região de Luanda abarca um grande número de intelectuais que se certo modo abarcaria a parte produtivo-acadêmica do país, são mais comuns as palavras da origem quimbundo ser dicionarizadas do que as outras.

Os objetivos foram atingidos, mas há muito ainda a ser feito pela história de Angola e há muito que ser estudado. Há um campo de pesquisa vasto no país em vários temas e faltam pesquisadores nos campos que envolveram esta pesquisa: literatura, linguística, história. Além de faltar especialistas para as outras áreas de estudos gerais como saúde, educação, economia, política, entre outros.

## Referências bibliográficas

- ALVES, I. M. *Neologismo – criação lexical*. São Paulo: Ática, 2002. 2ed.
- ANGOLA. *Documentos do MPLA*. 1ª série nº 2. Lisboa. ULMEIRO, 1977 (Terceiro Mundo e Revolução).
- ALONSO, Paulo C.M.Y. *A Educação em Angola e a Cooperação internacional Universitária*. Rio de Janeiro, Universidade, 2002.
- BASÍLIO, Margarida. *Cruzamentos vocabulares: o fator morfológico*, 2005  
\_\_\_\_\_, Margarida. *Segmentação e classificação dos morfes*. Cadernos da PUC – RJ, 1974
- BLOOMFIELD, Leonard. *A set of postulates for the science of language*. In: *International Journal of American Linguistics*, 1926  
\_\_\_\_\_. *A set of postulates for the science of language*. In: R.I.L., 1966.
- BORBA, Francisco da Silva. *Introdução aos estudos linguísticos*. 11. ed. Campinas, SP: Pontes, 1991.
- CARONE, F. B. *Morfossintaxe*. São Paulo: Ática, 2005. 9ed.
- CARVALHO, N. *O que é neologismo?* São Paulo: Brasiliense, 1984.
- CUNHA, C. & CINTRA, L. *Nova gramática do português contemporâneo*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2001. 3ed. rev.
- CONSELHO DE MINISTROS. *Estratégia Integrada Para a Melhoria do Sistema de Educação- 2001-2002*.
- DIÁRIO DA REPÚBLICA DE ANGOLA. Iª Série n. 65. *Lei de bases do sistema de educação nº 13/01*. Luanda, 2001.
- ELAIGWU, J.I. *Construção da nação e evolução das estruturas políticas*. In: MAZRUI, A.A; WONDJI, C.(org) *História geral da África*, VIII: África desde 1935. Brasília: UNESCO, 2010.
- FONSECA, M. N. S; MOREIRA, T.T. *Panorama das Literaturas Africanas de língua portuguesa*. Disponível em <  
[http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth\\_panorama.pdf](http://www.ich.pucminas.br/posletras/Nazareth_panorama.pdf)> Acesso em 05 nov. 2012.
- FÓRUM MUNDIAL DE EDUCAÇÃO. *Quadro de ação de Dakar de educação para todos*. Abril de 2000. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. *Plano Nacional de educação para todos (2001-2015): Vol, 9*. Luanda, 2004.

GONÇALVES, A. C. *A história revisitada de Kongo e de Angola*. Lisboa: Editorial, 2005.

GOVERNO DE ANGOLA. Comissão de Acompanhamento das Acções da Reforma Educativa CAARE. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Balanço de Implementação da 2ª Reforma Educativa em Angola. Luanda, 2010.

GOVERNO DE ANGOLA. Comissão de Acompanhamento das Acções da Reforma Educativa CAARE. In: MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Relatório da fase de experimentação do Ensino Primário e do 1º Ciclo do Ensino Secundário. Luanda, 2010

KEHDI, Valter. *Morfemas do português*. 6ªed. São Paulo: Ática. 2002.

LAROCA, M. N. C. *Manual de morfologia do português*. Campinas, SP: Pontes; Juiz de Fora, MG: UFJF, 2003.

KI-ZERBO, Joseph (org). *História Geral da África I: Metodologia e pré-história da África*. Brasília: UNESCO, 2010. 2ed. rev.

LOUNSBURY, Floyd. *The method of descriptive morphology*. In: R.I.L., 1966

MARQUES, Rafael. *Entrevista*. In: O que fica do que passa. Portugal: Canal Q15.

MELO, João. *Filhos da Pátria*. Rio de Janeiro: Record, 2008.

NGULUVE, Alberto K. *Educação Angolana: políticas de reformas do sistema educacional*. Piracicaba, SP: Biscalchin Editor, 2010.

ONDJAKI. *Ynari – a menina das cinco tranças*. São Paulo: Companhia das Letrinhas, 2002.

RIBAS, Oscar. *Dicionário de Regionalismos Angolanos*. Lisboa: Contemporânea, Matosinhos, 1994.

\_\_\_\_\_. *Oscar Ribas e as literaturas da noite: a exímia arte de singular*. Disponível em

<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/navegacoes/article/viewFile/8441/6026>.

Acesso em 18 jul 2013

RIBEIRO, M. G. C. *Morfologia da língua portuguesa*. Disponível em <[www.cchla.ufpb.br/clv/mod/p3/p3\\_2.pdf](http://www.cchla.ufpb.br/clv/mod/p3/p3_2.pdf)> Acesso em 17 nov. 2012.

ROSA, Maria Carlota. *A arte da língua de Angola (1697) e a gramática latina de Manuel Álvares (1572)*. Revista Eutomia, ano III, v. 2, 2010. Disponível em <[http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque\\_a\\_arte\\_da\\_lingua\\_de\\_angola.pdf](http://www.revistaeutomia.com.br/volumes/Ano3-Volume2/especial-destaques/destaques-linguistica/destaque_a_arte_da_lingua_de_angola.pdf)>

\_\_\_\_\_. *Introdução à morfologia*. São Paulo: Contexto, 2000.

- SANTOS, M. *Manual de Geografia urbana*. São Paulo: Hucitec, 1981
- SARAIVA, José F. S. (org.). *Comunidade dos Países de Língua Portuguesa (CPLP): Solidariedade e ação política e ação política*. Brasília: IBRI, 2001.
- SAUSSURE Ferdinand de. *Curso de linguística geral*. 7ed. São Paulo: Cultrix, 1972.
- SILVA e MENEZES, S. *Dinâmica da transição de uma economia dependente colonial para uma economia centralmente planejada e sua inflexão recente para a economia de mercado*. São Paulo: USP, 1996 (tese de doutorado)
- TIBURCIO, J. A. P. *Paz e Guerra em Angola: um estudo exploratório*. Brasília: UNB, 2009. Dissertação de mestrado.
- VANSINA, J. O rumo do Congo e seus vizinhos. In: ALLAN, B. O (org). *História geral da África, V: África do séc. XVI ao XVIII*. Brasília: UNESCO, 2010. Capítulo 19.
- WHEELER, D; PÉLISSER, R. *História e Angola*. Lisboa: Tinta da China, 2011.
- VIEIRA, J. Luandino. *Luuanda – estórias*. São Paulo: Companhia das Letras: 2006.
- ZAU, Fellipe. *Angola Trilhos para o Desenvolvimento*. Lisboa: Universidade Aberta, 2002.

## ANEXOS A - Luandino Vieira



### Conto 1

#### VAVÓ XÍXI E SEU NETO ZECA SANTOS – Luandino Vieira (conto)

Tinha mais de dois meses a chuva não caía. Por todos os lados do musseque, os pequenos filhos do capim de novembro estavam vestidos com pele de poeira vermelha espalhada pelos ventos dos jipes das patrulhas zunindo no meio de ruas e becos, de cubatas arrumadas à toa. Assim, quando vavó adiantou sentir esses calores muito quentes e os ventos a não querer mais soprar como antigamente, os vizinhos ouviram-lhe resmungar talvez nem dois dias iam passar sem a chuva sair. Ora a manhã desse dia nasceu com as nuvens brancas - mangonheiras no princípio; negras e malucas depois - a trepar em cima do musseque. E toda a gente deu razão em vavó Xíxi: ela tinha avisado, antes de sair embora na Baixa, a água ia vir mesmo.

A chuva saiu duas vezes, nessa manhã.

Primeiro, um vento raivoso deu berrida nas nuvens todas fazendo-lhes correr do mar para cima do Kuanza. Depois, ao contrário, soprou-lhes do Kuanza para cima da cidade e do Mbengu. Nos quintais e nas portas, as pessoas perguntavam saber se saía chuva mesmo ou se era ainda brincadeira como noutros dias atrasados, as nuvens reuniam para chover mas vinha o vento e enxotava. Vavó Xíxi tinha avisado, é verdade, e na sua sabedoria de mais-velha custava falar mentira. Mas se ouvia só ar quente às cambalhotas com os papéis e folhas e lixo, pondo rolos de poeira pelas ruas. Na confusão, as mulheres adiantavam fechar janelas e portas, meter os monas para dentro

da cubata, pois esse vento assim traz azar e doença, são os feiticeiros que lhe põem. Mas, cansado do jogo, o vento calou, ficou quieto. Durante algum tempo se sentiram só as folhas das mulembas e mandioqueiras a tremer ainda com o balanço e um pírulas, triste, cantando a chuva que ia vir. Depois, pouco-pouco, os pingos da chuva começaram a cair e nem cinco minutos que passaram todo o musseque cantava a cantiga d'água nos zincos, esse barulho que adiantou tapar os falares das pessoas, das mães gritando nos monandengues para sair embora da rua, carros cuspiendo lama na cara das cubatas, e só mesmo o falar grosso da trovoada é que lhe derrotava. E quando saiu o grande trovão em cima do musseque, tremendo as fracas paredes de pau-a-pique e despregando madeiras, papelões, luandos, toda a gente fechou os olhos, assustada com o brilho azul do raio que nasceu no céu, grande teia d'aranha de fogo, as pessoas juraram depois as torres dos reflectores tinham desaparecido no meio dela. Com esse jeito choveu muito tempo.

Era meio-dia já quase quando começou ficar mais manso, mesmo com o céu arreganhador e feio, todo preto de nuvens. O musseque, nessa hora, parecia era uma sanzala no meio da lagoa, as ruas de chuva, as cubatas invadidas por essa água vermelha e suja correndo caminho do alcatrão que leva na Baixa ou ficando, teimosa, em cacimbas de nascer mosquitos e barulhos de rãs. Tinha mesmo cubatas caídas, e as pessoas, para escapar morrer, estavam na rua com as imbambas que salvaram. Só que os capins, aqueles que conseguiam espreitar no meio das lagoas, mostravam já as cabeças das folhas lavadas e brilhavam uma cor mais bonita para o céu ainda sem azul nem sol. Na hora que Zeca Santos saltou, empurrando a porta de repente, e escorregou no chão lamacento da cubata, vavó pôs um grito pequeno, de susto, com essa entrada de cipaio. Zeca riu; vavó, assustada, refilou:

- Ená, menino!... Tem propósito! Agora pessoa de família é cão, não é? Licença já não pede, já não cumprimenta nos mais-velhos...

- Desculpa, vavó! É a pressa da chuva!

Vavó Xíxi muxoxou na desculpa, continuou varrer a água no pequeno quintal. Tinha adiantado na cubata e encontrou tudo parecia era mar: as paredes deixavam escorregar barro derretido; as canas começavam aparecer; os zincos virando chapa de assar castanhas, os furos muitos. No chão, a água queria fazer lama e mesmo que vavó punha toda a vontade, nada que conseguia, voltava sempre. Viu bem o melhor era ficar quieta;

sentou no caixote e, devagar, empurrou as massúcas no sítio mais seco para fazer o fogo, adiantar cozinhar almoço.

Lá fora, a chuva estava cair outra vez com força, grossa e pesada, em cima do musseque. Mas já não tinha mais trovão nem raio, só o barulho assim da água a correr e a cair em cima da outra água chamava as pessoas para dormir.

- Vavó?! Ouve ainda, vavó!...

A fala de Zeca era cautelosa, mansa. Nga Xíxi levantou os olhos cheios de lágrimas do fumo da lenha molhada.

- Vamos comer é o quê? Fome é muita, vavó! De manhã não me deste meu matete. Ontem pedi jantar, nada! Não posso viver assim... Vavó Xíxi abanou a cabeça com devagar. A cara dela, magra e chupada de muitos cacimbos, adiantou ficar com aquele feitio que as pessoas tinham receio, ia sair quissemos, ia sair quissende, vavó tinha fama...

- Sukua'! Então, você, menino, não tens mas é vergonha?... Ontem não te disse dinheiro 'cabou? Não disse para o menino aceitar serviço mesmo de criado? Não lhe avisei? Diz só: não lhe avisei?...

- Mas, vavó!... Vê ainda!... Trabalho estou procurar todos os dias. Na Baixa ando, ando, ando - nada! No musseque...

- Cala-te a boca! Você pensa que eu não lhe conheço, enh? Pensa? Está bom, está bom, mas quem lhe cozinhou fui eu, não é!?

Tinha levantado, parecia as palavras punham-lhe mais força e juventude e ficou parada na frente do neto. A cabeça grande do menino toda encolhida, via-se ele estava procurar ainda uma desculpa melhor que todas desses dias, sempre que vavó adiantava xingar-lhe de mangonheiro ou suinguista, só pensava em bailes e nem respeito mesmo no pai, longe, na prisão, ninguém mais que ganhava para a cubata, como é iam viver, agora que lhe despediram na bomba de gasolina porque você dormia tarde, menino?...

- Juro, vavó! Andei procurar trabalho...

- O menino foste no branco sô Souto, foste? Te avisei ainda para ir lá, se você trabalha lá, ele vai nos fiar almoço!... Foste?

Zeca Santos fechou a cara magra com as palavras da avó. Na barriga, o bicho da fome, raivoso, começou roer, falta de comida, dois dias já, de manhã só mesmo uma caneca de café parecia era água, mais nada. Vavó quase a chorar lhe sacudiu da esteira com a vassoura para ele ir embora procurar serviço na Baixa e, quando Zeca saiu, ainda

falava as palavras cheias de lágrimas, lamentando, a arrumar as coisas:  
- Nem maquezo nem nada! Aiuê, minha vida! Esta vida está podre!...  
Agora, recolhida no canto, continuava soprar o fogo; a lata de água fervia, mas nada que tinha para pôr lá dentro.

- Mas, vavó, vamos comer?

- Ih?! Vamos comer, vamos comer!... Vamos comer mas é tuji! Menino trouxeste dinheiro, trouxeste, para comprar as coisas de comer?... Todos dias nas farras, dinheiro que você ganhaste foi na camisa e agora vavó quero comer, vavó vamos comer é o quê?! Juízo, menino!

Continuou abanar o fogo com raiva, a lenha já estava arder muito bem, cheia de estalos, fazendo mesmo pouco fumo, mas vavó não podia ficar ainda calada. Lamentou outra vez:

- Aiuê!... Não te disse para ir no sô Souto? Cadavez se você ia lhe ajudar, ia nos fiar outra vez, cadavez quem sabe...

- O branco sô Souto, o branco sô Souto! Vê só, vavó, vê ainda, mira bem! Zeca Santos estava tirar a camisa amarela de desenhos de flores coloridas, essa camisa que tinha-lhe custado o último dinheiro e provocado uma grande maca com vavó. Na pouca luz da cubata e do dia sem sol, as costas estreitas de Zeca apareceram com um comprido risco vermelho atravessado. Vavó levantou com depressa e passou as mãos velhas e cheias de calos nas costas novas do neto.

- Aka! Como é o menino arranjaste?... Diz só! Fal'então!?! Mas ele já tinha vestido outra vez a camisa. Virado para vavó Xíxi, empurrou-lhe devagar para ir no caixote dela e, sentando o comprido corpo magro na mesa pequena, começou falar triste, disse:

- Vavó me disseste para eu ir lá e eu fui. Verdade! Nem mesmo a chuva que tinha começado a chover e a fome estava-me chatear nessa hora... Sô Souto recebera-lhe bem, amigo e risonho, pôs mesmo a mão no ombro dele para falar:

- Pois claro! Para o filho de João Ferreira tenho sempre qualquer coisa. E a avó, vai bem? Diz ela não precisa ter vergonha... a conta é pequena, pode vir ainda cá... Tinha desaparecido depois, na direcção do armazém, arrastando a barriga dele dentro da camisola suja e Zeca Santos distraiu-se a olhar a bomba da gasolina com tambor e

manivela de medir, não era automática como as da Baixa, não senhor. E dois vidros amarelos, cada qual marcando cinco litros...

- Juro, vavó, não fiz nada, não disse nada! Só tinha-lhe pedido para trabalhar na bomba de medir gasolina, mais nada... Só para comer e para te fiar comida ainda, vavó! E ele estava rir, estava dizer sim senhor, eu era filho de João Ferreira, bom homem e depois nem dei conta, vavó...

Zeca Santos queria chorar, os olhos enchiam de água, mas a raiva era muita e quente como tinha sido o grito do cavalmarinho nas costas dele e esse calor mau secava as lágrimas ainda lá dentro dos olhos, não podiam sair mesmo. - ... me arreou-me não sei porquê então, vavó! Não fiz nada! Quando eu fugi, ficou me gritar ia pôr queixa no Posto, eu era gatuno como o Matias que andava lhe roubar o dinheiro da gasolina quando estava trabalhar lá...

- Ih!? Mas esse menino está preso mesmo, mentira?  
- Sim, vavó! Foi ele que lhe levou no Posto. E estava-me gritar eu era filho de terrorista, ia-me pôr uma queixa, não tinha mais comida para bandidos, não tinha mais fiado... Vavó Xíxi Hengele, velha sempre satisfeita, a vida nunca lhe atrapalhava, descobria piada todo o dia, todos os casos e confusões, não queria acreditar essas coisas estava ouvir, mas as costas do neto falavam verdade. Um branco como sô Souto, amigo de João Ferreira, como é ele ia ainda bater de chicote no menino só porque foi pedir serviço? Hum!... Muitas vezes Zeca tinha começado com as manias antigas, o melhor era procurar saber a verdade inteira...

- Mas ouve ainda, Zeca! Você não lhe tiraste nada? Nem mexeste mesmo nas roupas da porta, só para ver?...

Cautelosa, com toda a esperteza e técnica dos anos que tinha vivido, vavó Xíxi começou explorar o neto, pôr per-guntas pareciam à toa mas eram para descobrir se ele fa-lava mentira. Zeca não aceitou: saltou da mesa, os sapatos furados puseram um barulho mole no chão de barro, e gritou raivoso, defendendo-se:  
- Vavó, possa! Não sou ladrão! Não roubei nada! Só queria o serviço, juro, vavó! Os grandes soluços, as lágrimas brancas a descerem na cara magra dele, a cabeça encostada na mesa e escondida nos braços, todo o corpo a tremer sacudido com a dor desse falso, com a raiva que a fome trazia, calaram a boca de vavó. Lá fora, a chuva tinha começado cair mais fina e vagarosa, parecia era mesmo cacimbo e muitas pessoas já que adiantavam sair, os monas com suas brincadeiras de barcos de

luando e penas de pato nas cacimbas do musseque. Junto com os estalos da lenha a arder e o cantar da água na lata, os soluços de Zeca Santos enchiam a cubata com uma tristeza que, pouco-pouco, começou atacar vavó, fez a cabeça velha ficar abanar à toa, pensando essa vida assim, sem comida, trabalho nada, no choro do neto, nessa vez parece ele tinha razão. Mas também Zeca não ganhava mais juízo; quando estava ganhar o vencimento no emprego que lhe correram, só queria camisa, só queria calça de quinze em baixo, só queria peúga vermelha, mesmo que lhe avisava para guardar ainda um dinheiro, qual?! Refilava ele é que ganhava e só farra, farra, acordar tarde, sair nas corridas até que lhe despediram. Uma grande ternura, uma grande vontade de lhe deitar no colo como nos tempos do antigamente, de monandengue chorão e magrinho, adiantou entrar no coração dela, velho e cansado; para disfarçar, foi, sem barulho, desembulhar o pacote ela tinha trazido da Baixa.

A chuva já estava calada e um fresco vento molhado punha pequenas ondas nas águas barrentas das cacimbas, sacudia as gotas das folhas dos paus. Os zincos despregados batiam devagar com esse sopro. O barulho do papel a desembulhar debaixo da mesa, as costas dobradas de vavó, os pés dela, descalços e grossos, espetados no chão vermelho de lama, obrigaram Zeca Santos a levantar a cabeça ainda cheia de lágrimas. Tudo parecia-lhe agora mais claro, mais leve, sem tantas sombras; a dor na barriga já não estava lá, era só fresco, vazio, nesse sítio, parece mesmo não tinha mais nada, era oco aí, como as coisas dentro da cubata estavam também a ficar. E o olhar bom de vavó, desembulhando o jornal na frente dele, vinha de longe, parecia ela mesmo uma sombra.

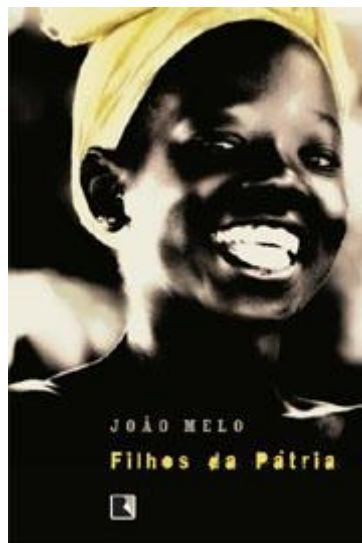
- Zeca! Olha ainda, menino... Parece estas coisas é mandioca pequena, vou lhes cozer. E tem esta laranja, vê ainda, menino! Arranjei para você... E foi nessa hora, com as coisas bem diante da cara, o sorriso de vavó cheio de amizade e tristeza, Zeca Santos sentiu uma vergonha antiga, uma vergonha que lhe fazia querer sempre as camisas coloridas, as calças como sô Jaime só quem sabia fazer, uma vergonha que não lhe deixava aceitar comida, como ainda nessa manhã: Maneco tinha querido dar meia-sandes, voltara-lhe. Agora enchia-lhe no peito, no coração. Fechou os olhos com força, com as mãos, para não ver o que sabia, para não sentir, não pensar mais o corpo velho e curvado de vavó, chupado da vida e dos cacimbos, debaixo da chuva, remexendo com suas mãos secas e cheias de nós os caixotes de lixo dos bairros da Baixa. As laranjas quase todas podres, só ainda um bocado é que se aproveitava em

cada uma e, o pior mesmo, aquelas mandiocas pequenas, encarnadas, vavó queria enganar, vavó queria lhes cozer para acabar com a lombriga a roer no estômago... Nem Zeca mesmo podia saber o que sucedeu: saltou, empurrou vavó Xíxi e, sem pensar mais nada, antes que as lágrimas iam lhe nascer outra vez nos olhos, saiu a gritar, a falar com voz rouca, a repetir parecia era maluco:

- São dalias, vavó! São flores, vavó! É a raiz das flores, vavó! A porta, inchada com a chuva, não entrou no caixilho dela. Bateu com força uma vez, duas vezes; ficou depois a ranger, a chorar baixinho essa saída de Zeca. Vavó Xíxi, no meio da cubata escura e cheia de fumo mal soprado, olhava a saída do neto, segurando nas mãos a tremer as raízes de dália e abanando a cabeça num lado e noutro, sem mesmo dar conta, parecia era um boneco de montra de lotaria.

[...]

## **ANEXOS B – João Melo**

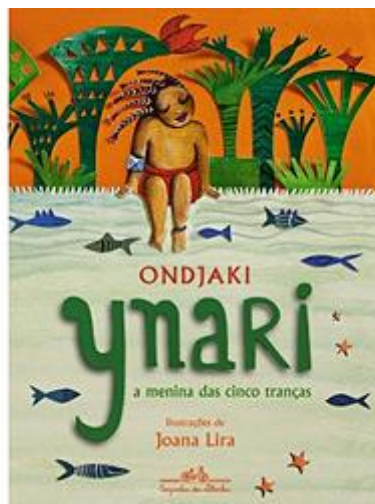


*Tio, mi dá só cem* (conto) – João Melo - Trecho

Tio, mi dá só cem, só cem mesmo pra comprar um pão, to então com fome, inda não comi nada desde antesdotem, os miúdos mi caçambularam com ele o ferro que um muata me deu, eu lhe vi quando ele chegou com a garina, parecia então filha dele, ou neta, sei lá, meteu o carro lá bem no fundão perto das pedras, eu dei um tempo, contei as

mãos, eu então sei contar tio, também andei na escola, cheguei até na quarta, a, bê, cê, dê, um, dois, três, quarto, num é assim tio, é assim sim senhor, não ri, foi meu professor quem disse, lá no mato adonde eu estava antes de vir aqui em Luanda como deslocado, uns dizem que lhes vimos, nem ouvimos, contudo, porém, lá no mato a gente não conhecia essas palavras mas também não estava a comer, só aqui mesmo é que andamos a comer, ai, estás a rir tio, num ri então, tu não sabes que tem comida de refugiado, de deslocado, de roto e esfarrapado, de desgraçado, lhe procuramos todas as noites nos contentores, lutamos, nos aleijamos, encontramos mesmo boas coisas, ossos de galinha assim com umas tiras recicláveis, sim, tio, recicláveis, esta palavra aprendi com uns moços que costumam aparecer por aqui, chegam de motoretas, dizem, nós somos da Juventude Verde, eu acho esquisito pois no meio deles só vejo, mulatos, tem até uns branquinhos, dizem temos aqui umas mudas de árvores pra vocês plantarem, nós lhes olhamos então de uma maneira que eles não entendem, são burros, muxoxamos entre nós árvores, árvores, queremos masé pancar, estamos embora com fome, com bué de fome, a nossa fome é tão grande que somos de capazes de matar estes moços verdes, todos eles bem nutridos, bonitinhos, bem cheirosos, o melhor mesmo é voltar a vasculhar os nossos contentores, às vezes mesmo encontramos coisas boas, carne de vaca moída que até não é preciso lhe mastigar mais, é só engolir e pronto, pedaços de pão todos esburacados parece levaram tiros, latas de cerveja, latas de gasosa, latas de sardinha, latas de atum, latas de feijão, latas de frutas, latas de doce, tantas latas, tantas, que eu acho que o mundo é uma granda lataria...

## ANEXO C - Ondjaki



## Sinopse

Ynari é uma menina com cinco tranças e muita vontade de conhecer as palavras do mundo. Certa manhã, passeando perto do rio, Ynari encontra um homem pequenino, de uma aldeia distante da sua, onde vivem muitos seres pequenos por fora e grandes por dentro, cada um com um dom mágico. Lá existe o velho muito velho que inventa as palavras e a velha muito velha que destrói as palavras.

Nessa sua jornada, Ynari também acaba descobrindo que a guerra faz parte do mundo: cinco aldeias da região estão lutando, cada qual por não ter algo que as outras aldeias possuem. Com a ajuda de suas cinco tranças, a menina vai dar aos povos as palavras que enfim lhes faltavam, mostrando que as crianças, com muita magia e ternura, podem mudar as aldeias e as ideias e acabar com todas as guerras. Mas Ynari também tem muito a aprender com essa aventura, como um novo sentido, cheio de magia, para uma palavra antiga: amizade. Em *Ynari, a menina das cinco tranças*, Ondjaki usa seu talento de poeta e a oralidade do português angolano para falar às crianças sobre as duras marcas que os quase trinta anos de guerra civil deixaram em seu país. Alguns termos típicos da cultura africana são esclarecidos em um glossário ao final do livro.

### *TRECHO do conto infantil:*

Era uma vez uma menina que tinha cinco tranças lindas e se chamava Ynari. Ela gostava muito de passear perto da sua aldeia, ver o campo, ouvir os passarinhos e sentar-se junto à margem do rio. Certa tarde, já o sol se punha, Ynari ouviu um barulho. Não eram os peixes que saltavam na água, não era o cágado que às vezes lhe fazia companhia, nem era um passarinho verde. Do capim alto saiu um homem muito pequenino com um sorriso muito grande. E, embora ele não fosse do tamanho dos homens da aldeia de Ynari, ela não se assustou. O homem muito pequenino andava devagarinho e devagarinho se aproximou.  
— Olá! — cumprimentou.

— Olá — respondeu Ynari, receando que estivesse a falar alto demais para o tamanho do ouvido do homem muito pequenino. — Desculpa, mas não sei o teu nome...

— Eu também não sei o meu nome... — desculpou-se o homem muito pequenino. — Mas chamam-me homem pequenino.

— Ah, está bem... — sorriu Ynari, enquanto se deitava na relva para ficar mais perto dele. — Eu tenho um nome só, quer dizer, uma só palavra: chamo-me Ynari.

— Ynari é um nome muito bonito — o homem pequenino sentou-se, ficando, assim, ainda menor.

— Posso fazer uma pergunta, homem muito pequenino?

— Podes fazer muitas perguntas.

— De onde vens?

— Venho da minha aldeia, que fica mais para cima, junto à nascente do rio.

— E lá, na tua aldeia, são todos pequeninos?

— Sim, somos todos menores que vocês, quer dizer, depende daquilo que entendemos por “pequeno”. Não achas?

— Nunca tinha pensado nisso. Sempre pensei que uma coisa menor fosse uma coisa pequena...

— Pode não ser assim... Conheces a palavra “coração”?

— Conheço! — sorriu Ynari. — E não é só uma palavra, é isto que bate dentro de nós — e mostrou no seu peito onde o coração batia.

— Claro, e... O coração é pequeno para ti?

— É... e não é! Cabe tanta coisa lá dentro, o amor, os nossos amigos, a nossa família...

— Vês? — disse o homem menor que ela. — Às vezes uma coisa pequenina pode ser tão grande...

Os dois ficaram por um tempo calados, olhando o sol que, do outro lado do rio, quase já tinha desaparecido. Assim, tão amarelada que estava a tarde, parecia que o sol se ia afogar no rio e que os peixes, saltando, se queimavam nos seus raios avermelhados.

Estiveram algum tempo assim, até que Ynari começou a brincar com as suas tranças: eram cinco tranças lindas, negras, compridas nina tinha olhos enormes que brilhavam muito e lábios carnudos muito bonitos.

— E tu, de onde vens? — perguntou o homem menor que Ynari.

— Eu venho daquela aldeia ali — apontou a menina na direção das cubatas. — Vivo ali com a minha mãe, o meu pai, a minha avó e o meu po vo.

— E quem te faz as tranças?